

**UNIVERSIDADE FEDERAL DE MINAS GERAIS
FACULDADE DE LETRAS PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM
ESTUDOS LINGÜÍSTICOS**

CLAUÂNE PÂMELA LEAL DIAS CAROLINO

**O COMPORTAMENTO DOS OBJETOS PÓS-VERBAIS EM
CONSTRUÇÕES APLICATIVAS DO CHANGANA**

BELO HORIZONTE

2023

CLAUÂNE PÂMELA LEAL DIAS CAROLINO

**O COMPORTAMENTO DOS OBJETOS PÓS-VERBAIS EM
CONSTRUÇÕES APLICATIVAS DO CHANGANA**

Dissertação apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Estudos Linguísticos da Faculdade de Letras da Universidade Federal de Minas Gerais, como requisito à obtenção do título de Mestre em Linguística.

Área de concentração: Linguística teórica e descritiva

Linha de pesquisa E: Estudos Formais de Língua

Orientador: Prof. Dr. Fábio Bonfim Duarte

Coorientador: Prof. Dr. David Alberto Seth Langa

BELO HORIZONTE

2023

C292c

Carolino, Clauâne Pâmela Leal Dias.

O comportamento dos objetos pós-verbais em construções aplicativas do Changana [manuscrito] / Clauâne Pâmela Leal Dias Carolino. – 2023.

1 recurso online (159 f. : il., fots., maps., tabs., color, p&b.) : pdf.

Orientador: Fábio Bonfim Duarte.

Coorientador: David Alberto Seth Langa.

Área de concentração: Linguística Teórica e Descritiva.

Linha de Pesquisa: Estudos Formais da Língua.

Dissertação (mestrado) – Universidade Federal de Minas Gerais, Faculdade de Letras.

Bibliografia: f. 149-151.

Anexos: f.152-155.

Exigências do sistema: Adobe Acrobat Reader.

1. Língua changana – Gramática – Teses. 2. Língua changana – Sintaxe – Teses. 3. Língua changana – Verbos – Teses. 4. Língua changana – Morfologia – Teses. 5. Línguas bantu – Teses. I. Duarte, Fábio Bonfim. II. Langa, David Alberto Seth. III. Universidade Federal de Minas Gerais. Faculdade de Letras. IV. Título.

CDD: 496.39



UNIVERSIDADE FEDERAL DE MINAS GERAIS
FACULDADE DE LETRAS
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM ESTUDOS LINGUÍSTICOS

FOLHA DE APROVAÇÃO

O comportamento dos objetos pós-verbais em construções aplicativas do Changana

CLAUÂNE PÂMELA LEAL DIAS CAROLINO

Dissertação submetida à Banca Examinadora designada pelo Colegiado do Programa de Pós-Graduação em ESTUDOS LINGUÍSTICOS, como requisito para obtenção do grau de Mestre em ESTUDOS LINGUÍSTICOS, área de concentração LINGUÍSTICA TEÓRICA E DESCRITIVA, linha de pesquisa Estudos Formais de Língua.

Aprovada em 29 de maio de 2023, pela banca constituída pelos membros:

Prof(a). Fábio Bonfim Duarte - Orientador

UFMG

Prof(a). Guilherme Lourenço de Souza

UFMG

Prof(a). Heloisa Maria Moreira Lima Salles

UnB

Belo Horizonte, 29 de maio de 2023.



Documento assinado eletronicamente por **Guilherme Lourenco de Souza, Professor do Magistério Superior**, em 30/05/2023, às 10:44, conforme horário oficial de Brasília, com fundamento no art. 5º do [Decreto nº 10.543, de 13 de novembro de 2020](#).



Documento assinado eletronicamente por **Fabio Bonfim Duarte, Professor do Magistério Superior**, em 30/05/2023, às 12:19, conforme horário oficial de Brasília, com fundamento no art. 5º do [Decreto nº 10.543, de 13 de novembro de 2020](#).



Documento assinado eletronicamente por **Heloisa Maria Moreira Lima de Almeida Salles, Usuária Externa**, em 15/07/2023, às 08:47, conforme horário oficial de Brasília, com fundamento no art. 5º do [Decreto nº 10.543, de 13 de novembro de 2020](#).



A autenticidade deste documento pode ser conferida no site https://sei.ufmg.br/sei/controlador_externo.php?acao=documento_conferir&id_orgao_acesso_externo=0, informando o código verificador **2322932** e o código CRC **812FC791**.

If you feel insignificant, you better think again
Better wake up because you're part of something way bigger
You're part of something way bigger
Not just a speck in the universe
Not just some words in a bible verse

You are the living word
Ah, you're part of something way bigger
Bigger than you, bigger than we
Bigger than the picture they framed us to see
But now we see it
And it ain't no secret, no

Beyoncé

AGRADECIMENTOS

A caminhada do mestrado definitivamente não foi fácil! Iniciar os estudos em meio a pandemia trouxe desafios com os quais eu não contava: estar longe dos amigos, dos cafés, das conversas, das risadas e dos surtos coletivos. Tudo isso abalou muito a minha empolgação de estar no mestrado.

Mas com o passar do tempo e com a adaptação às aulas on-line fui percebendo o quão importante era estar cercada por pessoas que me apoiam e me fazem acreditar em mim mesma. Chegar ao final dessa caminhada com esse sentimento de dever cumprido só foi possível graças a Deus, a minha família, meus amigos e meus professores.

Sou grata a Deus, por me encaminhar, me iluminar e me dar forças em todos os momentos da minha trajetória. Por ser Aquele que acolheu minhas dúvidas e desejos diariamente. Sem Sua orientação e proteção eu não teria chegado até aqui.

Sou grata a minha família, por todo apoio, incentivo e vibração positiva que sempre me deram. Obrigada por acreditarem em mim e por compreenderem os meus maus momentos. Todo apoio, cuidado e carinho de vocês me deu forças para continuar caminhando para dar orgulho a vocês.

Sou grata a minha mãe, que com muita coragem me criou, abdicando muito de si própria para me fornecer o melhor. Você sempre foi e será um exemplo de força e determinação para mim.

Sou grata ao meu esposo, amigo e companheiro, Luvison, que sempre esteve comigo me ajudando a enxergar as belezas desse caminho e a planejar novos passos para minha caminhada. Agradeço por você estar ao meu lado, por ser meu conselheiro e por sonhar junto comigo. Sua palavra amiga, compreensão e amor foram fundamentais para a minha jornada.

Sou grata a minha grande amiga, professora e mentora, Anya, que em todos os momentos de incertezas e receios pude recorrer. Sempre acolhendo minha dor, me recebendo com uma palavra amiga e me mostrando o quão grande eu sou e posso ser. Obrigada por ser um exemplo para mim!

Sou grata aos amigos da graduação e da vida: Emerson, Amanda, Élder, Guilherme, Kênia, Bárbara e Maria, que me adotaram desde o início da minha jornada acadêmica e sempre foram exemplos para mim. Admiro muito quem nós nos tornamos, somos mais fortes e sábios juntos! Obrigada por serem uma parte importante da minha vida e por tornarem essa jornada mais agradável.

Sou grata a família LALIAFRO: Julia, João, Tânia, Lorena, Bráulio, Bárbara, Ana Cláudia e Veronique, vocês foram fundamentais para me ensinar o que é trabalho em equipe. É lindo ver o quanto a gente se ajuda e o quanto vocês

me inspiram! Obrigada pela troca de experiências e pelo apoio mútuo em momentos de desafio. Foi uma honra aprender e crescer com vocês!

Sou grata a todos os meus professores da graduação e do mestrado, que me proporcionaram uma formação de altíssima qualidade, que me inspiraram por meio da dedicação em compartilhar seus conhecimentos e que me auxiliaram a chegar até aqui.

Por fim, e não menos importante, sou muito grata aos meus orientadores Fábio Duarte e David Langa, professores incríveis, apaixonados pelo o que fazem e inspirados em formar novos pesquisadores tão talentosos quanto eles são. Muito obrigada por compartilharem comigo os conhecimentos de vocês, por acreditarem que eu sou capaz e por dividirem comigo ferramentas para fazer a diferença na área da linguística teórica e descritiva. Sem a orientação de vocês, eu não teria alcançado este marco importante na minha carreira.

A todos vocês, muitíssimo obrigada! Este trabalho é o resultado de um esforço coletivo, e eu não teria chegado até aqui sem o apoio de cada um. Obrigada por fazerem parte da minha vida e da minha história.

CAROLINO, Clauâne Pâmela Leal Dias. **O comportamento dos objetos pós-verbais em construções aplicativas do Changana**. Belo Horizonte, 2023. Dissertação (Mestrado em Linguística Teórica e Descritiva) – Faculdade de Letras, Universidade Federal de Minas Gerais, Belo Horizonte, 2023.

RESUMO

A aplicativização é um fenômeno linguístico no qual um objeto aplicado é introduzido na estrutura verbal. Tal fenômeno é codificado por meio de uma categoria léxico-funcional, o núcleo aplicativo (Appl^o), que pode ser realizada morfológicamente por um sufixo. O processo de aplicativização é comumente realizado nas línguas do grupo linguístico Bantu — que pertence à subfamília Níger-Congo e à família linguística Congo-Kordofaniana. Esse fenômeno pode ser observado em Changana, uma língua bantu falada na região sul de Moçambique por cerca de 1.919.217 falantes, segundo o INE (2017), sendo classificada como S.53 por Guthrie (1967/71). A discussão proposta na literatura linguística (Bresnan e Moshi, 1990; Pyllkkänen, 2008) é a de que a aplicativização engatilha a inserção de um objeto aplicado (AO) que possui propriedades sintático-semânticas distintas como, por exemplo, a possibilidade de ser passivizado ou marcado no verbo; o licenciamento de papéis temáticos distintos e a relação semântica que mantém dentro da estrutura a qual é inserido. À luz dos trabalhos de Chomsky (2001) e McGinnis (2008) e a partir de dados de Changana coletados por meio da revisão bibliográfica do trabalho de Chimbutane (2002) e por meio de questionário, o objetivo deste trabalho é relacionar as diferentes propriedades sintático-semânticas dos objetos pós-verbais à proposta de derivação por fase, observando que existe uma relação entre a derivação sintática das construções aplicativas e o comportamento sintático-semântico dos objetos aplicado e direto. A hipótese que levanto é que os dados da língua Changana apresentam núcleo aplicativo alto, que encabeça uma fase, de modo que nos contextos não-marcados esse núcleo não aciona o traço EPP de margem, impossibilitando que o objeto direto saia do nível VP e gerando construções assimétricas. Enquanto em construções aplicativas focalizadas o núcleo aplicativo dispõe do traço EPP possibilitando que o objeto direto seja focalizado ou marcado no objeto e gerando construções simétricas. A justificativa deste trabalho se dá pela intenção de divulgar trabalhos da linha teórico-descritiva desenvolvidos a partir do estudo de línguas minoritárias, uma vez que, embora as línguas Bantu sejam muitas e diversas, poucos trabalhos teórico-descritivos são encontrados na literatura linguística.

Palavras-chave: aplicativização, objeto aplicado, objeto direto, comportamento assimétrico e simétrico, derivação sintática, Changana.

CAROLINO, Clauâne Pâmela Leal Dias. **The behavior of post-verbal objects in Changana's applicative constructions.** Belo Horizonte, 2023. Dissertation (Master's in Theoretical and Descriptive Linguistics) – Faculdade de Letras, Universidade Federal de Minas Gerais, Belo Horizonte, 2023.

ABSTRACT

Applicativization is a linguistic phenomenon in which an applied object is introduced into the verbal structure. This phenomenon is encoded by means of a lexical-functional category, the applicative head (Appl^o), which can be realized morphologically by a suffix. The process of applicativization is commonly carried out in languages of the Bantu language group - which belongs to the Niger-Congo subfamily and the Congo-Kordofanian language family. This phenomenon can be observed in Changana, a Bantu language spoken in the southern region of Mozambique by about 1,919,217 speakers, according to INE (2017), being classified as S.53 by Guthrie (1967/71). The discussion proposed in the linguistic literature (Bresnan and Moshi, 1990; Pylkkänen, 2008) is that this process engages the insertion of an applied object (AO) that has distinct syntactic-semantic properties such as, for example, the possibility of being passivized or marked on the verb; the licensing of distinct thematic roles and the semantic relationship it maintains within the structure to which it is inserted. In light of Chomsky's (2001) and McGinnis' (2008) works and based on Changana data collected through a literature review of Chimbutane's (2002) work and by means of a questionnaire, the aim of this paper is to relate the different syntactic-semantic properties of postverbal objects to the proposal of derivation by phase, observing that there is a relationship between the syntactic derivation of applicative constructions and the syntactic-semantic behavior of applied and direct objects. The hypothesis I raise is that the Changana language data present a high applicative head that heads a phase so that in unmarked contexts this head does not trigger the edge-feature, EPP, making it impossible for the direct object to leave the VP level and generating asymmetric constructions. While in focused applicative constructions the applicative head has the EPP feature enabling the direct object to be focused or marked on the object and generating symmetric constructions. The justification of this paper is the intention of disseminating theoretical-descriptive work developed from the study of minority languages, since, although the Bantu languages are many and diverse, few theoretical-descriptive works are found in the linguistic literature.

Keywords: applicativization, applied object, direct object, asymmetric and symmetric behavior, syntactic derivation, Changana.

LISTA DE FIGURAS E TABELAS

Figura 1 - Mapa da distribuição das línguas bantu	33
Figura 2 - Províncias moçambicanas que falam Changana	34
Figura 3 - Vogais do Changana	36
Figura 4 - Estrutura silábica do Changana.....	44
Figura 5 - Estrutura do verbo.....	56
Tabela 1 - Formatação dos dados.....	30
Tabela 2 - Consoantes simples da língua Changana	38
Tabela 3 - Consoantes combinadas da língua Changana	40
Tabela 4 - Consoantes pré-nasalizadas da língua Changana	42
Tabela 5 - Realização das classes nominais em Changana.....	49
Tabela 6 - Classes nominais do Changana	50
Tabela 7 - Semântica das classes nominais	54
Tabela 8 - Papéis temáticos atribuído ao objeto aplicado em Changana	71

LISTA DE SIGLAS E ABREVIATURAS

1ªP.S.	1ª Pessoa do Singular
ACC	Caso Acusativo
AE	Argumento Externo
AI	Argumento Interno
AO	Objeto Aplicado
APPL	Marca de Aplicativização
Appl°	Núcleo Aplicativo
ApplP	Sintagma Aplicativo
C°	Núcleo Complementizador
cl.	Classe Nominal
cls.	Classes Nominais
CP	Sintagma Complementizador
D	Tema Derivacional
D°	Núcleo Determinante
DAT	Caso Dativo
DEM	Demonstrativo
DET	Determinante
DO	Objeto Direto
DP	Sintagma Determinante
EPP	Princípio de Projeção Estendida
Exts.	Extensões Verbais
F	Tema Flexional
FOC	Marca de Focalização/ Traço de Foco
Foc°	Núcleo de Foco
FocP	Sintagma de Foco
FUT	Marca de Futuro
IAV	Posição Imediatamente Após o Verbo
INE	Instituto Nacional de Estatística
LOC	Marca de Locativo
MN	Marca de Negação
MO	Marca de Objeto
MS	Marca de Sujeito
MT	Marca de Tempo

NEG	Marca de Negação
NOM	Caso Nominativo
NP	Sintagma Nominal
OVS	Ordem Objeto, Verbo e Sujeito
P°	Núcleo Preposicional
PAS	Marca de Passivização
PIC	Condição de Impenetrabilidade de Fase
PLAIN	Nível de Formalidade no Sistema Honorífico Coreano
PP	Sintagma Preposicional
PREP	Preposição
PRES	Tempo Presente
PROG	Aspecto Progressivo
PSD	Tempo Passado
REC	Marca de Reciprocalização
S	Sujeito
Spec	Posição de Especificador
SVO	Ordem Sujeito, Verbo e Objeto
T°	Núcleo de Tempo
TAM	Marcas de Tempo, Aspecto e Modo
TP	Sintagma Temporal
UTAH	Hipótese da Uniformidade de Atribuição Teta
V	Verbo
V°	Núcleo Verbal
VF	Vogal Final
VOS	Ordem Verbo, Objeto e Sujeito
VP	Sintagma Verbal
VSO	Ordem Verbo, Sujeito e Objeto

SUMÁRIO

Capítulo 1: Introdução.....	16
1.1. Justificativa.....	27
1.2. Problema de pesquisa.....	27
1.3. Hipótese	28
1.4. Metodologia	29
1.5. Organização dos capítulos.....	31
Capítulo 2: Aspectos da gramática da língua Changana	32
2.1. A língua Changana	32
2.2. Aspectos fonéticos e fonológicos	35
2.2.1. Os segmentos vocálicos	35
2.2.2. Os segmentos consonantais	38
2.2.3. Padrão silábico.....	44
2.2.4. Tom.....	45
2.3. Aspectos morfossintáticos.....	47
2.3.1. Estrutura do nome	47
2.3.2. Estrutura do verbo.....	55
2.3.3. Estrutura da sentença	60
2.4. Resumo do capítulo	63
Capítulo 3: Aporte teórico	64
3.1. Tipologia dos núcleos aplicativos	64
3.2. Papéis temáticos e relações sintático-semânticas	70
3.3. Tipologia das línguas simétricas e assimétricas	74
3.4. Derivação sintática das estruturas aplicativa	80
3.5. Posição de foco.....	86
3.6. Resumo do capítulo	89
Capítulo 4: Apresentação dos dados relevantes	92
4.1. Tipologia das bases verbais que admitem a afixação do morfema {-el-}	93

4.2.	Natureza dos papéis temáticos atribuídos ao objeto aplicado	101
4.3.	Comportamento dos objetos pós-verbais	104
4.3.1.	Construções aplicativas não-marcadas.....	104
4.3.2.	Construções aplicativas marcadas pela focalização	110
4.4.	Resumo do capítulo	114
Capítulo 5: Proposta teórica		116
5.1.	Derivando as estruturas aplicativas.....	118
5.1.1.	Construções transitivas não-derivadas	120
5.1.2.	Construções derivadas por aplicativização	122
5.2.	A estrutura do núcleo aplicativo e a focalização em construções aplicativas	124
5.3.	Derivando as construções aplicativas passivizadas	127
5.4.	Derivando as construções aplicativas com marca de objeto.....	131
5.5.	Derivando construções aplicativas focalizadas	136
5.5.1.	Derivando construções aplicativas focalizadas com marca de objeto.....	142
5.6.	Resumo do Capítulo.....	147
Capítulo 6: Considerações finais		149
Capítulo 7: Referências		153
Apêndices		156

CAPÍTULO 1: INTRODUÇÃO

Esta dissertação tem por objetivo a análise das construções aplicativas em Changana. Pode-se afirmar que o processo de aplicativização é um fenômeno linguístico no qual a introdução do núcleo aplicativo (Appl^o) à estrutura verbal licencia a inserção de um novo argumento, ou seja, trata-se de uma estratégia de aumento de valência verbal. O argumento inserido nesse processo é conhecido na literatura linguística como objeto aplicado (AO, do inglês *applied object*). Comparem-se os exemplos a seguir:

(1) Hahani axavile svidonsana.

Ø-Hahani	a-xav-ile	svi-donsana.
1-tia	1MS-comprar-PSD	8-doce

‘Minha tia comprou alguns doces.’

(2) Hahani axavelile vatsongwana svidonsana.

Ø-Hahani	a-xav-el-ile	va-tsongwana	svi-donsana.
1-tia	1MS-comprar-APPL-PSD	2-criança	8-doce

‘Minha tia comprou alguns doces para as crianças.’

(Chimbutane, 2002, adaptado)

Em (1) verificamos a construção não-derivada na qual há apenas o objeto direto *svidonsana* ‘doces’, ao passo que em (2) se encontra a construção derivada por aplicativização, na qual é introduzido o morfema aplicativo {-el},

imediatamente após a raiz verbal, gerando a introdução do objeto aplicado *vatsongwana* ‘crianças’.

A aplicativização é um fenômeno linguístico comum às línguas bantu e, por esse motivo, a análise do comportamento dos objetos pós-verbais, a saber o objeto aplicado e o objeto direto das construções aplicativas, será o tema central a ser explorado nesta dissertação.

Assumirei que o núcleo aplicativo é uma categoria léxico-funcional que nas línguas bantu é realizado pela extensão verbal aplicativa que ocorre na posição imediatamente adjacente à direita da raiz verbal. Sendo assim, nessas línguas o núcleo aplicativo pode ser realizado morfologicamente por meio de um sufixo, realizado em Changana pelo morfema {-el}, conforme se vê pelo exemplo em (2) acima.

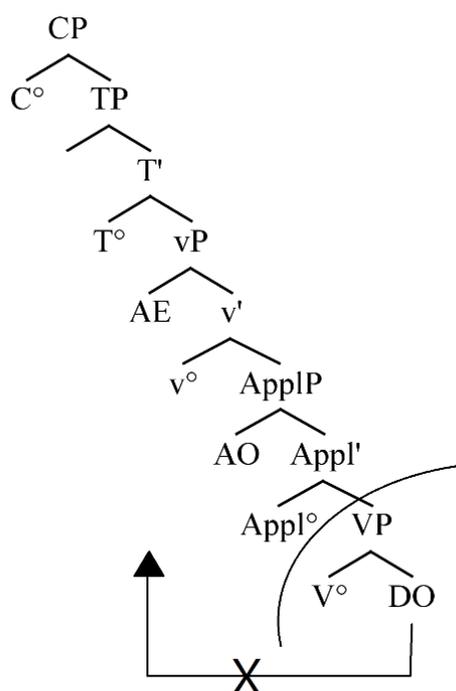
Estudos sobre construções aplicativas em línguas bantu (Bresnan e Moshi, 1990; Chimbutane, 2002; Mchombo, 2004; e Ngonyani & Githinji, 2006) demonstram que o comportamento dos objetos pós-verbais — objeto aplicado (AO) e objeto direto (DO, do inglês *direct object*) — se diferem no que diz respeito às funções sintático-semânticas atribuídas a eles.

Partindo dessa premissa, neste trabalho, são analisados aspectos relacionados (i) aos papéis temáticos atribuídos ao objeto aplicado; (ii) ao tipo de relação semântica que o objeto aplicado desempenha na estrutura verbal; (iii) às

operações sintáticas licenciadas aos objetos; e à derivação sintática das construções aplicativas (veja Capítulo 3).

A tese principal que pretendemos desenvolver neste trabalho é a de que a derivação sintática das construções aplicativas transitivas não-marcadas não permite que o objeto direto participe de operações sintáticas fora do domínio VP, conforme mostra o diagrama arbóreo a seguir:

(3) Agramaticalidade do movimento do objeto direto em construções aplicativas transitivas não-marcadas



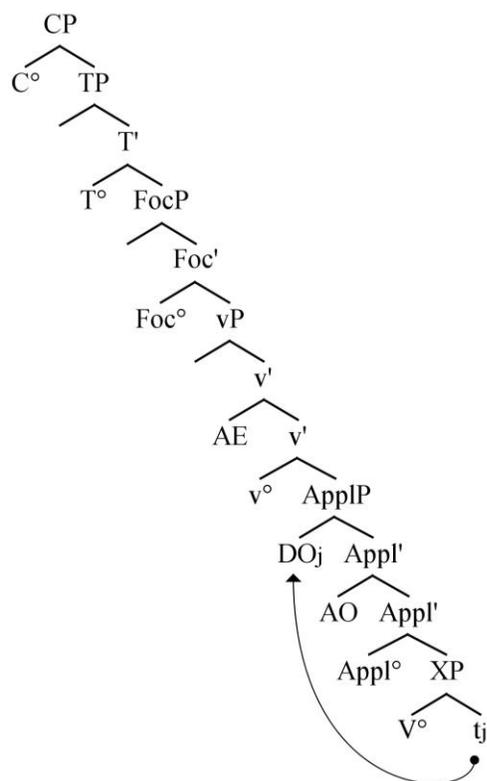
Domínio VP enviado para spell-out

Fonte: Elaborada pela autora

Na estrutura arbórea acima, há o domínio VP composto pelo núcleo V° e seu complemento, DO. Nossa proposta é que, haja vista que o núcleo aplicativo não aciona o traço de margem (EPP), o nível VP é enviado para o componente fonológico pela operação *spell-out*, quando a projeção máxima ApplP se junta ao núcleo v° . O envio do nível VP para *spell-out* faz com que o objeto direto fique retido no domínio VP e, portanto, o objeto direto se torna inacessível para interagir em operações sintáticas que ocorrem nas fases $v/T/CP$. Sendo assim, o VP após o *spell-out* funciona como uma ilha sintática.

Em contrapartida quando as construções aplicativas transitivas são marcadas por meio da operação de focalização o objeto direto pode se mover do domínio do VP permanecendo, dessa forma, disponível para operações sintáticas em níveis mais altos na estrutura sintática, como demonstrado no mapeamento a seguir:

(4) Movimento do objeto direto em construções transitivas focalizadas



Fonte: Elaborada pela autora

Diferentemente, propomos a partir do mapeamento acima que o núcleo aplicativo dispõe do traço de margem nas construções aplicativos focalizadas, projetando assim uma posição de especificador extra para a qual o objeto direto é atraído antes que o domínio VP seja enviado para *spell-out*. Assim o objeto direto permanece visível para as sondas v° e Foc° .

Desta maneira, assumo que há em Changana construções, como em (3), que apresentam comportamento assimétrico dos objetos pós-verbais, de modo que o objeto direto é impedido de participar de operações como passivização e marcação de objeto. Porém, a língua também apresenta construções que exibem um comportamento simétrico, como em (4), nas quais o objeto aplicado e o objeto direto permanecem ativos para participar das operações nos níveis mais altos da estrutura (veja Capítulo 4).

Ademais, observa-se que, em Changana, a extensão applicativa é realizada morfológicamente por meio do sufixo {-el-}, que se afixa imediatamente após a raiz verbal, como demonstrado abaixo:

(5) a) kuwa ‘cair’	kuwela ‘cair em/sobre’
kutirha ‘trabalhar’	kutirhela ‘trabalhar por/para’
kutlanga ‘brincar’	kutlangela ‘brincar em’
b) kuxava ‘comprar’	kuxavela ‘comprar para’
kutsala ‘escrever’	kutsalela ‘escrever para’

Nos exemplos acima, nota-se que o morfema {ku-} é o prefixo a classe nominal 15 dos verbos no infinitivo e o sufixo {-a} designa a vogal final. Os morfemas {-w-}, {-tirh-}, {-tlang-}, {-xav-} e {-tsal-} são as raízes verbais, sendo as formas em (5a) intransitivas e em (5b) transitivas.

O argumento inserido por meio do processo de aplicativização apresenta propriedades sintático-semânticas distintas. No que diz respeito à semântica do

objeto aplicado, é possível observar que os objetos aplicados podem receber diferentes papéis temáticos, como demonstram os dados a seguir:

- (6) Xipachi xiwelile mamani.
 Xi-pachi xi-w-**el**-ile Ø-**mamani**.
 7-carteira 7MS-cair- APPL-PSD 1-mamãe
 ‘A carteira caiu na/sobre a mamãe.’
- (7) B’ava atirhela mali.
 Ø-B’ava a- Ø-tirh-**el**-a. Ø-**mali**.
 1-papai 1MS-PRES-trabalhar-APPL-VF 9-dinheiro
 ‘O pai trabalha por dinheiro.’
- (8) Svihlangi svotlangela xitaratwini
 Svi-hlangi sv-o-tlang-**el**-a. **xi-taratw-ini**
 8-criança 8MS-PROG-brincar-APPL-VF 7-rua-LOC
 ‘As crianças estão brincando na rua.’
- (9) Hahani axavelile vatsongwana svidonsana.
 Ø-Hahani a-xav-**el**-ile **va-tsongwana** svi-donsana.
 1-tia 1MS-comprar-APPL-PSD 2-criança 8-doce
 ‘Minha tia comprou alguns doces para as crianças.’
- (10) Varimi vatsalelile mfumu papila.
 Va-rimi va-tsal-**el**-ile **m-fumu** Ø-papila.
 2-agricultor 2MS-escrever- APPL-PSD 3-governo 5-carta
 ‘Os agricultores escreveram uma carta para o governo.’

(Chimbutane, 2002, adaptado)

Os dados apresentados acima evidenciam o fato de que o papel temático do argumento aplicado varia a depender do contexto gramatical. Assim sendo, em (6), o argumento ‘*mamani*’ recebe o papel temático de MALEFICIÁRIO; em (7)

o argumento ‘*mali*’ recebe papel temático de MOTIVO ou RAZÃO; em (8) o argumento ‘*xitaratwini*’ recebe papel temático de LOCATIVO; em (9) o argumento ‘*vatsongwana*’ recebe papel temático de BENEFICIÁRIO; e em (10) o argumento ‘*mfumu*’ recebe papel temático de GOAL.

Ainda sobre os papéis temáticos licenciados ao objeto aplicado em Changana, cabe ressaltar que o argumento com papel temático de INSTRUMENTO não é introduzido a partir da estratégia de aplicativização nessa língua, embora este processo ocorra em outras línguas bantu como, por exemplo em Chichewa (MCHOMBO, 2004) e Cinyungwe (CÂMARA, 2015). Os dados em (11) e (12), abaixo, demonstram que a língua Changana introduz argumentos com semântica instrumental a partir de sintagmas preposicionais (PP’s, do inglês *prepositional phrase*):

(11) Vapfumba vate hi xitimela.

Va-pfumba	va-t-e	hi	xi-timela
2-convidado	2MS-vir-PSD	PREP	7-trem

‘Os convidados vieram de trem.’

(12) *Vapfumba vatele hi xitimela.

Va-pfumba	va-t- el -e	hi	xi-timela
2-convidado	2MS-vir-APPL-PSD	PREP	7-trem

‘Os convidados vieram de trem.’

(Chimbutane, 2002, adaptado)

Observa-se que em (11) o argumento ‘*xitimela*’, que possui semântica de instrumento, é introduzido pela preposição ‘*hi*’, enquanto em (12), a introdução do morfema aplicativo {-el-} gera uma sentença agramatical na língua.

No que concerne ao comportamento sintático do objeto aplicado, observa-se que o morfema aplicativo {-el-} pode ser afixado tanto a raízes intransitivas, como a base inacusativa em (6) e a base inergativa em (7) e (8); quanto a raízes transitivas, como nos dados (9) e (10). Para os fins deste trabalho, o escopo da pesquisa é delimitar o processo de aplicativização de raízes transitivas, uma vez que o objetivo do trabalho é analisar o comportamento do objeto aplicado e do objeto direto.

Ainda se tratando do comportamento sintático dos objetos em construções aplicativas, nota-se que parece haver uma restrição quanto ao argumento que pode alçar a posição de sujeito em construções aplicativas passivizadas, como se observa nos dados (13) e (14), abaixo:

(13) Vapfumba vasvekeliva tihlampfi (hi hahani)

Va-pfumba va-svek-**el**-iw-a ti-hlampfi (hi hahani)
 2-convidado 2MS-cozinhar-APPL-PAS-VF 10-peixe por 1-tia
 Lit. ‘Os convidados estão sendo cozinhados alguns peixes (por minha tia).’

(14) *Tihlampfi tisvekeliva vapfumba (hi hahani)

Ti-hlampfi ti-svek-**el**-iw-a **va-pfumba** (hi hahani)
 10-peixe 10MS-cozinhar- APPL-PAS-VF 2-convidado por 1-tia
 Lit. ‘Alguns peixes estão sendo cozinhados convidados (por minha tia).’

(Chimbutane, 2002, Adaptado)

Em (13), observamos que o alçamento do objeto aplicado *vapfumba* ‘convidados’ gera uma sentença gramatical, enquanto em (14) o alçamento do objeto direto *tihlampfi* ‘peixes’ gera uma sentença agramatical. A restrição apresentada sugere que nesse contexto o objeto aplicado é o argumento elegível na derivação sintática para a operação de passivização, enquanto a passivização do objeto direto é bloqueada.

Nota-se ainda outra restrição quanto ao argumento que pode ser marcado no verbo pelos prefixos que correferenciam o objeto. Os dados abaixo mostram contextos em que ocorrem a marcação de objeto no verbo em construções applicativas. Note que, em (15), a marca de objeto {-va-} se refere ao objeto aplicado *vapfumba* ‘convidados’, gerando uma sentença gramatical. Enquanto em (16), a ocorrência da marca de objeto {-ti-} no verbo, para fazer referência ao objeto direto *tihlampfi*, gera uma sentença agramatical. Como apontam os dados abaixo:

(15) Hahani avasvekela tihlampfi (vapfumba).

Hahani	a-va-svek-el-a	ti-hlampfi	(va-pfumba)
1-tia	1MS-2MO-cozinhar-APPL-VF	10-fish	2-guest

‘Minha tia está cozinhando peixes para eles, (os convidados).’

nas construções derivadas pelo processo de aplicativização a partir de bases verbais transitivas. Tendo em conta essas assunções, outro objetivo é identificar qual é o tipo de núcleo aplicativo que é licenciado nas construções aplicativas dessa língua. Para tal, utilizamos pressupostos teóricos advindos da sintaxe gerativa para explicar o comportamento dos argumentos pós-verbais nas construções aplicativas.

1.1. JUSTIFICATIVA

A proposta de abordar esse tema de estudo deve-se à observação de que na literatura linguística ainda há uma quantidade limitada de trabalhos que se debruçaram sobre fenômeno linguístico de aplicativização na língua Changaná sob a perspectiva da teoria gerativa. Este trabalho, portanto, objetiva contribuir com a descrição e análise dos aspectos sintático-semânticos de construções aplicativas dessa língua sob a perspectiva do modelo de fase tal como proposto em Chomsky (2001) e McGinnis (2008).

1.2. PROBLEMA DE PESQUISA

A pesquisa, aqui proposta, tem como propósito responder à seguinte questão: quais são as propriedades sintático-semânticas que motivam o comportamento do objeto aplicado e do objeto direto em construções aplicativas?

1.3. HIPÓTESE

Ao analisar o comportamento do objeto aplicado e do objeto direto em construções aplicativas transitivas do Changana é possível identificar restrições no comportamento dos objetos pós-verbais no que diz respeito ao mapeamento sintático desses objetos e a disponibilidade deles em participar de operações gramaticais como, passivização e marcação de objeto.

A hipótese que desenvolvemos nesta dissertação é a de que essa hierarquia está pautada em questões de natureza sintático-semântica. Em conformidade com a Hipótese da Uniformidade de Atribuição Teta (UTAH), desenvolvida por Baker (1988), a relação entre papéis temáticos e posições sintáticas é expressa de forma hierárquica no processo de computação sintática. Sendo assim, as posições em que os argumentos são gerados seguem um padrão hierárquico relacionado ao papel temático atribuído a cada argumento em determinada posição sintática.

A partir da proposta de derivação por fase, tal como desenvolvido em Chomsky (2001), o processo de computação das sentenças se dá em blocos sintáticos, de modo que, após a valoração de traços ininterpretáveis, o domínio fásico é enviado para o componente fonológico, tornando os argumentos deste domínio inacessíveis a operações gramaticais em níveis hierarquicamente mais altos da estrutura.

Em suma, a hipótese que pretendemos advogar nesse trabalho é a de que, considerando a posição em que são gerados, os argumentos respeitam a Hierarquia Temática. Todavia, o fato de ocorrerem em posições sintáticas distintas àquela em que recebem interpretação semântica se deve a operações de movimento que alçam esses argumentos de sua posição de base para uma posição mais alta na estrutura sintática. Conforme veremos, essas operações de deslocamento se devem à necessidade de valoração de traços formais ininterpretáveis.

1.4. METODOLOGIA

Este trabalho insere-se em uma metodologia de trabalho qualitativa de natureza teórico-descritiva. Uma vez que para sua elaboração foi utilizado um conjunto restrito de dados, a fim de se descrever o comportamento do fenômeno de aplicativização na língua. E a partir dessa descrição, desenvolver uma proposta teórica a luz da teoria gerativa, especificamente do Programa Minimalista, para explicar o funcionamento do recorte de construções aplicativas analisadas.

Para a elaboração deste trabalho foram utilizados dados do trabalho de Chimbutane (2002). A partir dele foram selecionadas construções não-derivadas e construções derivadas pelo processo de aplicativização. Por meio de sentenças com verbos inacusativos, inergativos e transitivos na forma não-derivada que por meio da aplicativização se tornam verbos de dois e três lugares.

Algumas adaptações no que diz respeito a tradução da glosa e rotulações foram feitas nos dados originais para garantir a padronização e adequação ao trabalho. Os dados seguem o seguinte padrão:

Tabela 1 - Formatação dos dados

Linha 1	Sentença original em Changana
Linha 2	Divisão dos morfemas
Linha 3	Rotulação dos morfemas
Linha 4	Tradução para o Português

Fonte: Elaborada pela autora

O grupo de verbos tratado de forma mais robusta neste trabalho foi o dos verbos de dois lugares na forma não-derivada que se tornam de três lugares com a aplicativização. Isso porque o objetivo deste trabalho é investigar a interação do comportamento do objeto aplicado, que é introduzido pelo núcleo aplicativo (Appl^o), e do objeto direto, que é introduzido pelo núcleo verbal (V^o).

Para tal análise foram selecionadas as operações gramaticais de passivização e de marcação de objeto. O objetivo de tal seleção foi fazer um recorte dos contextos sintáticos nos quais seria possível observar o comportamento dos objetos pós-verbais.

Além da coleta de dados por revisão bibliográfica, neste trabalho foram utilizados dados criados e em seguida testados com um falante de Changana. Estes

dados foram coletados por meio de um questionário que apresentava as sentenças criadas em Changana e traduzidas em Português, acompanhadas de teste de agramaticalidade e aceitabilidade. O leitor pode consultar esse questionário na seção Apêndices que acompanha este trabalho.

1.5. ORGANIZAÇÃO DOS CAPÍTULOS

Este trabalho encontra-se organizado da seguinte forma. No Capítulo 1, foi apresentado o escopo deste trabalho. No Capítulo 2, apresento informações sobre a gramática geral da língua Changana. No Capítulo 3, discuto as principais teorias por meio das quais este trabalho se sustenta. No Capítulo 4, descrevo detalhadamente a derivação das construções aplicativas. No Capítulo 5, elaboro a proposta teórica da dissertação. E, finalmente no Capítulo 6, apresento as considerações finais, seguidas das principais referências bibliográficas consultadas e da seção Apêndices.

CAPÍTULO 2: ASPECTOS DA GRAMÁTICA DA LÍNGUA CHANGANA

Este capítulo tem por objetivo apresentar uma breve descrição de aspectos da gramática da língua Changana. Analisaremos (i) a classificação e localização da língua Changana; (ii) os aspectos fonético-fonológicos da língua e (iii) os aspectos morfossintáticos da língua. O intuito é fornecer ao leitor um panorama de aspectos gramaticais que podem servir para permitir uma visão geral sobre o funcionamento da língua, antes de entrarmos no tema principal da dissertação, que é a análise do comportamento dos objetos pós-verbais nas construções aplicativas.

O capítulo está organizado em quatro seções. A seção 2.1 apresenta a língua Changana; a seção 2.2 discute aspectos da fonética e fonologia da língua; a seção 2.3 investiga aspectos da morfologia e sintaxe da língua e, por fim, a seção 2.4 apresenta o resumo do capítulo.

2.1. A LÍNGUA CHANGANA

A língua Changana — também conhecida como Xichangana ou Tsonga — faz parte do grupo linguístico bantu, pertencente à família Congo-Kordofaniana e subfamília Níger-Congo (Ngunga, 2004), que se estende pela área destacada em verde no mapa abaixo:

Figura 1 - Mapa da distribuição das línguas bantu

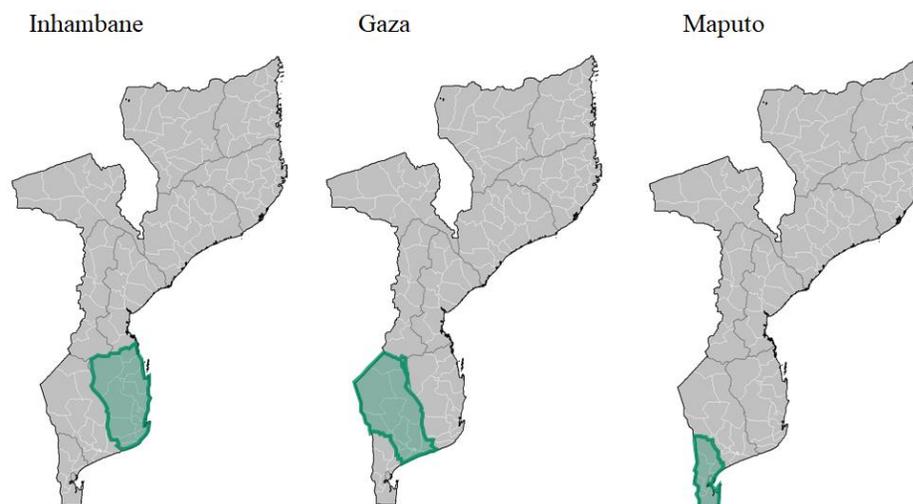


Fonte: Manual de Línguas Moçambicanas (2018) Disponível em:

< <http://ead.mined.gov.mz/manuais/Linguas%20Mocambicanas/> > Acesso em: 21 de abril de 2023

A língua é falada na região austral do continente africano, em países como Moçambique, África do Sul e Zimbábue. Em Moçambique, o Changana é uma das línguas nacionais, sendo falada nas províncias de Inhambane, Gaza e Maputo, destacadas no mapa abaixo:

Figura 2 - Províncias moçambicanas que falam Changana



Fonte: Portal do Governo de Moçambique (adaptada)

Segundo o Instituto Nacional de Estatística (INE, 2017), a língua Changana possui uma população de 1.919.217 falantes, sendo a terceira língua mais falada em Moçambique. Em primeiro lugar está a língua Emakhuwa com 5.813.083 falantes, seguida do Português com 3.686.890.

A partir da classificação de Guthrie (1967/71), a língua Changana (S.53) pertence ao grupo Tshwa-Rhonga (S.50), neste grupo há também as línguas Tshwa (S. 51), Gwamba (S.52) e Rhonga (S.54). Autores como Ngunga e Simbine (2012) e Langa (2013) apontam que a língua Changana possui cinco variantes, a saber:

“a) Xihlanganu (falada nos distritos de Namaacha, Muamba e Magude);

- b) Xidzonga (falada nos distritos de Magude, Bilene e parte de Massingir);
- c) Xin'walungu (falada no distrito Massingir);
- d) Xibila (falada no vale do Limpopo e parte do distrito de Chibuto);
- e) Xihlengwe (falada nos distritos de Xai-xai, Manjacaze, Chibuto, Guija, Chicualacuala, Panda, Morrumbene, Massinga, Vilanculos e Guvuro.”

(Langa, 2013, pp.22-23)

2.2. ASPECTOS FONÉTICOS E FONOLÓGICOS

Nesta seção abordaremos aspectos da fonética e fonologia da língua Changana. Para tal, apresentaremos o inventário fonológico, os principais processos fonológicos, a estrutura silábica e o padrão tonal da língua.

2.2.1. OS SEGMENTOS VOCÁLICOS

Os segmentos vocálicos, ou vogais, são sons produzidos sem a obstrução da passagem do ar. Na análise desses segmentos são levadas em consideração a altura da língua: baixa, média (média-baixa e média-alta) e alta; o posicionamento da língua na cavidade oral: anterior ou posterior; e o arredondamento ou não-arredondamento dos lábios.

Na língua Changana, observa-se que há um conjunto de cinco vogais. Na figura abaixo, observamos as vogais primárias baixa [a] e altas [i, u] e as vogais secundárias médias [e, o]:

Figura 3 - Vogais do Changana

	anteriores	centrais	recuadas
altas	i		u
médias	e		o
baixa		a	

Fonte: Ngunga e Simbine (2012, p. 25)

Conforme Ngunga e Simbine (2012), não há em Changana um uso distintivo do alongamento das vogais, ou seja, não se distingue semanticamente palavras por alongamento de vogais. Entretanto, o alongamento de vogais acontece em palavras do Changana de modo que “a localização da vogal na palavra pode fazer com que ela seja pronunciada com maior ou menor duração” (Ngunga e Simbine, 2012, p. 26). Isso acontece porque quando a vogal ocupa a penúltima sílaba da palavra ela é pronunciada de forma alongada. Observe os dados a seguir:

- (17) a) [vâ:.nhù.] ‘pessoas’
 b) [á.nsá:.vá.] ‘grão de areia’
 c) [vá.và.sá:.tí.] ‘mulheres’

(Langa, 2013, adaptado)

Nos dados acima, observamos palavras com diferentes números de sílabas — 2 sílabas em (17a); 3 sílabas em (17b) e 4 sílabas em (17c) —, entretanto em todos os casos a penúltima sílaba é alongada.

É comum em Changana, assim como em outras línguas bantu, a ocorrência de estratégias para desfazer hiatos, ou seja, o encontro de sons com mesma qualidade dentro das palavras. Langa (2013), apresenta alguns processos fonológicos que visam desfazer os encontros vocálicos na língua, tais como a semivocalização, a fusão ou coalescência e a elisão.

O primeiro deles é a semivocalização, que consiste no processo de alteração de uma vogal para uma semivogal. Por exemplo, na palavra *xitùlwini* ‘na cadeira’ temos o nome *xitùlù* ‘cadeira’, ao qual é afixado o sufixo locativo {-*ini*}. No processo de derivação dessa palavra, ocorre o encontro da vogal final do tema [u] e da vogal inicial do sufixo [i], isso faz com que a última vogal do tema sofra semivocalização, alterando para a semivogal [w].

O segundo processo é a fusão (também conhecido como coalescência), processo no qual duas vogais semelhantes são fundidas. Esse processo pode ser observado analisando-se a palavra *mìsaveni* ‘na terra’, neste caso temos o nome *mìsava* ‘terra’ e o sufixo locativo {-*ini*}, novamente temos um encontro vocálico dessa vez entre as vogais primárias [a] e [i]. O encontro dessas vogais gera a vogal derivada [e].

Por fim, o terceiro processo é a elisão, que consiste no apagamento de uma das vogais, como pode ser observado na palavra *ndlèveni*, onde temos o nome

ndlèvè ‘orelha’ e o sufixo locativo {-ini}. O encontro das vogais [e] e [i] gera o apagamento desta última.

2.2.2. OS SEGMENTOS CONSONANTAIS

Os segmentos consonantais, ou consoantes, são sons que apresentam algum tipo de obstrução da passagem de ar em sua produção. Ao analisar esses sons são levados em consideração o estado da glote, o ponto de articulação e o modo de articulação. Em Changana é possível encontrar consoantes simples e consoantes combinadas, na tabela abaixo é possível observar as 22 consoantes simples:

Tabela 2 - Consoantes simples da língua Changana

Fone	Grafema	Descrição e exemplo
b	b	Oclusiva bilabial vozeada com ar pulmonar expirado. Ex.: <i>kubala</i> ‘marcar’; <i>wobiha</i> ‘feio’; <i>kubangalaza</i> ‘fazer confusão’;
ḃ	b’	Oclusiva bilabial vozeada com ar faringal inspirado. Ex.: <i>b’ava</i> ‘pai’; <i>b’ala</i> ‘dizer’;
c	c	Oclusiva palatal não-vozeada com ar pulmonar expirado. Ex.: <i>kucina</i> ‘dançar’; <i>kucakuna</i> ‘mastigar’; <i>kucaca</i> ‘perseguir’;
d	d	Oclusiva alveolar vozeada com ar pulmonar expirado. Ex.: <i>kuḁunga</i> ‘mexer’; <i>kuḁinga</i> ‘ser necessitado’; <i>ḁina</i> ‘meio-dia’;
ḁ	d’	Oclusiva alveolar vozeada com ar faringal inspirado. Ex.: <i>ḁ’ampsa</i> ‘lamber’; <i>ḁ’in’wa</i> ‘laranja’;
f	f	Fricativa labiodental não-vozeada com ar pulmonar expirado. Ex.: <i>kufamba</i> ‘andar’; <i>faduku</i> ‘lenço’; <i>xifaki</i> ‘maçaroca’;
g	g	Oclusiva velar vozeada com ar pulmonar expirado. Ex.: <i>wogoma</i> ‘baixinho’; <i>kugama</i> ‘acabar de fazer algo’; <i>kugalha</i> ‘atropelar’;
h	h	Fricativa glotal não-vozeada com ar pulmonar expirado. Ex.: <i>kuhuma</i> ‘sair’; <i>kuhumula</i> ‘descansar’; <i>hele</i> ‘barata’;

ɬ	j	Oclusiva palatal vozeada com ar pulmonar expirado. Ex.: j aha ‘rapaz’; kuj oha ‘pecar’; kuj ika ‘contornar, desviar’;
k	k	Oclusiva velar não-vozeada com ar pulmonar expirado. Ex.: k ukarhala ‘cansar’; k anyi ‘canhu’; k ukasa ‘gatinhar’;
l	l	Lateral alveolar vozeada com ar pulmonar expirado. Ex. l elo ‘esse(a)’; ku lahla ‘perder’; w oleya ‘alto’;
m	m	Nasal bilabial vozeada com ar pulmonar expirado. Ex.: m unhu ‘pessoa’; m oya ‘ar, vento’; liri mi ‘língua’;
n	n	Nasal alveolar vozeada com ar pulmonar expirado. Ex.: n ala ‘inimigo’; ‘ munene ‘bom’; nenge ‘perna’;
ŋ	n’	Nasal velar vozeada com ar pulmonar expirado. Ex.: n ’wana ‘criança’; mun ’wani ‘outro (a)’;
p	p	Oclusiva bilabial não-vozeada com ar pulmonar expirado. Ex.: kup andza ‘rasgar’; ku pepa ‘refrescar’; mp upu ‘farinha’;
ɓ	q	Implosiva palatal não-vozeada com ar bucal inspirado (Clique). Ex.: xiq amelo ‘almofada’; kuq eka ‘incitar pessoas à luta’;
r	r	Vibrante múltipla alveolar com ar pulmonar expirado. Ex.: ku rila ‘chorar’; ri to ‘voz’; mu rimi ‘camponês’;
s	s	Fricativa alveolar não-vozeada com ar pulmonar expirado. Ex.: ku sala ‘ficar’; ku siyela ‘deixar para outrem’; si rha ‘campa’;
t	t	Oclusiva alveolar não-vozeada com ar pulmonar expirado. Ex.: ti ko ‘terra’; ku tima ‘apagar’; to rha ‘sede’;
v	v	Aproximante labiodental vozeada com ar pulmonar expirado. Ex.: vi to ‘nome’; va nhu ‘pessoas’; ku vita ‘chamar’
ʃ	x	Fricativa palatal não-vozeada com ar pulmonar expirado. Ex.: x aka ‘família’; x ikwa ‘faca’; x itimela ‘comboio’;
z	z	Fricativa alveolar vozeada com ar pulmonar expirado. Ex.: ku zama ‘tentar’; x iziva ‘remendo, chapa’; ku zondha ‘detestar’.

Fonte: Adaptado de Ngunga e Simbine (2012)

De acordo com Ngunga e Simbine (2012), há no Changana 16 consoantes combinadas que são sons que não podem ser grafados com grafemas simples e em geral são representados por um dígrafo, como pode ser observado na tabela abaixo:

Tabela 3 - Consoantes combinadas da língua Changana

Fone	Grafema	Descrição e exemplo
b ^v	bv	Africada lábio-dental vozeada com ar pulmonar expirado. Ex.: kubveb venyenye ‘estar com cabelo despenteado’;
b ^z	bz	Africada lábio-alveolar vozeada com ar pulmonar expirado. Ex.: bzanyi ‘capim, erva’; kubzeketa ‘inclinat’; bzala ‘bebida’;
ɓ	dl	Fricativa lateral pós-alveolar vozeada com ar pulmonar expirado. Ex.: kudlaya ‘matar’; mudlomu ‘lata de água’; kudlidlimeta ‘empurrar’;
d ^z	dz	Africada alveolar vozeada com ar pulmonar expirado. Ex.: dzana ‘cem’; kudzuka ‘assustar-se’; kudzaha ‘fumar’;
g ^a	gq	Implosiva velar vozeada com ar bucal inspirado (Cliques). Ex.: xigqoko ‘chapéu’; gqeke ‘pátio’;
ɬ	hl	Fricativa pós-alveolar não-vozeada com ar pulmonar expirado. Ex.: kuhleka ‘rir’; kuhengeleta ‘acumular’; muhloti ‘caçador’;
ɮ	lh	Fricativa lateral palatal vozeada com ar pulmonar expirado. Ex.: kulhuma ‘conviver, estar na moda’; kulhongozela ‘fazer preparativos para festa’;
ɲ	ny	Nasal palatal vozeada com ar pulmonar expirado. Ex.: nyama ‘carne’; nyimba ‘gravidez’; xinyama ‘escuridão’;
p ^f	pf	Africada lábio-dental não-vozeada com ar pulmonar expirado. Ex.: kupfula ‘abrir’; (xi) pfunyi ‘areal’; mupfumeli ‘crente’;
p ^s	ps	Africada lábio-alveolar não-vozeada com ar pulmonar expirado. Ex.: kupsiyota ‘assobiar’; kupsinya ‘amarrar fortemente’; mupsali ‘progenitor’;
ɕ	sv	Fricativa lábio-alveolar não vozeada com ar pulmonar expirado. Ex.: kusveka ‘cozinhar’; kusvikita ‘enxotar’; kusviyela ‘varrer’;
tɬ	tl	Fricativa lateral pós-alveolar não-vozeada com ar pulmonar expirado. Ex.: kutlanga ‘brincar’; mutluti ‘barqueiro, marinheiro’; kutlakuxa ‘levantar’;
t ^s	ts	Africada alveolar não-vozeada com ar pulmonar expirado. Ex.: kutsema ‘cortar’; kutsemakanya ‘atravessar’; kutsuva ‘não mais querer, recusar’;
v	vh	Fricativa lábio-dental vozeada com ar pulmonar expirado. Ex.: vhiki ‘semana’; kuvhika ‘esquivar’; kuvhumbata ‘advinhar’;
ʒ	xj	Fricativa palatal vozeada com ar pulmonar expirado. Ex.: xjaradi ‘jardim’; kuxjurara ‘jurar’
ʒ	zv	Fricativa lábio-alveolar vozeada com ar pulmonar expirado. Ex.: kuzviyala ‘estar sujo’.

Fonte: Adaptado de Ngunza e Simbine (2012)

Em Changana, assim como ocorre nos casos de combinações de vogais, os encontros consonantais também têm uma tendência de serem desfeitos. Para tanto, alguns processos fonológicos são aplicados em tais contextos, como aponta Langa (2013):

A ocorrência de processos fonológicos envolvendo consoantes prende-se com o facto de a língua exibir tipicamente sílabas abertas do tipo (CV). Por isso, no encontro entre sons da mesma qualidade, sejam vogais ou consoantes, a sílaba reestrutura-se de modo a evitar tal sequência indesejada. (Langa, 2013, p. 77)

A seguir podemos observar resumidamente alguns dos processos fonológicos apresentados por Ngunga e Simbine (2012) e Langa (2013).

O primeiro deles é o processo de pré-nasalização ou a nasal homorgânica. Esse processo consiste na assimilação do ponto de articulação entre o som nasal e a consoante seguinte, tal fenômeno pode ser observado em palavras como *mbuti* ‘cabrito’ e *ndota* ‘homem ancião’. No primeiro contexto, há um som nasal realizado como uma consoante bilabial [m] pela influência da consoante [b] que o sucede e apresenta a mesma característica. Já no segundo caso, a consoante alveolar [n] se realiza dessa forma por assimilação do ponto de articulação da consoante [d].

Na tabela a seguir é possível observar as combinações de consoantes pré-nasalizadas que ocorrem na língua Changana:

Tabela 4 - Consoantes pré-nasalizadas da língua Changana

Articulação	Ponto				
	Labial	Alveolar	Palatal	Velar	Glotal
Oclusiva	mp mb	nt nd	nc nj	nk ng	nq ngq
Africada	mpf mbv	nts ndz			
Fricativa	mf				
Lateral		ntl ndl	nhl		

Fonte: Ngunga e Simbine (2012, adaptado)

O segundo processo fonológico é o de elisão nasal, no qual a nasal inicial da palavra, que realiza o prefixo de concordância da classe 9, é apagada. Esse fenômeno acontece “quando a posição inicial do tema nominal é apenas ocupada por uma consoante fricativa glotal [h]” (Langa, 2013, p. 78), tal como se pode observar em palavras como **huku** ‘galinha’ e **hova** ‘caracol’.

O terceiro processo é a velarização, processo que “consiste na conversão de sons labiais em velares, por meio do processo de assimilação de traços dos sons vizinhos” (Langa, 2013, p. 79). Podemos observar esse processo analisando a palavra **n’wana** ‘filho(a)’ que é derivada a partir do prefixo de classe 1 {mù-} e o tema nominal **anà**, (mù-anà). Na derivação desta palavra, temos a resolução do encontro vocálico entre [u] e [a] por meio do processo de semivocalização, visto na seção 2.1.1, que transforma as vogais primárias na semivogal [w], (mwanà). A semivogal [w] é um som aproximante labiovelar que faz com que a consoante nasal [m] assimile seu traço tornando-se a consoante nasal velar [ŋ].

Um processo similar ao de velarização é o de labialização, segundo Ngunga e Simbine (2012, p. 54), este acontece “se as consoantes em causa forem não-labiaais” enquanto aquele acontece “se as consoantes em causa forem labiais”. Esse quarto processo pode ser observado na palavra *ngwana* ‘cão’.

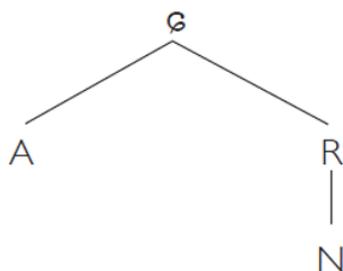
O quinto processo fonológico é a aspirantização que consiste na possibilidade de consoantes labiovelares vozeadas serem realizadas como africadas labiovelares em contextos em que a consoante antecede uma vogal arredondada. Tal processo pode ser exemplificado por palavras como *nambzini* ‘no rio’ e *ndlubzini* ‘no feijão jugo’, no processo de formação dessas palavras temos o tema nominal *nambu* e *ndluvu* com o sufixo locativo {-ini}, respectivamente. A consoante bilabial [b] e a consoante labiodental [v] diante da vogal arredondada [u] sofrem modificação para a consoante africada lábio-dental [bz].

O sexto processo fonológico que pode ser aplicado às consoantes desvozeadas oclusivas e africadas é a aspiração. Nesse processo observa-se que “o volume do ar proveniente dos pulmões continua a libertar-se continuamente após a explosão inicial” (Ngunga e Simbine, 2012, p. 60). Tal fenômeno pode ser observado em palavras como *-phamela* ‘servir’ [p^h], *mathomo* ‘felicidades, boa sorte’ [t^h], *Xichangana* ‘língua dos changanas’ [c^h] e *khele* ‘cova’ [k^h].

2.2.3. PADRÃO SILÁBICO

De acordo com Langa (2013), estudos relacionados a línguas bantu (cf. Meeussen, 1967; Hyman, 1975; Ngunga, 2000) demonstram que essas línguas possuem uma tendência de realizarem sílabas abertas, isto é, sílabas que são constituídas por uma consoante e uma vogal ou apenas por uma vogal. A estrutura apresentada por Langa (2013, apud Katamba, 1989) demonstra o comportamento silábico em Changana:

Figura 4 - Estrutura silábica do Changana



Fonte: Langa, 2013 (apud Katamba, 1989)

Portanto no que diz respeito ao padrão silábico do Changana, percebe-se que este é “um sistema de sílabas abertas, cujo núcleo [N] é uma vogal e a margem pré-nuclear [A] pode ser preenchida ou não por uma consoante” (Langa, 2013, p.78). Cabe ressaltar que a consoante que ocupa a posição de ataque pode ser uma

consoante simples (18a), uma consoante complexa (18b) ou não haver consoante (18c):

- (18) a) **hu.ku** ‘galinha’
 b) **ngwa.na** ‘cão’
 b) **á.há.ndzú** ‘fruto’

As extensões verbais, no entanto, apresentam um comportamento diferenciado. Tome como exemplo o morfema {-el-} que codifica a extensão applicativa ou o morfema {-iw-} que codifica a extensão passiva. Esses exemplos demonstram que embora o padrão silábico siga a estrutura consoante + vogal (CV), a extensão applicativa, passiva e outras seguem o padrão vogal + consoante (VC).

2.2.4. TOM

Em conformidade com Ngunga e Simbine (2012, p. 69), Changaná tal qual outras línguas bantu possui marcação de tom uma vez que “duas ou mais palavras podem ter uma sequência igual dos mesmos elementos segmentais e exprimirem significados diferentes por causa da sua diferença no timbre de voz em alguma(s) sílaba(s)”. Na grafia das palavras é utilizado o diacrítico grave (̀) para representar o tom baixo e o diacrítico agudo (́) para representar o tom alto. O tom recai sobre a mora da sílaba, podendo esta ser uma mora simples ou uma mora longa.

Em Changana o tom apresenta função lexical, tendo em vista o caráter distintivo no sentido das palavras. Esse fenômeno pode ser observado nos dados arrolados abaixo:

- (19) a) *mávèlè* ‘seios’ vs. *màvèlé* ‘milho’
 b) *nàlá* ‘inimigo’ vs. *nálà* ‘palmeira’
 c) *kámbà* ‘casca’ vs. *kámbá* ‘ladrão’
 d) *músi* ‘pau de pilar’ vs. *músí* ‘fumo’

Nos dados acima percebemos que o padrão tonal dos pares de palavras é o que define a distinção semântica das palavras, uma vez que a sequência dos sons não se difere dentro de cada par de palavras.

No entanto, em Changana o tom apresenta também função gramatical, uma vez que a diferença da marcação tonal pode codificar diferentes informações gramaticais como, por exemplo pessoa (20a), modo (20b) e polaridade (20c):

- (20) a) *wàjá* ‘(tu) comes’ vs. *wájà* ‘ele come’
 b) *ùfâmbà* ‘ires?’ vs. *ùfâmbà* ‘que vás’
 c) *áhifâmbì* ‘andemos’ vs. *áhifâmbí* ‘não andamos’

Nos dados acima observamos diferentes informações gramaticais sendo codificadas por meio do padrão tonal em cada par de palavras, visto que a

seqüência de sons não se altera. Notamos que em (20a) há a dicotomia entre a segunda e terceira pessoa do singular; em (20b) há a diferenciação entre o modo infinitivo pessoal e subjuntivo e em (20c) distinguem-se a forma afirmativa e a forma negativa.

2.3. ASPECTOS MORFOSSINTÁTICOS

Nesta seção investigaremos aspectos da morfologia e sintaxe da língua Changana. Com essa finalidade, analisaremos a estrutura do nome, a estrutura do verbo e a estrutura da sentença na língua.

2.3.1. ESTRUTURA DO NOME

Nas línguas bantu os nomes apresentam uma estrutura básica composta por um prefixo nominal e um tema nominal. O prefixo nominal é a parte do nome que varia conforme o gênero — singular ou plural — e a classe semântica a qual o nome pertence. Já o tema nominal é fixo, pois esta é a parte que carrega o conteúdo semântico da palavra. Podemos observar em Changana essa estrutura nominal em palavras como *ntsongwana* ‘criança’ e *vatsongwana* ‘crianças’ que exemplificam o par das classes 1 e 2 e em palavras como *xingove* ‘gato’ e *svingove* ‘gatos’ que são exemplos das classes 7 e 8, respectivamente.

Outra estrutura possível de ser encontrada nos nomes em línguas bantu é composta pela estrutura constituída por um pré-prefixo seguido do prefixo nominal e do tema nominal. Em Changana tal estrutura não parece ser produtiva dada a escassez dos dados.

Consoante Katamba (2003), o pré-prefixo é uma categoria morfológica que não ocorre necessariamente em todas as línguas bantu, mas quando ocorre pode variar tanto com relação à sua forma quanto com relação à sua função. Ainda segundo o autor, raramente poderá ser definida uma única função para pré-prefixo, estudos de Hyman e Katamba (1991, 1993) sobre a língua Ganga mostram que o pré-prefixo pode desempenhar papel pragmático indicando definitude, especificidade ou foco.

2.3.1.1.AS CLASSES NOMINAIS

As classes nominais representam o sistema de concordância nominal amplamente encontrado nas línguas bantu. Bleek (1869) foi o estudioso que observou e propôs inicialmente a reconstrução de 18 classes nominais do Proto-Bantu. Desde então, outros estudiosos adaptaram e propuseram novas classes nominais para o sistema. Na tabela a seguir, retirada do trabalho Langa (2013),

são apresentados os prefixos de concordância descritos em trabalhos sobre a língua Changana:

Tabela 5 - Realização das classes nominais em Changana

Classes nominais	Prefixos Nominais					
	Junod (1929)	Ouwehand (1965)	Ribeiro (1965)	Baumbach (1970)	Baumbach (1987)	Sitoe (1996)
1	mu-	mu-	mu-	mu-	mu-	mu-
2	va-	va-	va-	va-	va-	va-
3	mu-	mu-	mu-	mu-	mu-	mu-
4	mi-	mi-	mi-	mi-	mi-	mi-
5	ri-	ri-	ri-	ri-	ri-	ri-
6	ma-	ma-	ma-	ma-	ma-	ma-
7	xi-	xi-	chi-	xi-	xi-	xi-
8	swi-	swi-	bsi-	swi-	swi-	svi-
9	yi (n)-	yi-	yi-	yi-	yi(n)-	yi(n)-
10	ti(n)-	Ti-	ti-	tiyin-	ti(n)-	ti(n)-
11	ri-	Ri-	ri-	ri-	ri-	ri-
14	vu-	wu-	wu-	wu-	wu-	vu-
15	ku-	ku-	ku-	ku-	ku-	ku-
16	-	-	-	ha-	ha-	ha-
17	-	-	-	ku-	ku-	ku-
18	-	-	-	mu-	mu-	mu-
21	-	-	-	dyi-	ji-	ji-

Fonte: Langa (2013)

A partir da análise dessa tabela é possível notar uma distinção na descrição das classes nominais de um autor para outro:

Desta tabela, pode-se depreender que o Changana apresenta classes e prefixos nominais diferentes. Junod (1929), Ouwehand (1965) e Ribeiro (1965) apresentam as classes nominais da classe 1 à 15, sem

incluir as classes 12 e 13; Baumbach (1970, 1987) e Siteo (1996) contemplam, para além das classes e prefixos nominais referidos anteriormente, as classes 16, 17, 18 e 21. (Langa, 2013, p. 99)

No trabalho de Ngunga e Simbine (2012), são identificadas em Changana 15 classes nominais que ocorrem de forma produtiva na língua. De acordo com os autores, embora o sistema de prefixos nominais do Changana apresente uma certa regularidade há algumas inconsciências no que diz respeito às classes que designam os locativos (cl. 16, 17 e 18). Tal fato se deve ao “quase desaparecimento dos prefixos nominais locativos (Ngunga, 2004) cujas funções são exercidas por sufixo **-ini** e em alguns casos por prefixo **ka-**.” (Ngunga e Simbine, 2012, p.92)”.

Na tabela abaixo podemos analisar as classes nominais que ocorrem no Changana e os prefixos nominais de cada classe, além de suas formas alomórficas:

Tabela 6 - Classes nominais do Changana

Classe	Prefixo	Exemplo	Tradução
1	{mu-} {n'w-} {n-} {Ø}	munhu ajile n'wana wa mina ajile ntsongwana ajile sivale ajile	'a pessoa comeu' 'o meu filho comeu' 'a criança comeu' 'o(a) cunhado(a) comeu'
2	{va-} {v-}	vanhu vajile vana va mina vajile vatsongwana vajile vasivale vajile	'as pessoas comeram' 'os meus filhos comeram' 'as crianças comeram' 'o(a)s cunhado(a)s comeram'
1a	{wa-}	wasati ajile wanuna ajile	'a mulher comeu' 'o homem comeu'
2a	{vava-}	vavasati vajile vavanuna vajile	'as mulheres comeram' 'os homens comeram'

3	{mu-} {n-} {n'w-} {Ø}	muntwa wutshovekile munti wuhahlukile ncila wutsemekile ntsuvi n'wamba wukulile n'wan'waselo wuwomile khancu wuwile	'o espinho quebrou-se' 'a casa destruiu-se' 'a cauda cortou-se' 'água em que se pôs grãos a fermentar' 'sp. árvore cresceu' 'a irrigação secou' 'o vestido caiu'
4	{mi-} {mimi-}	mincila yitsemekile min'wamba yikulile min'wan'waselo yiwomile mikhancu yiwile mimintwa yitshovekile miminti yihahlukile	'as caudas cortaram-se' 'as árvores cresceram' 'as irrigações secaram' 'os vestidos cairam' 'os espinhos quebraram-se' 'as casas destruíram-se'
5		rito ritwiwile rihlevo ritwiwile bomu riwupfile d'in'wa riwupfile	'a palavra foi ouvida' 'a calúnia foi ouvida' 'o limão amadureceu' 'a laranja amadureceu'
6	{ma-}	marito matwiwile mahlevo matwiwile mabomu mawupfile	'as palavras foram ouvidas' 'as calúnias foram ouvidas' 'os limões amadureceram'
7	{xi-}	xingove xifile xikhovha xiyetlelile	'o gato morreu' 'o corvo dormiu'
8	{svi-}	svingove svifile svikhovha sviyetlelile	'os gatos morreram' 'os corvos dormiram'
9	{(yi)N-} {ny-} {Ø-}	mbuti yjile yingwe yjile nyala yibolile huku yifile	'a cabra comeu' 'o leopardo comeu' 'a cebola apodreceu' 'a galinha morreu'
10	{ti(N)-}	timbuti tijile tiyingwe tijile tinyala tibolile tihuku tifile titiho titshovekile tigaja titshovekile	'as cabras comeram' 'os leopardos comeram' 'as cebolas apodreceram' 'as galinhas morreram' 'os dedos partiram-se' 'os ramos partiram-se'
11	{ri-}	ritiho ritshovekile rigaja ritshovekile	'o dedo partiu-se' 'o ramo partiu-se'
14	{wu-}	wulombe (ri)bziholile wukwele (ra)bzasmama	'o mel arrefeceu' 'os ciúmes persistem'
15	{ku-}	kurila kusungulile kufamba kuhelile kuyan'wa kuhelile	'o chorar começou' 'o andar terminou' 'o mamar já acabou'

Fonte: Ngunga e Simbine (2012)

Ngunga e Simbine (2012) apontam que existe um padrão nas classes 1 a 10, sendo elas organizadas em pares nos quais o número ímpar indica a forma singular e o número par a forma plural, isto é 1/2, 3/4, 5/6, 7/8, 9/10. No entanto esse padrão é desfeito ao analisarmos as três últimas classes — 11, 14 e 15 — pela ausência das classes 12 e 13 que no Proto-Bantu designam noções de diminutivos. Sendo assim, segundo os autores, o plural das classes 11 e 14 é feito com as classes 10 e 6, respectivamente. Ainda segundo os autores, a estratégia de apresentar os alomorfes dos prefixos de classes serve para ilustrar que estes são suscetíveis a sofrerem alterações de acordo com os sons que o seguem.

Conforme Katamba (2003), as classes nominais desempenham um papel importante na descrição das línguas Bantu, pois elas se configuram como uma maneira de realização do gênero nestas línguas, além disso, elas são responsáveis por codificar informações semânticas. Um ponto importante ressaltado pelo autor é o fato de que, apesar de as classes nominais serem referência nos estudos de línguas Bantu, elas não devem ser utilizadas como forma de incluir ou excluir línguas do grupo linguístico Bantu. Isso porque existem línguas Bantu que apresentam um sistema de prefixos nominais mais robusto, assim como existem outras que possuem um sistema de prefixos nominais mais compacto. Essa distinção é conhecida como sistema canônico e sistema não canônico.

Consoante o autor, o sistema canônico apresenta seis pares de classes para singular e plural, mais aproximadamente o mesmo número de classes que não estão organizadas em pares como, por exemplo, as classes dos infinitivos (cl.15) e dos locativos (cls. 16, 17 e18). Ainda de acordo com o autor, a língua Bantu que apresenta o maior número de classes é a língua Ganda com 21 classes. Em contrapartida, no sistema não-canônico pode haver línguas que não apresentam classes nominais, como é o caso da língua Komo, ou que possuem apenas três classes, como é o caso da língua Kako.

Ao observar as línguas que constituem o grupo Bantu, percebemos que o sistema canônico é o mais recorrente, sendo o sistema não-canônico exceção. Cabe ressaltar, novamente, que o número de classes nominais que uma língua possui não a torna uma candidata mais ou menos forte a compor o grupo linguístico Bantu.

Além de codificar a informação gramatical de singular e plural, as classes nominais apresentam um conteúdo semântico que as diferencia entre si. A tabela abaixo, adaptada de Katamba (2003), resume as características semânticas predominantes que podem ser verificadas em cada classe nominal nas línguas Bantu:

Tabela 7 - Semântica das classes nominais

Classe	Conteúdo semântico
1	Seres humanos.
1a	Nomes próprios; termos de parentesco; personificação.
2	Plural regular da classe 1.
2b	Plural regular da classe 1a.
3	Fenômenos naturais; partes do corpo; plantas e animais.
4	Plural regular da classe 3.
5	Fenômenos naturais; animais; partes do corpo; substantivos coletivos; pessoas indesejáveis; aumentativos e depreciativos.
6	Plural regular das classes 5 e 14; termos de massa e líquidos; referências de tempo; maneirismos e modos de ação.
7	Partes do corpo; ferramentas, instrumentos e utensílios; animais e insetos; línguas; doenças; pessoas excelentes; apreciativos; depreciativos; aumentativos e curtativos (shortness e stoutness) e maneirismos.
8	Plural regular da classe 7.
9	Animais; pessoas; partes do corpo; ferramentas, instrumentos e objetos domésticos.
10	Plural regular da classe 9
11	Entidades longas e finas; línguas; partes do corpo; fenômenos naturais; implementos, utensílios e outros artefatos.
12	Aumentativos; apreciativos e depreciativos; diminutivos.
13	Plural regular da classe 12.
14	Abstratos e coletivos.
15	Infinitivos; algumas partes do corpo, por exemplo braço, perna.
16	Termos locativos.

17	Termos locativos.
18	Termos locativos.
19	Diminutivos.
20	Depreciativos e apreciativos; aumentativos; diminutivos e maneirismos.
21	Aumentativos e depreciativos.
22	Plural da classe 20
23	Termos locativos.

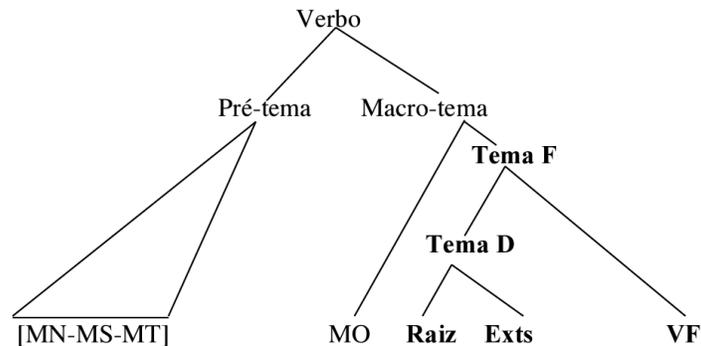
Fonte: Katamba (2003, adaptado)

Como apontado anteriormente, em Changana, há a ocorrência das classes de 1 a 15 nas quais aparecem as semânticas apontadas na tabela acima.

2.3.2. ESTRUTURA DO VERBO

A língua Changana, assim como outras línguas do grupo Bantu, apresenta uma estrutura verbal que é composta por uma parte pré-tema e outra parte macro-tema que pode ser observada na estrutura abaixo:

Figura 5 - Estrutura do verbo



Fonte: Ngunga e Simbine (2012)

De acordo com a figura acima, no pré-tema encontram-se as marcas de negação (MN), de sujeito (MS) e de tempo (MT). Já no macro-tema encontram-se a marca de objeto (MO) e os temas derivacional (D) e flexional (F), sendo que do primeiro fazem parte a raiz verbal e as extensões verbais (Exts) e do último fazem parte a vogal final (VF) ou vogal terminal.

Conforme Langa (2013), as raízes verbais em Changana podem ser formadas a partir de uma estrutura -C- (21a); uma estrutura -CVC- (21b); uma estrutura -CVCVC- ou mais longo (21c) ou uma estrutura -CVCVCV- ou mais longo (21d), como mostram os dados a seguir:

- (21) a) -f- ‘morrer’
 b) -von - ‘ver’
 c) -mphumun- ‘sacudir, limpar’
 d) -chùkùvany- ‘debater-se para se soltar (...)’

A essas raízes verbais são afixados prefixos de marca de sujeito, negação, tempo, aspecto e modo (TAM), marca de objeto, também são afixados sufixos derivacionais (as extensões), negação, TAM e vogal final. Vejamos alguns exemplos:

- (22) a) **a-svi-f-a-nga**
 NEG-8MO-morrer-VF-NEG
 ‘Não morreram.’
- b) **a-xi-von-ile**
 1MS-7MO-ver-PSD
 ‘Viu-o (o gato).’
- c) **ku-tsal-iw-e**
 15MS-escrever-PAS-PSD
 ‘Foi escrito.’
- d) **hi-ta-f-el-an-a.**
 1MS-FUT-morrer-APPL-REC-VF
 ‘Morreremos um pelo o outro.’

Observamos, em (22a), o circunfixo de marca de negação descontínuo {a-...-nga} e o prefixo de marca de sujeito {-svi-}. Em (22b), encontramos a marca de sujeito {a-}, o prefixo de marca de concordância {-xi-} e a marca de tempo passado {-ile}. Em (22c), analisamos o prefixo de marca de sujeito {ku-} e os sufixos de extensão verbal passiva {-iw-} e de marca de tempo passado {-e}. Por fim, em (22d) observamos os prefixos de marca de sujeito {hi-} e de tempo futuro {-ta-} e os sufixos derivacionais do aplicativo {-el-} e da passiva {-iw-} e a vogal

final {-a}. Os exemplos em (22) demonstram a rica morfologia verbal da língua Changana que espelha o fato de se tratar de uma língua aglutinante.

2.3.2.1. AS EXTENSÕES VERBAIS

As extensões verbais são posições na estrutura verbal ocupadas por sufixos que apresentam comportamentos distintos. De acordo com Schadeberg (2003), uma extensão verbal pode ser analisada quanto à forma e significado. No que diz respeito à forma, é possível perceber que as extensões verbais apresentam canonicamente o padrão silábico -VC-. No que tange ao significado, as extensões verbais apresentam semânticas distintas. Segundo Langa (2013), no Changana ocorrem 11 extensões verbais de forma produtiva, sendo elas:

- (23) a) Aplicativa: {-el-}
 b) Causativa: {-is-}
 c) Intensiva: {-isis-}
 d) Neutra: {-ek-}
 e) Passiva: {-iw-}
 f) Persistiva: {-eel-}
 g) Recíproca: {-an-}
 h) Reversiva (separativa): {-ul-}
 i) Frequentativa: {-etel-}
 j) Contactiva: {-et-}
 k) Posicional: {-am-}

De acordo com Hyman (2007, apud Langa, 2013, p. 121) as extensões verbais podem ser classificadas como aquelas que “(i) aumentam a valência do verbo (causativa, aplicativa); (ii) reduzem a valência do verbo (passiva, recíproca, estativa) e (iii) reorientam a acção (reversiva, direcional)”. As extensões que aumentam a valência possibilitam a introdução de um novo argumento à estrutura verbal, as extensões que reduzem a valência apagam um argumento da estrutura verbal base, já as extensões que reorientam a ação não alteram o número de argumentos da estrutura verbal.

A extensão aplicativa, que é o objeto de estudo deste trabalho, é do tipo de aumento de valência. Em Changana, conforme Chimbutane (2002), essa extensão introduz argumentos com semântica de BENEFICIÁRIO, GOAL, RAZÃO, LOCATIVO. Este trabalho se concentrará apenas em construções aplicativas que introduzem um argumento com papel temático de BENEFICIÁRIO, como no exemplo (25) a seguir:

- (24) Hahani axavile svidonsana.
 Ø-Hahani a-xav-ile svi-donsana.
 1-tia 1MS-comprar-PSD 8-doce
 Minha tia comprou alguns doces.

(25) Hahani axavelile svidonsana.

Ø-Hahani	a-xav-el-ile	va-tsongwana	svi-donsana
1-tia	1MS-comprar-APPL-PSD	2-criança	8-doce

Minha tia comprou alguns doces para as crianças.

(Chimbutane, 2002, adaptado)

Em (24) encontra-se a estrutura verbal não-derivada, enquanto em (25) a forma derivada, nesta última observamos a introdução do núcleo aplicativo realizado pelo sufixo {-el-} e do argumento *vatsongwana* ‘crianças’, que é o objeto aplicado. Desta forma, a uma estrutura não-derivada como (24) é acrescida do núcleo aplicativo, gerando uma estrutura derivada por aplicativização (25).

2.3.3. ESTRUTURA DA SENTENÇA

Conforme Ngunga e Simbine (2012), em Changana a sentença é estruturada a partir da ordem canônica SUJEITO, VERBO e OBJETO (SVO), como pode ser observado no dado abaixo:

(26) Mina niyile xikolweni

Mina	ni-y-ile	xi-kolweni
1 ^a p.s.	MS-ir-PSD	7-escola

‘Eu fui à escola’

Ngunga e Simbine (2012, adaptado)

Em (26), *Mina* ‘Eu’ é o sujeito; *niyile* ‘fui’ é o verbo e *xikolweni* é o objeto. Entretanto é possível que a ordem dos constituintes seja alterada sem prejuízo à gramaticalidade da sentença, como afirmam Ngunga e Simbine (2012, p. 214) “devido ao carácter altamente aglutinante da língua, muitas vezes esta ordem pode ser violada sem que, contudo, daí resulte frase agramatical ou ambígua”. Os dados abaixo, demonstram essa possibilidade de alteração da ordem SVO:

- (27) Niyile xikolweni mina?
 Ni-y-ile xi-kolweni mina
 MS-ir-PSD 7-escola 1^aP.S.
 ‘Fui à escola eu?’
- (28) Niyile mina xikolweni?
 Ni-y-ile mina xi-kolweni
 MS-ir-PSD 1^aP.S. 7-escola
 ‘Fui eu à escola?’
- (29) Xikolweni niyile mina?
 Xi-kolweni ni-y-ile mina
 7-escola MS-ir-PSD 1^aP.S.
 ‘À escola fui eu?’

Ngunga e Simbine (2012, adaptado)

Nos dados acima notamos que: em (27), a ordem VOS; em (28), a ordem VSO e em (29), a ordem OVS. Cabe reforçar que estas são construções marcadas uma vez que a ordem básica é SVO, porém elas não trazem prejuízo à interpretação semântica uma vez que a marca de sujeito {ni-} concorda com o

constituente *mina* ‘eu’, resultando assim em sua interpretação como sujeito da sentença independentemente de onde ele ocorra na sentença.

Ainda segundo os autores, a restrição da ordem sintática se aplica aos contextos em que sujeito e objeto pertencem a mesma classe nominal. Nesse caso apenas a marca de sujeito não é o suficiente para desfazer a ambiguidade sendo necessário que se aplique a ordem canônica SVO. Observe os exemplos:

- (30) Mujondzisi amuvonile mujondzi.
 Mu-jondzisi a-mu-von-ile mu-jondzi
 1-professor 1MS-MO-ver-PSD 1-aluno
 ‘O professor viu o aluno’
- (31) Mu-jondzi amuvonile mujondzisi.
 Mu-jondzi a-mu-von-ile mu-jondzisi
 1-aluno 1MS-MO-ver-PSD 1-professor
 ‘O aluno viu o professor’

Nos dados acima o argumento na posição pré-verbal é interpretado como sujeito e o argumento pós-verbal como objeto. Sendo assim, em (30) *mujondzisi* ‘professor’ é gerado na posição de *Spec-vP* e depois se move para *Spec-TP*, enquanto *mujondzi* ‘aluno’ é gerado em complemento de VP. Por outro lado, em (31) *mujondzi* ‘aluno’ é gerado na posição de *Spec-vP* e depois se move para *Spec-TP*, enquanto *mujondzisi* ‘professor’ é gerado em complemento de VP.

Em construções não derivadas a ordem canônica permanece sendo SVO, em geral, já nas construções aplicativizadas o objeto aplicado é introduzido em uma posição entre o verbo e o objeto direto gerando a ordem SUJEITO-VERBO-OBJETO APLICADO-OBJETO DIRETO.

2.4. RESUMO DO CAPÍTULO

Neste capítulo, apresentei aspectos descritivos da gramática da língua Changana contemplando a apresentação da língua; o inventário fonológico, os principais processos fonológicos, a estrutura silábica, o padrão tonal da língua; além das estruturas do nome, do verbo e da sentença na língua.

No próximo capítulo apresento as principais propostas teóricas que norteiam este trabalho. Discutem-se as tipologias de núcleos aplicativos; as relações semânticas atribuídas aos argumentos dentro do domínio de vP ; as tipologias de línguas simétricas e assimétricas; a derivação sintática das sentenças no modelo de fases e por fim o mecanismo de marcação de foco em línguas bantu.

CAPÍTULO 3: APORTE TEÓRICO

Este capítulo tem por objetivo apresentar o aporte teórico por meio do qual a análise desenvolvida neste trabalho se sustentará. Para tal, resumimos neste capítulo as principais assunções teóricas relacionadas às construções aplicativas, às propriedades do núcleo aplicativo, ao comportamento dos objetos pós-verbais e ao processo de derivação da sentença.

O capítulo está organizado em seis seções. A seção 3.1 expõe a tipologia dos núcleos aplicativos; a seção 3.2 examina os papéis temáticos e relações semânticas do objeto aplicado; a seção 3.3 investiga a tipologia das línguas simétricas e assimétricas; a seção 3.4 discute a proposta de derivação por fase; a seção 3.5 explora a posição imediatamente após o verbo e, por fim, a seção 3.6 apresenta o resumo do capítulo.

3.1. TIPOLOGIA DOS NÚCLEOS APLICATIVOS

Nesta seção, interessa-nos discutir a proposta de Pykkänen (2008) sobre a natureza dos núcleos aplicativos. De maneira geral, observa-se que, nas construções aplicativas em línguas Bantu, por exemplo, ocorre a adição de um morfema aplicativo à estrutura verbal, o qual realiza morfologicamente o núcleo

aplicativo (Appl°). Seguindo a proposta de Pylkkänen (2008), as línguas naturais são divididas tipologicamente em dois grupos, no que diz respeito ao tipo de núcleo aplicativo, a saber: o núcleo aplicativo alto e o núcleo aplicativo baixo.

Essa divisão tipológica está relacionada ao tipo de relação sintático-semântica que o objeto aplicado assume na estrutura na qual ele é inserido. Conforme veremos no Capítulo 4, este trabalho terá como escopo de análise somente construções com núcleos aplicativos altos.

Consoante a autora, o núcleo aplicativo alto mantém uma “relação temática entre um argumento aplicado e o evento descrito pelo verbo”¹, enquanto o núcleo aplicativo baixo estabelece uma “relação de transferência de posse entre dois indivíduos.”² Essa relação de transferência de posse pode ter dois escopos: a transferência em direção ao alvo ou a transferência a partir da fonte.

A autora apresenta como exemplo de língua que realiza o núcleo aplicativo alto o Chichewa:

- (32) Mavuto anaumbira mpeni mtsuko.
 Mavuto a-na-umb-**ir**-a **m-peni** m-tsuko.
 Mavuto MS-PSD-moldar-APPL-VF 3-faca 3-pote de água
 ‘Mavuto moldou o pote de água com a faca.’

(Baker 1988b, 354, apud Pylkkänen, 2008, adaptado)

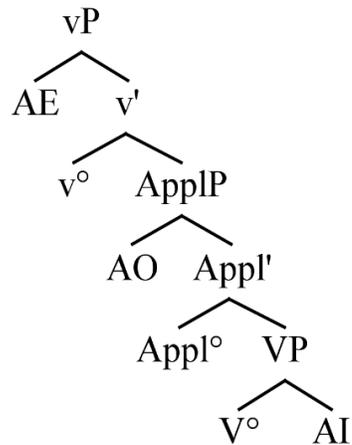
¹ Thematic relation between an applied argument and the event described by the verb. (Pylkkänen, 2008, p. 9)

² Transfer-of-possession relation between two individuals. (Pylkkänen, 2008, p. 9)

No dado acima, o sufixo aplicativo {-ir-} introduz o objeto aplicado *mpeni* ‘faca’, esse argumento mantém uma relação com o verbo *anaumbira* ‘moldou com’, uma vez que especifica o instrumento utilizado no processo de modelagem.

O mapeamento da estrutura com aplicativo alto pode ser observado na estrutura arbórea abaixo:

(33) Estrutura do aplicativo alto



Fonte: Elaborada pela autora, baseada em Pylkkänen (2008).

No que diz respeito à sintaxe, observamos no mapeamento acima que o núcleo aplicativo é juntado ao nível VP e projeta o objeto aplicado em *Spec-ApplP*, de modo que o objeto aplicado c-comanda assimetricamente o argumento interno. Já no que tange à semântica, o objeto aplicado estabelece uma relação com o evento descrito pelo VP — relação indivíduo-evento.

Em relação às construções com aplicativo baixo, o que se observa é que há uma relação de transferência de posse entre o objeto aplicado e o objeto direto — relação indivíduo-indivíduo. Essa relação pode marcar a transferência do objeto em direção ao alvo ou a partir da fonte. A autora apresenta como exemplos de línguas que possuem esse tipo de relação o Inglês e o Japonês:

(34) I wrote John a letter.

I	wrote	John	a	letter
1 ^a P.S.	escrever.PDS	John	DET	carta

‘Eu escrevi uma carta para John.’

(35) Totuki Maryhanthey pancilul humchiessta.

Totuk-i	Mary-hanthey	panci-lul	humchi-ess-ta
Ladrão-NOM	Mary-DAT	anel-ACC	roubar-PSD-PLAIN

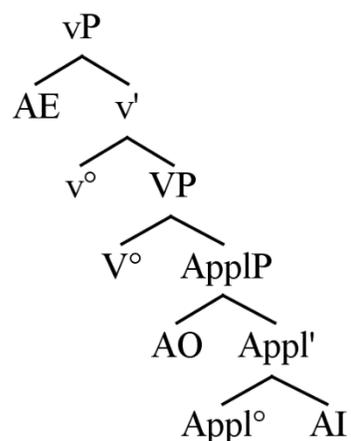
‘O ladrão roubou um anel de Mary.’

(Pylkkänen, 2008, adaptado)

Em conformidade com Pylkkänen (2008), nos dados acima, encontramos construções de duplo objeto, que diferem apenas na direcionalidade da transferência de posse. Em (34) o objeto direto *letter* ‘carta’ é transferido em direção ao alvo realizado pelo objeto indireto *John*. Já em (35) o objeto direto *panci* ‘anel’ é transferido a partir da fonte que é realizada pelo objeto indireto *Mary*. Os DPs John e Mary seriam a realização dos objetos aplicados nessas construções de duplo objeto que equivalem às construções aplicativos, no entanto nelas não há a realização morfológica do núcleo aplicativo.

O mapeamento da estrutura com aplicativo baixo pode ser observado abaixo:

(36) Estrutura do aplicativo baixo



Fonte: Elaborada pela autora, baseada em Pylkkänen (2008).

Em termos sintáticos, o mapeamento apresentado acima demonstra que o núcleo aplicativo é projetado em uma posição de irmandade ao argumento interno, que é o objeto direto. Uma vez que o objeto aplicado e objeto direto estão dentro da projeção VP, esses argumentos estabelecem a relação semântica de transferência de posse.

Como vimos, a divisão tipológica apresentada acima refere-se tanto a questões semânticas — relações semânticas estabelecidas — quanto a questões sintáticas — posições sintáticas nas quais o objeto aplicado é mapeado.

Pylkkänen (2008) propõe dois diagnósticos por meio dos quais é possível estabelecer uma distinção entre as duas tipologias de núcleos, sendo eles o diagnóstico de restrição de transitividade e o diagnóstico da semântica do verbo.

O primeiro diagnóstico trata das restrições de transitividade. A autora postula que um núcleo aplicativo alto pode ser afixado a um verbo inergativo, aquele que projeta apenas um argumento na posição de *Spec-vP*. Isso porque, uma vez que a relação estabelecida pelo núcleo aplicativo alto é do tipo indivíduo-evento, ou seja, entre o objeto aplicado e o evento descrito pelo verbo, não se faz necessário que o verbo projete um argumento interno. Entretanto, essa característica não impede que núcleos aplicativos altos sejam afixados a bases inacusativas ou transitivas, por exemplo.

De forma contrária, o núcleo aplicativo baixo tem a restrição de se afixar somente a verbos inacusativos, aqueles que projetam apenas um argumento na posição de complemento de VP, ou a verbos transitivos, aqueles que projetam dois argumentos: um na posição de *Spec-vP* e outro na posição de complemento de VP. Essa restrição se deve ao fato de que o objeto aplicado inserido pelo núcleo aplicativo baixo mantém uma relação do tipo indivíduo-indivíduo, isto é, uma

relação com o objeto direto do verbo, que pode ser inacusativo ou transitivo. Tal fato explica a agramaticalidade da afixação do núcleo aplicativo baixo a bases inergativas.

Já o segundo diagnóstico trata do conteúdo semântico do verbo, a autora propõe que, uma vez que o núcleo aplicativo baixo exibe uma relação de transferência de posse, ele não pode estar associado a verbos que denotam eventos estáticos como o verbo ‘segurar’. O núcleo aplicativo alto, por outro lado, não apresenta essa restrição, visto que na relação indivíduo-evento um objeto aplicado pode ser beneficiado pelo evento de ‘segurar uma bolsa’, por exemplo.

3.2. PAPÉIS TEMÁTICOS E RELAÇÕES SINTÁTICO-SEMÂNTICAS

No âmbito da literatura linguística, assume-se que a noção de papel temático corresponde a um conjunto de propriedades semânticas atribuídas a um argumento. Tais propriedades semânticas podem ser de diferentes tipos e estabelecem relações diretas com as funções sintáticas. Em construções aplicativos, o objeto aplicado inserido pelo núcleo aplicativo pode assumir diferentes interpretações semânticas, isso porque a “função semântica da extensão [aplicativa] tem a ver com o sentido que o contexto do uso da língua lhe atribuir.” (Langa, 2013, p. 1230). Consoante Chimbutane (2002), em Changana podemos observar a atribuição dos seguintes papéis temáticos aos objetos aplicados:

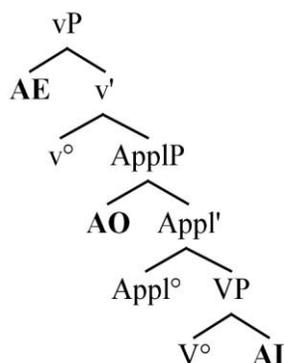
Tabela 8 - Papéis temáticos atribuído ao objeto aplicado em Changana

Papel Temático	Definição
BENEFICIÁRIO/ MALEFICIÁRIO	“ser animado que é beneficiado ou prejudicado no evento descrito” (CANÇADO e AMARAL, 2016)
GOAL	“entidade para onde algo se move” (DUARTE, 2006)
LOCATIVO	“lugar de onde algo se desloca, para onde algo se desloca ou em que algo está situado ou acontece” (CANÇADO e AMARAL, 2016)
RAZÃO	o que motiva determinada ação

Fonte: Elaborada pela autora

A Hipótese da Uniformidade de Atribuição Teta (UTAH), proposta por Baker (1988), define que as relações de atribuição de papel temático estão diretamente relacionadas ao mapeamento sintático das estruturas, ou seja, são as posições sintáticas que determinam os papéis temáticos que serão atribuídos aos argumentos, conforme mostra a estrutura abaixo:

(37) Posições argumentais e papéis temático



Fonte: Elaborada pela autora

No diagrama arbóreo acima, observamos o mapeamento dos argumentos em suas posições de base em uma construção applicativa com núcleo aplicativo alto. Nela o núcleo V° atribui a papel temático de TEMA ou PACIENTE. Já o núcleo aplicativo alto atribui os papéis temáticos BENEFICIÁRIO, MALEFICIÁRIO, GOAL, LOCATIVO ou RAZÃO e, por fim, núcleo v° atribui o papel temático de AGENTE.

Cabe ressaltar que as funções semânticas atribuídas aos argumentos do núcleo aplicativo alto estabelecem relação do tipo indivíduo-evento, ou seja, um evento em benefício de alguém (BENEFICIÁRIO) ou em malefício de alguém (MALEFICIÁRIO); um evento realizado em direção a algum lugar/pessoa (GOAL) ou um evento em algum lugar (LOCATIVO) ou um evento realizado por determinado motivo (RAZÃO).

Com base na UTAH, formulou-se a generalização da Hierarquia Temática, segundo a qual há uma hierarquia na distribuição dos papéis temáticos em posições sintáticas. Isto é, papéis temáticos mais proeminentes ocupam posições sintáticas mais altas, enquanto papéis temáticos menos proeminentes preenchem posições mais baixas. Abaixo podemos observar algumas hierarquias propostas:

(38) a) Baker (1997)

AGENTE/CAUSATIVO/EXPERIENCIADOR > TEMA > BENEFACTIVO/ LOCATIVO...

b) Bresnan e Kanerva (1989)

AGENTE > BENEFICIÁRIO > GOAL > INSTRUMENTO > PACIENTE/ TEMA > LOCATIVO

d) Cançado (2018)

AGENTE > EXPERIENCIADOR/BENEFICIÁRIO > TEMA/PACIENTE > INSTRUMENTO > LOCATIVO

Como vimos, embora não haja um consenso sobre a ordem dos papéis temáticos na Hierarquia Temática, a teoria linguística valida e adota essa generalização para explicar os diferentes fenômenos linguísticos (cf. Cançado & Amaral, 2018).

Cabe ressaltar que a noção da Hierarquia Temática se aplica às posições em que os argumentos são gerados na derivação sintática. Isso significa dizer que a posição em que os argumentos ocupam ao final da computação pode sofrer

alterações relacionadas a movimentos motivados pela valoração de traços formais das sondas durante as etapas de derivação sintática.

3.3. TIPOLOGIA DAS LÍNGUAS SIMÉTRICAS E ASSIMÉTRICAS

Nas línguas Bantu é comum a ocorrência de dois objetos pós-verbais em construções derivadas pelo processo de aplicativização. Conforme Bresnan e Moshi (1990), as línguas naturais podem ser classificadas tipologicamente levando em consideração o comportamento dos objetos pós-verbais, isto é, o objeto aplicado e o objeto direto. Assim, encontramos línguas classificadas como simétricas e outras classificadas como assimétricas. A partir dessa classificação, entende-se línguas simétricas como aquelas nas quais ambos os objetos acionam as mesmas operações gramaticais. Já as línguas assimétricas são aquelas em que as operações gramaticais ficam restritas a um dos objetos.

Ao investigar o comportamento dos objetos pós-verbais são observadas as chamadas propriedades primárias do objeto, que são percebidas por meio de algumas operações gramaticais como, por exemplo, a marcação de objeto, a passivização, a reciprocalização, entre outras operações gramaticais. Para ilustrar o comportamento de línguas simétricas e línguas assimétricas, apresentaremos duas línguas Bantu, a língua Kichaga (cf. Bresnan e Moshi, 1990) e a língua

Chichewa (cf. Mchombo, 2004), que são classificadas tipologicamente como simétrica e assimétrica, respectivamente.

De acordo com Bresnan e Moshi (1990), na língua Kichaga o objeto direto e o objeto aplicado são licenciados nos mesmos contextos sintáticos. Por esse motivo, a língua é classificada como simétrica. Os dados abaixo ilustram o comportamento dos objetos pós-verbais em construções aplicativas com marcação de objeto:

- (39) N-ǎ-í-m-lyì-í-à k-èlyá.
 FOC-1 S-PR-1 O-eat-AP-FV 7-food
 ‘He/She is eating food for/on him/her.’
- (40) N-ǎ-í-kì-lyí-í-à m-kà.
 FOC-1 S-PR-7 O-eat-AP-FV 1-wife
 ‘He/She is eating it for/on the wife.’
- (41) N-ǎ-í-kì-m-lyì-í-à.
 FOC-1 S-PR-7 O-1 O-eat-AP-FV
 ‘He/She is eating it for/on him/her.’

(Bresnan e Moshi, 1990)

Os dados acima apresentam construções aplicativas com marcação de objeto. Em (39) observamos a marca do objeto {-m-}, relacionada ao objeto aplicado *mkà* ‘esposa’. Em (40), a marca de objeto {-kì-} relaciona-se ao objeto direto *kèlyá* ‘comida’. E em (41) vemos que, em Kichaga, é possível que ambos

os objetos sejam marcados no verbo. Sendo assim, observamos que não há uma restrição de marca de objeto no verbo a apenas um dos objetos.

Os dados a seguir demonstram o comportamento dos objetos pós-verbais em construções applicativas passivizadas da língua Kichaga:

- (42) N-ǎ-ĩ-lyì-í-à ì-m-kà k-élyà.
 FOC-I S-PR-eat-AP-FV 1-wife 7-food
 ‘He is eating food for/on his wife.’
- (43) Ì-m-kà n-ǎ-ĩ-lyì-í-ò k-èlyá.
 1-wife FOC-I S-PR-eat-AP-PAS 7-food
 ‘The wife is being benefited/adversely affected by someone eating the food.’
- (44) K-èlyá k-ĩ-lyì-í-ò ì-m-kà.
 7-food 7 S-PR-eat-AP-PAS 1-wife
 ‘The food is being eaten for/on the wife.’

(Bresnan e Moshi, 1990, p. 150)

Em (42) o sujeito é realizado pela marca de sujeito {-a-}. Já em (43) e (44) observamos que tanto o objeto aplicado *mka* ‘esposa’, quanto o objeto direto *kelyá* ‘comida’, respectivamente, podem alçar para a posição de sujeito da sentença, enquanto o sujeito da construção sem passivização pode ser apagado, novamente demonstrando que não há restrição para nenhum dos objetos pós-verbais. Em suma, o fato de o objeto aplicado e o objeto direto serem alvos das operações de

marcação de objeto no verbo e de passivização caracteriza que a língua Kichaga é simétrica no sentido de Bresnan e Moshi (1990).

Entretanto, não são todas as línguas que permitem a ambos os objetos pós-verbais participarem de mesmas operações sintáticas, tais como a passivização e a marcação de objeto no verbo. Línguas assimétricas como o Chichewa, por exemplo, apresentam um comportamento diferente, quando analisamos os objetos pós-verbais³, conforme mostram os dados do Chichewa a seguir

(45)

Alenje a-ku-phík-á zítumbúwa.
 2-hunters 2SM-pres-cook-fv 8-pancakes
 ‘The hunters are cooking pancakes.’

(46)

Alenje a-ku-phík-íl-á anyaní zítumbúwa.
 2-hunters 2SM-pres-cook-appl-fv 2-baboons 8-pancakes
 ‘The hunters are cooking (for) the baboons some pancakes.’

(47)

*Alenje a-ku-phík-íl-á zitumbúwá anyani.
 2-hunters 2SM-pres-cook-appl-fv 8-pancakes 2-baboons

(48)

Alenje a-ku-wá-phík-íl-á zítumbúwa anyâni.
 2-hunters 2SM-pres-2OM-cook-appl-fv 8-pancakes 2-baboons
 ‘The hunters are cooking for them (the baboons) some pancakes.’

(Mchombo, 2004, p. 80-81)

³ “The NP that bears the beneficiary role must occur immediately after the verb, preceding the NP that bears the patient or theme role. This ordering is only reversed when the object marker (OM) which agrees with the beneficiary NP is included within the verbal morphology.” (Mchombo, 2004, p.81)

Em (45), observamos a construção não-derivada na qual o objeto direto *zítumbûwa* ‘panquecas’ ocorre imediatamente após o verbo. Em (46-47) encontramos construções derivadas por aplicativização, sendo que em (46) observamos a ordem padrão dos objetos pós-verbais na língua, na qual o objeto aplicado *anyáni* ‘babuínos’ passa a ocupar a posição adjacente ao verbo, enquanto o objeto direto ocupa a posição final. Em (47), vemos que a inversão da ordem AO-DO para a ordem DO-AO gera nessa língua uma construção agramatical.

No entanto, em (48), notamos que quando ocorre a operação de marcação de objeto na construção aplicativa, isto é, o verbo recebe o prefixo relacionado ao objeto aplicado *anyâni*, o objeto direto deve ocupar a posição imediatamente adjacente ao verbo e o objeto aplicativo deve ocupar a posição final.

Em Chichewa, entretanto, não é possível que o objeto direto seja referido no verbo pela operação de marcação de objeto. No dado abaixo, se a marca de objeto {-zí-} figura no verbo, referindo-se ao objeto direto *zítumbûwa* ‘panquecas’, a sentença se torna agramatical, conforme evidencia o exemplo a seguir:

(49)

*Alenje a-ku-zí-phík-il-á anyáni (zítumbûwa).
2-hunters 2SM-pres-8OM-cook-appl-fv 2-baboons (8-pancakes)

(Mchombo, 2004, p.83)

Além disso, diferentemente do que foi observado nos dados da língua Kichaga, não é possível que o objeto aplicado e o objeto direto sejam marcados no verbo simultaneamente em Chichewa, como se observa abaixo:

(50)

*Alenje a-ku-zí-wá-phík-il-a (zítúmbûwa anyâni).
 2-hunters 2SM-pres-8OM-2OM-cook-appl-fv 8-pancakes 2-baboons
 ‘The hunters are cooking them (the pancakes) for them (the baboons).’

(51)

*Alenje a-ku-wá-zí-phík-il-a (zítúmbûwa anyâni).
 2-hunters 2SM-pres-2OM-8OM-cook-appl-fv 8-pancakes 2-baboons
 ‘The hunters are cooking them (the baboons) for them (the pancakes).’
 (Mchombo, 2004, p.82)

Em Chichewa, observamos que a restrição no comportamento dos objetos pós-verbais acontece também em construções aplicativas passivizadas, tais como as apresentadas a seguir:

(52)

Anyaní a-ku-phík-íl-idw-á maúngu (ndí álenje).
 2-baboons 2SM-pres-cook-appl-pass-fv 6-pumpkins (by hunters)
 ‘The baboons are being cooked pumpkins (by the hunters).’

(53)

*Maúngu a-ku-phík-íl-idw-á anyâni (ndí álenje).
 6-pumpkins 2SM-pres-cook-appl-pass-fv 2-baboons (by 2-hunters)
 (Mchombo, 2004, p.82)

Nos dados acima, observamos que o AGENTE da sentença, *álenje* ‘caçadores’, é realizado por um PP após a inserção da extensão passiva {-idw-}, sendo realizado opcionalmente, como demonstra o uso dos parênteses. Neste cenário de ausência do AGENTE um dos objetos pós-verbais tem que se mover para a posição de sujeito da frase, *Spec-TP*. A distinção notada aqui é que apenas o objeto aplicado *anyani* ‘babuínos’ pode figurar nessa posição, como demonstra o dado em (52) acima. O alçamento do objeto direto *maúngu* ‘abóboras’ gera uma sentença agramatical, como se observa em (53).

Em síntese, concluímos que as restrições sintáticas apontadas indicam que a língua Chichewa é assimétrica no sentido de Bresnan e Moshi (1990). Em geral, o que se observa é que línguas assimétricas apresentam essas restrições, uma vez que a marcação de objeto no verbo e a passivização são operações que afetam apenas o objeto aplicado, nunca o objeto direto.

Na próxima seção discuto a proposta de derivação das construções aplicativas, tais como são delineadas pela sintaxe gerativa em seus modelos mais recentes.

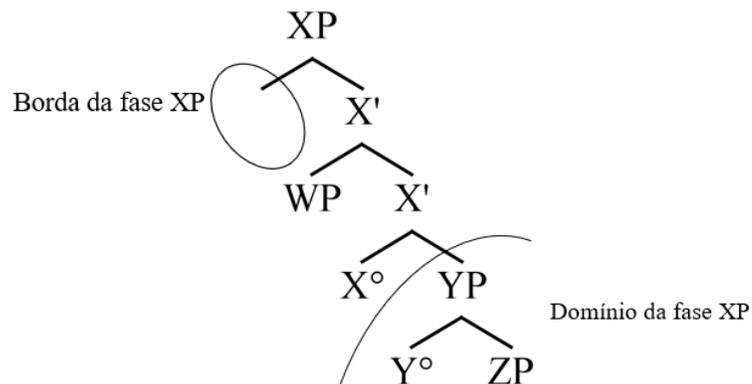
3.4. DERIVAÇÃO SINTÁTICA DAS ESTRUTURAS APLICATIVA

No que diz respeito ao processo de derivação das sentenças nas línguas naturais, o Programa Minimalista postula a operação *Merge* (juntar), na qual um

núcleo se junta ao seu argumento formando estruturas sintáticas recursivas e complexas. Após os argumentos serem juntados em sua posição de base, eles podem se mover para outras posições da estrutura a fim de valorar e apagar traços formais ininterpretáveis por meio da operação de *Agree*.

Chomsky (2001) propõe, portanto, que a derivação sintática das construções linguísticas acontece por meio de blocos sintáticos, os quais são chamados de fases. De acordo com essa proposta, as estruturas da língua são geradas no componente sintático e depois são transferidas para os componentes fonológico e semântico. Observe o diagrama abaixo:

(54) Derivação por fase



Fonte: Elaborada pela autora

Analisando o diagrama arbóreo acima, observamos o núcleo X° encabeça a fase XP, sendo o nível YP o domínio dessa fase. É importante salientar que o domínio da fase não inclui o núcleo da fase nem a posição de especificador do núcleo da fase, mas somente seu complemento que, no diagrama acima, corresponde ao nível sintagmático YP. Sendo assim, depois que todos os traços do domínio YP são valorados, esse domínio é então enviado para o componente fonológico (*spell-out*), tornando-se indisponível para operações sintáticas no domínio C/T/vP. Esta restrição obedece ao que estipula o PIC (do inglês, *Phase Impenetrability Condition*), conforme a assunção abaixo:

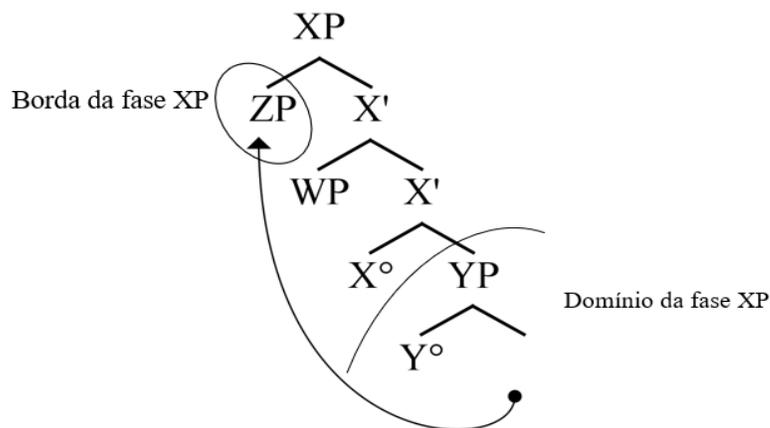
- (55) PIC: O domínio de H não é acessível a operações fora da HP; apenas H e sua borda são acessíveis a tais operações.⁴

Após o envio do domínio fásico para *spell-out*, o núcleo X° e a borda da fase permanecem disponíveis para operações sintáticas que acontecem na fase mais alta. Faz-se importante salientar que um núcleo fásico pode dispor de um traço de margem (*edge-feature*), traço EPP, que introduz uma posição de especificador extra na estrutura, a qual corresponde à borda da fase.

⁴ “The domain of H is not accessible to operations outside HP; only H and its edge are accessible to such operations.” (Chomsky, 2001, p. 13) O núcleo H referido corresponde ao núcleo X° em (54).

Essa posição funciona como um ponto de “fuga” (*escape-hatch*) para que um determinado argumento possa escapar de um domínio mais baixo e aterrissar em um domínio fásico mais alto. O movimento desse constituinte é em geral motivado pela necessidade de valoração de traços formais ininterpretáveis da sonda e do alvo por meio de uma operação *Probe-Goal*. Essa operação de movimento por meio de uma posição *escape-hatch* pode ser percebida pelo diagrama arbóreo a seguir:

(56) *Escape-hatch*



Fonte: Elaborada pela autora

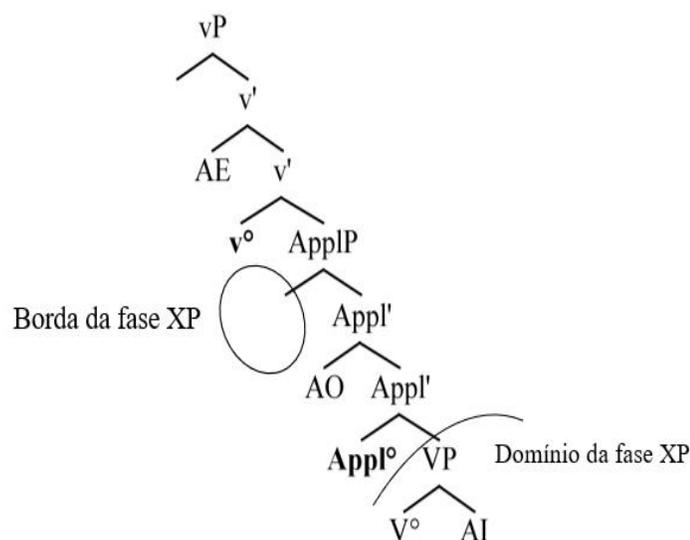
Observe que, na derivação acima, o sintagma ZP se move para a posição de especificador da fase XP para satisfazer o traço de borda do núcleo fásico X°. Esse movimento ocorre antes que o domínio fásico, YP, seja enviado para *spell-out*. Em consonância com Chomsky (2001), as fases são encabeçadas pelos

núcleos fásicos v° , T° e D° , referidos na literatura como sondas (*probe*). Para que esses núcleos tenham estatuto de sonda, faz-se necessário que eles não sejam defectivos. Mais precisamente, é importante que contenha traços- ϕ completos.

Essas sondas buscam em seu domínio um argumento que possa servir como alvo (*goal*) para valorar o traço ininterpretável da sonda e realizar a operação de *Agree*. O domínio de uma fase corresponde ao complemento do núcleo fásico. Uma fase que possui todos os traços valorados e apagados é, então, transferida para o componente fonológico, por meio de *spell-out*, e a partir desse momento nenhum constituinte interno ao domínio da fase estará disponível para operações sintáticas posteriores.

McGinnis (2008) flexibiliza o entendimento de fase, ao incluir também o núcleo aplicativo alto na categoria de núcleos fásicos. A proposta é a de que o núcleo aplicativo alto encabeça a fase ApplP, de modo que a projeção VP constitui o domínio dessa fase, como demonstrado no mapeamento sintático a seguir:

(57) Núcleo aplicativo alto fásico



Fonte: Elaborada pela autora

Nessa perspectiva, a autora apresenta uma proposta de análise das construções aplicativas à luz da proposta de derivação por fase. Isso porque o licenciamento dos objetos em operações sintáticas tais como a marcação de objeto e a passivização, por exemplo está diretamente atrelado à derivação sintática, uma vez que apenas argumentos que ocupam a posição de margem das fases podem ser elegíveis para operações sintáticas sucessivas que ocorrem no domínio fásico C/T/ vP . Adotarei o essencial dessa análise no Capítulo 5, referente à proposta teórica. Proporei que o núcleo aplicativo em Changana, por ser fásico, explica o

comportamento assimétrico dos argumentos pós-verbais nas operações de passivização e de marcação de objeto em contextos não-marcados.

Na próxima seção, apresentarei a noção da posição imediatamente após o verbo conhecida nas línguas bantu como a posição sintática de atribuição de leitura de foco.

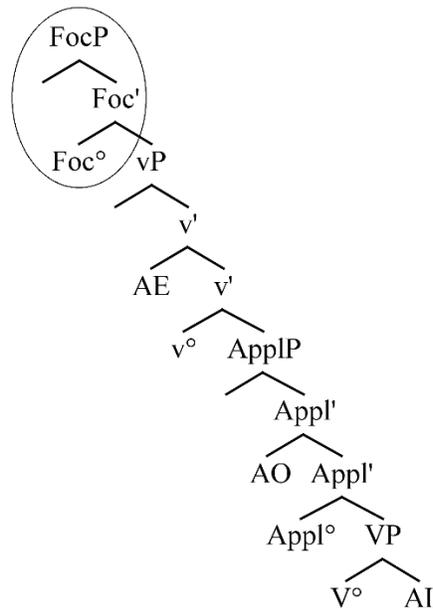
3.5. POSIÇÃO DE FOCO

No tocante ao processo de focalização, o trabalho de Rizzi (1997) postula que elementos que recebem leitura de foco são movidos para uma posição na periferia esquerda da sentença, que em termos de projeções sintáticas corresponde a projeção CP. Desta forma, a interpretação de foco está associada a derivação sintática das sentenças. Todavia, Belletti (2004) propõe a existência de uma posição intermediária na estrutura também relacionada a leitura de foco. De acordo com a autora CP e vP/VP apresentam em comum uma periferia responsável pela interpretação de foco ao elemento movido para essas posições.

No âmbito da linguística bantu, assume-se que há uma relação direta entre a posição imediatamente após o verbo (IAV) e a posição de foco. Segundo essa proposta, a posição IAV é saliente em muitas línguas bantu, inclusive em Changana, já que sintagmas focalizados são movidos para essa posição imediatamente após o verbo. Consoante Duarte e Langa (2023), a posição IAV

corresponde à posição de foco e é mapeada na posição sintática imediatamente acima de vP , conforme demonstra a estrutura sintática abaixo:

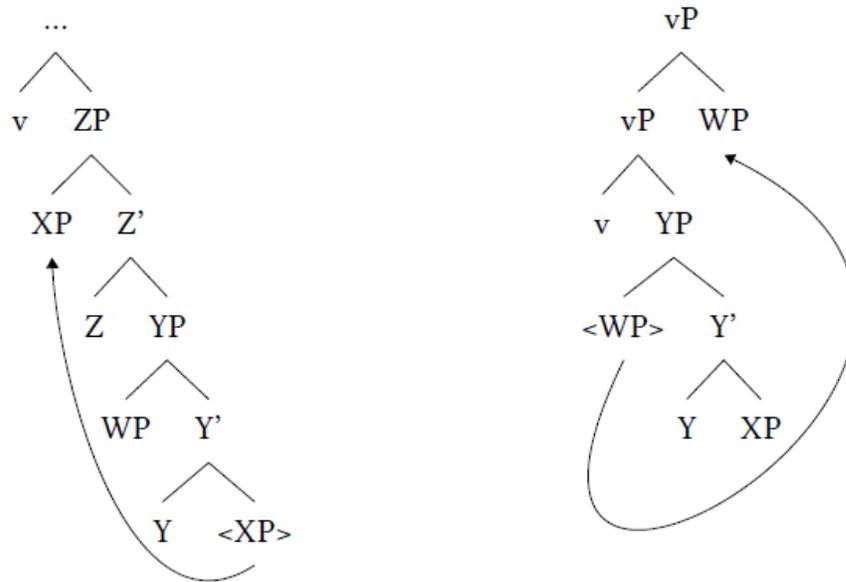
(58) Posição IAV



Fonte: Elaborada pela autora

De acordo com os autores o argumento que recebe a interpretação de foco é movido ao longo da computação sintática para a posição de *Spec-FocP*. Esse movimento deve-se a satisfação e valoração do traço ininterpretável de FOC. Selvanathan (2019) apresenta duas propostas de estruturação de sentenças com a projeção de FocP: a proposta de van Der Val (2006) e a proposta de Cheng e Downing (2012), que estão representadas na estrutura sintática a seguir:

(59) Propostas de derivação das estruturas com FocP



a) Movimento do XP focalizado b) Deslocamento do WP não focalizado

Fonte: Selvanathan (2019, adaptado)

A partir da análise da língua Makhuwa van Der Val (2006) propõe que o constituinte focalizado (XP) se move para a posição de *Spec-FocP*, como representado na figura (59a), de modo que o constituinte não focalizado (WP) permanece *in situ*. Já a proposta de Cheng e Downing (2012), a partir do estudo da língua Zulu, propõe que é o constituinte não focalizado (WP) que se move para uma posição de adjunção a vP, enquanto o constituinte focalizado (XP) permanece *in situ*, como demonstrado na figura (59b). Ambas as propostas visam capturar a

ordem linear da sentença que apresenta o constituinte focalizado na posição imediatamente após o verbo.

No Capítulo 5, assumo que nas construções aplicativas focalizadas a derivação sintática se assemelha a proposta de van Der Val (2006), delineada em (59a), de modo que é o constituinte focalizado que se move obrigatoriamente para *Spec-FocP*. Nas em construções aplicativas em que há a interação das operações de focalização e de marcação de objeto o sintagma focalizado se move para *Spec-FocP* e o sintagma marcado no verbo se move para uma posição de adjunção ao nível *vP*, funcionando então como uma combinação das propostas de van Der Val (2006) e Cheng e Downing (2012), expostas em (59).

3.6. RESUMO DO CAPÍTULO

Neste capítulo apresentei as teorias essenciais que norteiam esta dissertação. Em síntese as construções aplicativas podem ter como base dois tipos de núcleos aplicativos que desempenham funções distintas: o núcleo aplicativo alto, que introduz um argumento que se relaciona com VP e o núcleo aplicativo baixo, que introduz um argumento que relaciona com o argumento interno. O núcleo aplicativo alto é fásico e por este motivo pode acionar um traço de margem que possibilita que um argumento se mova para a sua posição de *Spec-AppIP*.

Com relação ao comportamento dos objetos pós-verbais, percebemos que as línguas podem apresentar um comportamento assimétrico, no qual apenas um dos objetos, em geral o objeto aplicado, pode participar de operações gramaticais como passivização e marcação de objeto. Por outro lado, há línguas em que os objetos aplicado e direto são licenciados a participarem das mesmas operações sintáticas.

Com bases na proposta de derivação por fase, identificamos que esses comportamentos dos objetos pós-verbais podem ser explicados pela forma como as construções são geradas, isto é, como elas são derivadas no componente sintático. De modo que, no contexto assimétrico o objeto direto se encontra indisponível para interagir em contextos de passivização e marcação de objeto, já no contexto simétrico o objeto direto possui um ponto de fuga do nível VP, a saber a margem da fase ApplP, que possibilita que ele se mantenha disponível para operações como, por exemplo, a marcação de objeto.

Por fim, verificamos que nas línguas bantu há uma posição sintática destinada à atribuição de leitura de foco, mais especificamente adotaremos a posição de *Spec-FocP* projetada acima de *vP* na proposta de Duarte e Langa (2023). Destarte, um constituinte da sentença que possui um traço de foco deve se mover cíclica e sucessivamente pelas bordas das fases *v*/ApplP até pousar na posição de foco, na qual recebe interpretação de foco.

No próximo capítulo apresento os dados da língua Changana a fim de verificar quais são os tipos de bases verbais com as quais o morfema {-el-} pode se juntar; os tipos de papéis temáticos atribuídos ao objeto aplicado inserido pelo núcleo aplicativo e o comportamento dos objetos pós-verbais em construções aplicativos derivadas de sentenças transitivas.

CAPÍTULO 4: APRESENTAÇÃO DOS DADOS RELEVANTES

Este capítulo tem por objetivo apresentar os dados que serão relevantes para o desenvolvimento da proposta teórica a ser apresentada no capítulo 5. Para tanto, são exploradas construções não-derivadas em comparação a construções aplicativas a fim de observar o impacto da introdução do morfema aplicativo {-el-} na derivação sintática. Na análise das construções aplicativas não-marcadas é observado o comportamento do objeto aplicado e do objeto direto nas operações de passivização e marcação de objeto. Já nas construções marcadas por focalização é investigada as alterações do comportamento dos objetos pós-verbais a partir da projeção do núcleo Foc°. Além disso, é discutida a interação das operações de focalização e marcação de objeto nas construções aplicativas.

O capítulo está organizado em quatro seções. A seção 4.1 discute as bases verbais as quais o núcleo aplicativo pode se afixar em Changana; a seção 4.2 explora os papéis temáticos relacionados ao objeto aplicado inserido à estrutura verbal; a seção 4.3 investiga a interação dos objetos pós-verbais a partir de diferentes operações gramaticais. Por fim, a seção 4.4 apresenta o resumo do capítulo.

4.1. TIPOLOGIA DAS BASES VERBAIS QUE ADMITEM A AFIÇÃO DO MORFEMA {-EL-}

É possível observar que o morfema aplicativo {-el-} pode ser afixado a diferentes tipos de bases verbais, sendo elas intransitivas (inacusativa ou inergativa) e transitivas. Vejamos os exemplos a seguir com verbo intransitivo:

(60) Xipachi xiwile.
 Xi-pachi xi-w-ile
 7-carteira 7MS-cair-PSD
 ‘A carteira caiu.’

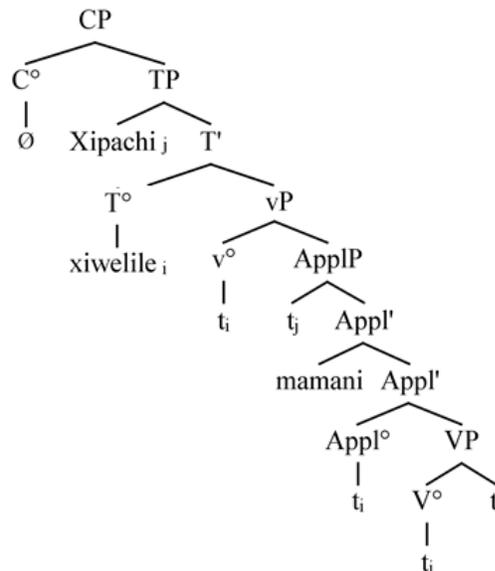
(61) Xipachi xiwelile mamani.
 Xi-pachi xi-w-el-ile Ø-mamani
 7-carteira 7MS-cair-APPL-PSD 1-mamãe
 ‘A carteira caiu em cima da mamãe.’

(Chimbutane, 2002, adaptado)

Nos dados acima, observamos que o morfema aplicativo {-el-} se afixa a uma base inacusativa. O resultado dessa operação morfossintática é que o argumento *mamani* ‘mamãe’ é introduzido à estrutura argumental do verbo, como se observa em (61). Note ainda que a interpretação semântica da construção em (61) sugere que o objeto aplicado se maleficia ou se prejudica por meio da queda da carteira, por este motivo o objeto aplicado tem a função semântica de MALEFICIÁRIO.

Sendo assim, dada a relação entre o indivíduo *mamani* e o evento “queda da carteira”, a hipótese que assumirei, doravante, é a de que o morfema aplicativo tem estatuto gramatical de núcleo sintático, tal qual apresentado no capítulo 4. Mais precisamente assumirei que esse morfema realiza um núcleo aplicativo alto, conforme mostra a estrutura sintática abaixo:

(62) Estrutura da construção aplicativa com base inacusativa



Fonte: Elaborada pela autora

No mapeamento acima, observamos o nível VP, composto pelo núcleo V° {-w-} e o complemento *xipachi* ‘carteira’. Esse nível é juntado ao núcleo aplicativo, que projeta o objeto aplicado *mamani* ‘mamãe’, o nível ApplP se junta

ao núcleo v° ⁵. Neste ponto da derivação, o domínio da fase ApplP, a saber VP, ainda não pode ser enviado para *spell-out*, isso porque o argumento interno *xipachi* ‘carteira’ não teve seu traço de Caso valorado, já que o núcleo v° é defectivo e não atribui Caso acusativo a ele. Desta forma, o argumento *xipachi* se move para a posição de *Spec*-ApplP e então o nível VP é enviado para *spell-out*. O v P, então, se junta ao núcleo T° que sonda em seu domínio, a saber v P, por um argumento para se mover para *Spec*-TP para valorar os traços da sonda T° . No domínio v P há dois argumentos possíveis: o argumento *mamani* e o argumento *xipachi*, entretanto *mamani* não está disponível, pois já teve seus traços valorados *in situ*, por este motivo o argumento *xipachi*, que ainda não recebeu Caso, é atraído para *Spec*-TP, posição na qual valora os traços de T° . Formada a projeção TP, esta se junta ao núcleo C° que tem realização morfológica nula e a derivação da sentença se encerra com o nível CP.

A proposta de que o morfema aplicativo {-el-} em Changana realiza um núcleo aplicativo alto fica ainda mais evidenciada pelo fato de que esse morfema pode ocorrer com o verbo inergativo *kuhleka* ‘rir’, o qual introduz o argumento BENEFICIÁRIO *ntombhi* ‘garota’, conforme mostram os dados abaixo:

(63) Jaha leli lohleka.
 Ø-Jaha le-li l-o-hlek-a

⁵ Assumo a proposta de Chomsky (2000, 2001), a partir da qual em construções passivas e inacusativas, como em (60 e 61) há a projeção de um v° defectivo que não é ϕ -completo e portanto não valora o Caso acusativo com o seu argumento interno.

5-*rapaz* DEM-5 5MS-PROG-*rir*-VF
 ‘Este rapaz está rindo.’

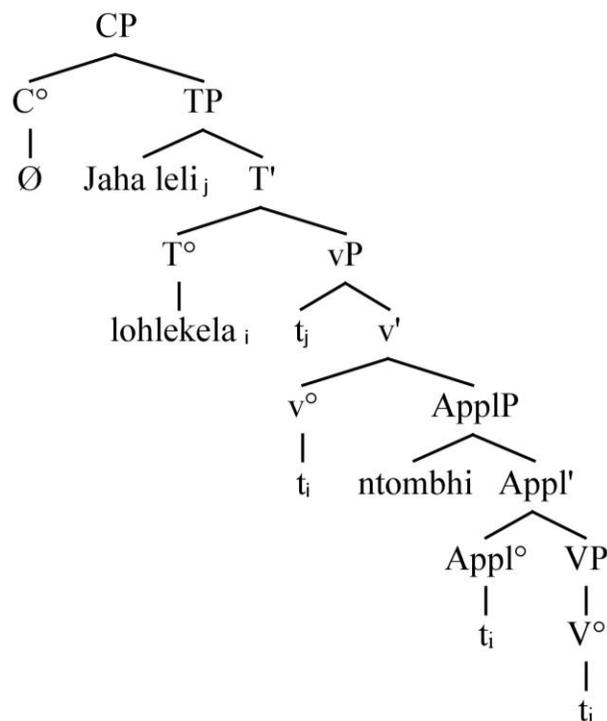
(64) *Jaha leli lohlekela ntombhi.*

Ø-*Jaha* le-*li* l-o-*hle*k-el-a n-*tombhi*
 5-*rapaz* DEM-5 5MS-PROG-*rir*-APPL-VF 9-*garota*
 ‘Este rapaz está rindo para garota.’

(Chimbutane, 2002, adaptado)

Notem que em (63) percebemos a ocorrência de um verbo inergativo, que projeta apenas o argumento externo *jaha leli* ‘este rapaz’. No entanto, em (64), quando o morfema aplicativo {-el-} é introduzido, há uma nova interpretação semântica apurada, visto que o objeto aplicado *ntombhi* ‘garota’ tem destinado a si o sorriso do rapaz, de modo que se torna o beneficiário deste gesto. Mais uma vez, observamos uma relação do tipo indivíduo-evento proporcionada pelo núcleo aplicativo alto, que aqui vem manifestada pelo morfema aplicativo {-el-}, conforme demonstra a estrutura arbórea a seguir:

(65) Estrutura da construção applicativa com base inergativa



Fonte: Elaborada pela autora

No diagrama acima, identificamos que o nível VP é formado apenas pelo núcleo V°, este nível, então, se junta ao núcleo aplicativo, que projeta o objeto aplicado *ntombhi* ‘garota’, gerando o nível ApplP. A projeção máxima ApplP se junta ao núcleo v°, que projeta o argumento externo *jaha leli* ‘este rapaz’, formando o nível vP. Este nível, por sua vez, se junta ao núcleo T°, que precisa de um argumento para valorar seus traços na posição de *Spec-TP*. Diante disso, o argumento externo *jaha leli* se move de *Spec-vP* para *Spec-TP* onde valora os traços da sonda T° e recebe Caso nominativo. O nível TP, então, se junta ao núcleo C° que não tem realização morfofonológica, finalizando a computação desta

sentença com o nível CP.

Outra evidência de que o morfema aplicativo realiza uma projeção aplicativa alta advém do fato de que a relação que se observa não é do tipo indivíduo-indivíduo, característica do aplicativo baixo, mas sim do tipo indivíduo-evento, em (61) a mãe se maleficia pela queda da carteira e em (64) a garota se beneficia com o sorriso do rapaz. Desta maneira, assumirei que, nesses contextos, o argumento aplicado é gerado em posição externa ao VP, e não dentro do VP, como é possível perceber nas estruturas arbórea das sentenças em (62) e (65).

Sendo assim, os dados mostrados de (60) a (65) fornecem evidências para a hipótese conforme a qual o morfema {-el-} se realiza como um núcleo aplicativo alto nessas construções do Changana. Essa proposta fica ainda mais substanciada pelo fato de esse afixo também poder se ligar a verbos transitivos, conforme mostram os dados retomados a seguir:

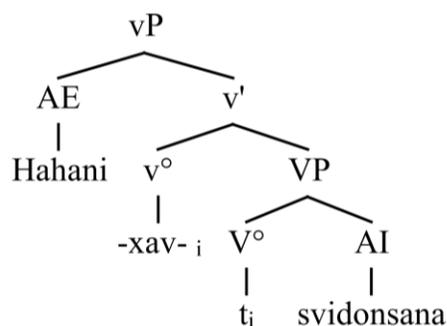
- (66) Hahani axavile svidonsana.
 Ø-Hahani a-xav-ile svi-donsana
 1-tia 1MS-comprar-PSD 8-doce
 ‘Minha tia comprou doces.’

(Chimbutane, 2002, adaptado)

Observamos, no dado acima, que a sentença se constitui do núcleo V^o e do argumento interno *svidonsana* ‘doce’, perfazendo o VP, e do núcleo v^o e do

argumento externo *hahani* ‘tia’, de tal sorte que podemos propor que a estrutura sintática abstrata dessa sentença possui o seguinte mapeamento:

(67) Estrutura [vP [VP]] na construção aplicativa com base transitiva



Fonte: Elaborada pela autora

Por sua vez, a introdução do morfema aplicativo, em (68) abaixo, incrementa a estrutura argumental do predicado, já que o núcleo aplicativo introduz o objeto aplicado *vatsongwana* ‘crianças’, conforme demonstra o dado a seguir:

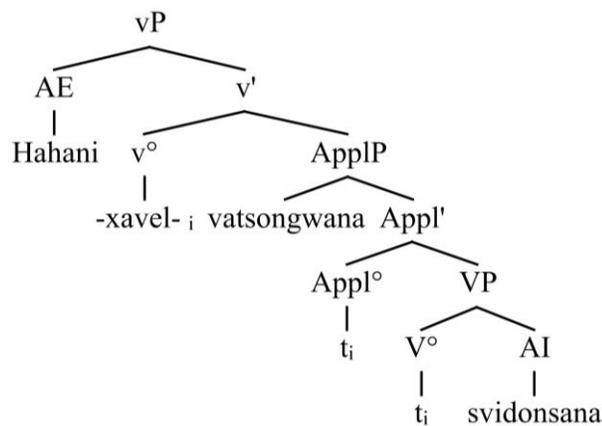
(68) Hahani axavelile vatsongwana svidonsana.
 Ø-Hahani a-xav-el-ile va-tsongwana svi-donsana
 1-tia 1MS-comprar-APPL-PSD 2-criança 8-doce
 ‘Minha tia comprou doces para as crianças.’

(Chimbutane, 2002, adaptado)

O objeto aplicado inserido é beneficiado pela compra de doces e, portanto, mantém uma relação composicional com o evento, o qual é constituído pelo verbo

e seu argumento interno. Esse novo domínio pode ser melhor observado pelo mapeamento sintático a seguir:

- (69) Estrutura [vP [ApplP [VP]]] na construção applicativa com base transitiva



Fonte: Elaborada pela autora

Em resumo, a análise oferecida até aqui permite levantar a hipótese de que o núcleo aplicativo presente nos dados acima é do tipo alto. Tal assunção fica particularmente assentada pelo fato de o núcleo aplicativo se juntar a bases inergativas e transitivas e pela ausência de interpretação semântica do tipo de transferência de posse, a qual é típica de construções que envolvem o núcleo aplicativo baixo.

4.2. NATUREZA DOS PAPÉIS TEMÁTICOS ATRIBUÍDOS AO OBJETO APLICADO

Outro aspecto que precisa ficar bem assentado na nossa análise são os tipos de papéis temáticos licenciados pelo núcleo aplicativo. Tomando por base os dados apresentados até o momento, concluímos que o objeto aplicado pode receber os seguintes papéis temáticos do núcleo aplicativo: o MALEFICIÁRIO, conforme exemplo (61), e o BENEFICIÁRIO, conforme exemplos (64) e (68), repetidos abaixo como (70) a (72)

(70) Xipachi xiwelile **mamani**. [MALEFICIÁRIO]

Xi-pachi	xi-w-el-ile	Ø-mamani
7-carteira	7MS-cair-APPL-PSD	1-mamãe

‘A carteira caiu em cima da mamãe.’

(71) Jaha leli lohlekela **ntombhi**. [BENEFICIÁRIO]

Ø-Jaha	le-li	1-o-hlek-el-a	n-tombhi
5-rapaz	DEM-5	5MS-PROG-rir-APPL-VF	9-garota

‘Este rapaz está rindo para garota.’

(72) Hahani axavelile **vatsongwana** svidonsana. [BENEFICIÁRIO]

Ø-Hahani	a-xav-el-ile	va-tsongwana	svi-donsana
1-tia	1MS-comprar-APPL-PSD	2-criança	8-doce

‘Minha tia comprou doces para as crianças.’

(Chimbutane, 2002, adaptado)

Além dos papéis temáticos apresentados acima, há ainda outros papéis temáticos licenciados aos objetos aplicados na língua Changana. Por exemplo, no exemplo (73), observamos que o objeto aplicado *mali* ‘dinheiro’ recebe a leitura

de MOTIVO/RAZÃO. Já em (74) o objeto aplicado *xitaratwini* ‘rua’ recebe a interpretação de LOCATIVO, enquanto em (75) o objeto aplicado *mfumu* ‘governo’ recebe o papel temático de GOAL. Comparem-se os exemplos a seguir:

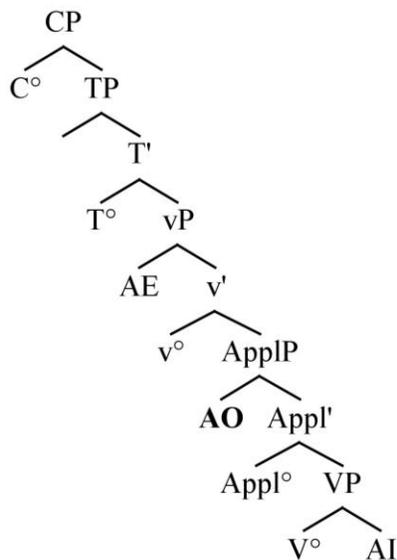
- (73) Vanhu lava votirhela **mali**. [MOTIVO/RAZÃO]
 Va-nhu la-va v-o-tirh-el-a mali
 2-pessoa DEM-2 2MS-PROG-trabalhar-APPL-VF 9-dinheiro
 ‘Essas pessoas estão trabalhando por dinheiro.’
- (74) Svihlangi svotlangela **xitaratwini**. [LOCATIVO]
 Svi-hlangi sv-o-tlang-el-a xi-taratw-ini
 8-criança 8MS-PROG-brincar-APPL-VF 7-rua-LOC
 ‘As crianças estão brincando na rua.’
- (75) Varimi vatsalelile **mfumu** papila. [GOAL]
 Va-rimi va-tsal-el-ile m-fumu papila
 2-agricultor 2MS-escrever-APPL-PSD 3-governo 5-carta
 ‘Os agricultores escreveram uma carta para o governo.’

(Chimbutane, 2002, adaptado)

Torna-se importante enfatizar que a natureza desses papéis temáticos reforça a nossa hipótese de que, de fato, o núcleo aplicativo dessas construções realmente introduz um argumento em posição mais alta, ao contrário de núcleos aplicativos baixos. Na literatura técnica, assume-se que os papéis temáticos de BENEFICIÁRIO, MALEFICIÁRIO, MOTIVO/RAZÃO, LOCATIVO e GOAL são em geral descarregados por núcleos aplicativos altos, enquanto núcleos aplicativos baixos denotam uma relação de transferência entre possuidor-possuído.

Conforme vimos acima, nenhum dos dados traz exemplos de transferência de posse, o que permite arrematar a hipótese de que, pelo menos nesses casos, o núcleo aplicativo, instanciado pelo morfema {-el-} corresponde ao núcleo aplicativo alto, conforme mostra a estrutura arbórea complexa a abaixo:

(76) Estrutura do núcleo aplicativo alto fásico



Fonte: Elaborada pela autora

Na estrutura arbórea acima, verificamos que o objeto aplicado (AO) introduzido pelo núcleo aplicativo alto, mantém relação com o nível VP que expressa o evento descrito pelo verbo. Esta é, portanto, a estrutura sintática das sentenças aplicativos transitivas que são o cerne da análise desenvolvida nesta dissertação e para as quais será desenvolvida uma proposta teórica no capítulo 5.

4.3. COMPORTAMENTO DOS OBJETOS PÓS-VERBAIS

Conforme descrito na seção anterior, o comportamento dos objetos pós-verbais em construções aplicativas apresenta distinções sintático-semânticas importantes, que precisam ser bem delimitadas. Por esta razão, a análise centrará nas estruturas transitivas aplicadas complexas que são derivadas a partir de sentenças transitivas com objeto aplicado BENEFICIÁRIO. A justificativa de tal escolha deveu-se ao fato de que essas estruturas nos permitem apreender de maneira mais robusta o comportamento dos objetos aplicados em estruturas aplicativas com núcleo aplicativo alto. Começemos a nossa análise com as construções aplicativas não-marcadas.

4.3.1. CONSTRUÇÕES APLICATIVAS NÃO-MARCADAS

As construções transitivas complexas apresentadas nesta seção são referidas como não-marcadas pelo fato de não apresentarem saliência discursiva, isto é, os objetos pós-verbais não recebem interpretação pragmática de foco e, conseqüentemente, não são movidos para posição de foco (*Spec-FocP*), conforme mostram os dados a seguir:

(77) Hahani asveka tihlampfi.
 Ø-Hahani a-svek-a ti-hlampfi
 1-tia 1MS-cozinhar-VF 10-peixe
 ‘Minha tia está cozinhando peixes.’

(78) Hahani asvekela vapfumba tihlampfi
 Ø-Hahani a-svek-el-a va-pfumba ti-hlampfi
 1-tia 1MS-cozinhar-APPL-VF 2-convidado 10-peixe
 ‘Minha tia está cozinhando peixes para os convidados.’

(Chimbutane, 2002, adaptado)

Note que, em (77), o verbo *kusveka* ‘cozinhar’ figura em sua forma não-derivada. Por sua vez, em (78), esse verbo recebe o morfema aplicativo {-el-}, o qual introduz o objeto aplicado *vapfumba* ‘convidados’. Faz-se importante destacar que, para que a construção applicativa em (78) seja gramatical, o objeto aplicado não pode ser omitido da sentença. Em outras palavras, a afixação do morfema aplicativo torna obrigatória a realização do objeto aplicado, seja na forma de um NP pleno, seja por meio de uma marca do objeto, conforme mostram os exemplos a seguir:

(79) *Hahani asvekela tihlampfi
 Ø-Hahani a-svek-el-a ti-hlampfi
 1-tia 1MS-cozinhar-APPL-VF 10-peixe

(80) Hahani avasvekela tihlampfi (vapfumba).

Ø-Hahani	a-va-svek-el-a	ti-hlampfi	(va-pfumba)
1-tia	1MS-2MO-cozinhar-APPL-VF	10-peixe	2-convidado

'Minha tia está cozinhando peixes para eles, (os convidados).'

(Chimbutane, 2002, adaptado)

Em (79) constatamos uma sentença agramatical, tendo em vista que o argumento projetado pelo morfema aplicativo {-el-} não é expresso na sentença. Já em (80), embora o objeto aplicado possa ser apagado da sentença, ele é facilmente recuperado pela marca de objeto {-va-} vem prefixada à raiz verbal.

Diferentemente do comportamento do objeto aplicado *vapfumba* 'convidados', conforme mostra o exemplo acima, o objeto direto *tihlampfi* pode, sim, ser omitido na construção applicativa sem gerar agramaticalidade à sentença, como se verifica em (81) a seguir:

(81) Hahani asvekela vapfumba.

Ø-Hahani	a-svek-el-a	va-pfumba
1-tia	1MS-cozinhar-APPL-VF	2-convidado

'Minha tia está cozinhando para os convidados.'

(Chimbutane, 2002, adaptado)

Tomando por base os dados acima, percebemos duas distinções importantes em relação ao comportamento dos objetos pós-verbais. A primeira diferença se relaciona ao fato de que o objeto aplicado tende a vir imediatamente

após o verbo. Isto fica particularmente evidenciado pelo fato de o objeto aplicado sempre preceder o objeto direto, emergindo, portanto, a ordem [SUJEITO + VERBO + OBJETO APLICADO + OBJETO DIRETO]. A segunda distinção se refere ao fato de que o apagamento do objeto direto na construção applicativa não resulta em uma construção agramatical, ao contrário do objeto aplicado que não pode ser omitido.

Essas informações servem, portanto, uma vez mais de argumento a favor da proposta de que o sufixo {-el-} realiza-se como um núcleo applicativo alto, visto que o objeto aplicado mantém uma relação com o evento descrito pelo VP e não com o objeto direto, tornando a ocorrência deste último opcional.

Na próxima seção, o objetivo é apresentar uma descrição da passivização em construções applicativas, a fim de testar se o Changana é uma língua de comportamento simétrico ou assimétrico.

4.3.1.1. PASSIVIZAÇÃO NAS CONSTRUÇÕES APLICATIVAS

Em Changana, a operação de passivização é marcada pelo sufixo {-iw-}, o qual é afixado após o morfema applicativo. A passivização das construções applicativas nos fornece uma evidência sobre o comportamento da língua no que diz respeito a tipologia de língua com comportamento simétrico ou assimétrico.

Nestas construções, percebemos um comportamento assimétrico dos objetos pós-verbais, uma vez que o objeto aplicado pode ser passivizado, de

acordo com o dado em (82), enquanto o objeto direto não pode, conforme mostra a agramaticalidade do exemplo (83):

(82) Vapfumba vasvekeliwa tihlampfi (hi hahani).
 Va-pfumba va-svek-el-iw-a ti-hlampfi (hi hahani)
 2-convidado 2MS-cozinhar-APPL-PAS-VF 10-peixe por 1-tia
 ‘Os convidados são cozinhados alguns peixes (pela minha tia).’

(83) *Tihlampfi tisvekeliwa vapfumba (hi hahani).
 Ti-hlampfi ti-svek-el-iw-a va-pfumba (hi hahani)
 10-peixe 10MS-cozinhar-APPL-PAS-VF 2-convidado por 1-tia
 ‘Alguns peixes são cozinhados para os convidados (por minha tia).’

(Chimbutane, 2002, adaptado)

Em síntese, observa-se que em (82) o alçamento do objeto aplicado *vapfumba* ‘convidados’ para a posição de sujeito da sentença gera uma sentença gramatical, enquanto em (83) o alçamento do objeto direto *tihlampfi* ‘peixes’ não é licenciado. Nota-se, assim, que esse comportamento assimétrico dos dois argumentos confirma a nossa hipótese, aventada acima, de que em construções não-marcadas, o Changana entra na tipologia de língua aplicativa assimétrica.

O objetivo da próxima seção é averiguar se a marca de objeto pode se referir aos dois objetos ou apenas ao objeto aplicado. O intuito é delimitar se, nesse contexto, há a mesma assimetria sintática que é observada acima. Mais precisamente nos interessa identificar se a marca de objeto correferencial refere-se apenas ao objeto aplicado ou não.

4.3.1.2. MARCA DE OBJETO NAS CONSTRUÇÕES APLICATIVAS

Em relação aos contextos com marcas de objeto, observa-se uma interessante restrição em relação ao comportamento do objeto aplicado e do objeto direto. Neste sentido, observe que no exemplo (84) a marca de objeto com o objeto aplicado é possível. Assim sendo, o prefixo de objeto {-va-} se refere ao objeto aplicado, *vapfumba* ‘convidados’. Entretanto, nota-se que em (85) a ocorrência do prefixo correspondente ao objeto {-ti-} não pode vir na raiz verbal para referenciar o objeto direto, *tihlampfi* ‘peixes’. Caso esse prefixo ocorra, a sentença se torna agramatical, conforme mostram os dados abaixo:

(84) Hahani avasvekela tihlampfi (vapfumba).

Ø-Hahani	a-va-svek-el-a	ti-hlampfi	(va-pfumba)
1-tia	1MS-2MO-cozinhar-APPL-VF	10-peixe	2-convidado

‘Minha tia está cozinhando peixes para eles, (os convidados).’

(85) *Hahani atisvekela vapfumba (tihlampfi).

Ø-Hahani	a-ti-svek-el-a	va-pfumba	(ti-hlampfi)
1-tia	1MS-10MO-cozinhar-APPL-VF	2-convidado	10-peixe

‘Minha tia está cozinhando os convidados para eles, (os peixes).’

Outro fato curioso é que, se houver a coocorrência das duas marcas de objeto, conforme mostrado em (86), a sentença fica degradada e se torna agramatical, conforme o exemplo abaixo:

(86) *Hahani ativasvekela (tihlampfi) (vapfumba).

Ø-Hahani a-ti-va-svek-el-a (ti-hlampfi) (va-pfumba)
 1-tia 1MS-10MO-2MO-cozinhar-APPL-VF 10-peixe 2-convidado

(Chimbutane, 2002, adaptado)

A próxima seção tem por objetivo a análise do comportamento dos objetos pós-verbais em construções transitivas complexas que apresentam saliência discursiva, isto é, em que o objeto recebe uma leitura de foco ao se mover para a posição de *Spec-FocP*.

4.3.2. CONSTRUÇÕES APLICATIVAS MARCADAS PELA FOCALIZAÇÃO

Em Changana, assim como outras línguas bantu, verificamos que a posição de adjacência ao verbo é marcada por uma saliência discursiva. Isto é, o constituinte que ocupa a posição IAV (Imediatamente Após o Verbo, do inglês *Immediately-After-Verb*) recebe uma leitura de foco. Essa assunção fica bastante evidenciada pelos dados abaixo, que são fruto da coleta descrita na seção de metodologia deste trabalho. Nestes dados analisamos que tanto o objeto aplicado (87) quanto objeto direto (88) podem ser focalizados:

(87) Hahani asvekela VAPFUMBA tihlampfi, angali B'ava.

Ø-Hahani	a-svek-el-a	va-pfumba	ti-hlampfi
1-tia	1MS-cozinhar-APPL-VF	2-convidado	10-peixe
angali	Ø-B'ava		
NEG	1-papai		

'Minha tia está cozinhando peixes para OS CONVIDADOS e não para o papai.'

(88) Hahani asvekela TIHLAMPFI vapfumba, angali tihuku.

Ø-Hahani	a-svek-el-a	ti-hlampfi	va-pfumba
1-tia	1MS-cozinhar-APPL-VF	10-peixe	2-convidado
angali	ti-huku		
NEG	10-galinha		

'Minha tia está cozinhando PEIXES para os convidados e não galinhas.'

O dado em (87) mostra que o objeto aplicado *vapfumba* 'convidados' recebe a leitura de foco contrastivo, enquanto que em (88) o objeto direto é quem recebe essa interpretação. É importante salientar que, no exemplo (88), a inversão da ordem dos objetos é permitida, uma vez que o objeto direto, *tihlampfi* 'peixes', recebe leitura de foco e, portanto, passa a ocupar a posição imediatamente após o verbo que é hierarquicamente mais alta que a posição em que o objeto aplicado se encontra.

Na próxima seção analisaremos construções aplicativas nas quais há interação entre a operação de focalização e a operação de marcação de objeto.

4.3.2.1. Focalização e a marcação de objeto nas construções aplicativas

Além dos contextos sintáticos da seção anterior, é importante averiguar como se dá a interação entre o mecanismo de focalização e marcação de objeto no verbo. A expectativa é a de que a marca de objeto só possa ser engatilhada, quando o objeto é tópico, ou seja, uma informação compartilhada no discurso, enquanto uma informação nova não pode ser referida por meio da marca de objeto no verbo.

De fato, essa previsão é confirmada uma vez que, em (89) abaixo, a marcação do objeto aplicado, *vapfumba* ‘convidados’, no verbo é licenciada, visto que esse argumento não é focalizado. Note que, neste exemplo, o foco recai sobre o objeto direto, conforme mostrado abaixo:

- (89) Hahani avasvekela TIHLAMPFI, angali tihuku.
 Ø-Hahani a-va-svek-el-a ti-hlampfi
 1-tia 1MS-2MO-cozinhar-APPL-VF 10-peixe
 angali ti-huku
 NEG 10-galinha
 ‘Minha tia está cozinhando PEIXES e não galinhas.’

Todavia, se é o objeto aplicado que recebe leitura de foco contrastivo, a marca de objeto dar-se-á, desta vez, com o objeto tema, conforme mostra o dado abaixo:

(90) Hahani atisvekela VAPFUMBA, angali B'ava.

Ø-Hahani	a-ti-svek-el-a	va-pfumba
1-tia	1MS-10MO-cozinhar-APPL-VF	2-convidado
angali	Ø-B'ava	
NEG	1-papai	

'Minha tia está cozinhando para OS CONVIDADOS e não para o papai.'

Portanto, em (90), como o objeto aplicado, *vapfumba* 'convidados' recebe leitura de foco contrastivo, o objeto direto, *tihlampfi* 'peixes', pode então engatilhar a marca de objeto no verbo.

Em suma, a restrição descritiva que podemos propor é a de que a marca de objeto na raiz verbal é engatilhada quando o objeto, seja ele o aplicado ou o direto, não estiver em posição sintática de foco, que na língua Changana corresponde à posição imediatamente após o verbo, *Spec-FocP*.

Com base nos fenômenos sintáticos analisados nesse capítulo, apresentamos no capítulo seguinte uma análise teórica, tendo por base contribuições da teoria gerativa. A proposta teórica central que pretendemos delinear é a de que Changana é uma língua com comportamento assimétrico nas construções não-marcadas e apresenta comportamento simétrico nas construções marcadas por focalização.

4.4. RESUMO DO CAPÍTULO

Neste capítulo examinei construções da língua Changana que nos permitem afirmar que o morfema aplicativo {-el-} se afixa a diferentes tipos de bases verbais, como as bases inacusativas, inergativas e transitivas. Vimos que a relação estabelecida pelo objeto aplicado nessas construções se dá com o nível VP, constituído pelo núcleo V° mais seu complemento ou só pelo núcleo V°. Tal observação evidencia que o morfema {-el-} é projetado nessas construções como um núcleo aplicativo alto, de modo que o objeto aplicado é projetado fora do nível VP.

Verificamos também que as semânticas relacionadas ao objeto aplicado são variadas, podendo ser representadas por papéis temáticos como BENEFICIÁRIO, MALEFICIÁRIO, MOTIVO/RAZÃO, LOCATIVO e GOAL. Em nenhum dos casos apresentados foi possível perceber a relação de transferência de posse, característica do núcleo aplicativo baixo. Esta observação consiste em mais uma evidência para a classificação do morfema {-el-} como um núcleo aplicativo alto.

Por fim, verificamos que o comportamento dos objetos pós-verbais difere quando analisamos construções não-marcadas, sem leitura de foco, e construções marcadas por focalização. Percebemos que no contexto das construções não-marcadas há restrições ao objeto direto de participar de operações de passivização

e de marcação de objeto. Em contrapartida, o objeto aplicado é livremente licenciado a interagir nos contextos sintáticos de passivização e marcação de objeto.

Entretanto, quando analisamos construções marcadas com focalização essas restrições não ocorrem, uma vez que quando a leitura de foco recai sobre o objeto aplicado, o objeto direto passa a ser licenciado na operação de marcação de objeto. E quando o objeto direto recebe a leitura de foco, o objeto aplicado é marcado no verbo. O que notamos, portanto, é que em contextos não-marcados, ou default, a língua Changana funciona como uma língua assimétrica. No entanto, a operação de focalização licencia o objeto direto a operações antes restringidas, emergindo, portanto, um comportamento simétrico.

No próximo capítulo apresento a proposta teórica a respeito da interação dos objetos aplicado e direto em construções aplicativas derivadas a partir de sentenças transitivas. Para tanto, são consideradas as construções aplicativas em interação com as operações gramaticais de passivização, marcação de objeto e focalização.

CAPÍTULO 5: PROPOSTA TEÓRICA

Este capítulo tem por objetivo a elaboração de uma proposta de análise do comportamento dos objetos pós-verbais nas construções aplicativas transitivas da língua Changana, à luz de propostas que vêm sendo desenvolvidas no âmbito da teoria gerativa. Nesse sentido, a proposta teórica que pretendo desenvolver neste capítulo é a de que o morfema {-el-} realiza o núcleo aplicativo alto que marca a relação semântica entre um indivíduo e um evento (Pylkkänen, 2008). Este núcleo aplicativo encabeça a fase ApplP, que tem o nível VP como seu domínio (McGinnis, 2008).

Entretanto, o acionamento do traço formal EPP por este núcleo difere quando analisamos construções transitivas não-marcadas em oposição ao que vemos em construções transitivas marcadas por focalização. Em construções transitivas não-marcadas o núcleo aplicativo não dispõe do traço EPP e, por este motivo, não projeta a posição extra de *Spec*-ApplP, que pode funcionar como *escape hatch* para um argumento que é gerado dentro do domínio VP. Assumiremos, ainda, que, nas construções transitivas marcadas por focalização, o traço EPP é acionado pelo núcleo aplicativo, fazendo com que este projete uma posição de margem, de tal modo a permitir que o objeto direto saia do nível VP e permaneça disponível para operações sintáticas sucessivas fora deste domínio. Em

suma, esse capítulo busca encontrar uma resposta unificada para as seguintes questões:

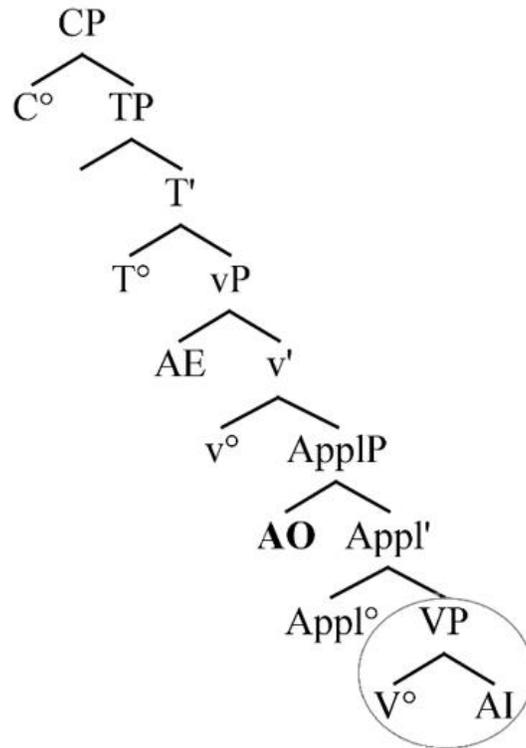
- (91) Qual é a tipologia do núcleo aplicativo nas construções analisadas do Changana?
- (92) Qual é o traço formal que motiva o comportamento distinto dos objetos pós-verbais nas construções aplicativos?

O capítulo está organizado em seis seções: a seção 5.1 apresenta o modelo de estrutura arbórea das construções analisadas; a seção 5.2 demonstra o mapeamento sintático de construções aplicativos interagindo com a operação de focalização; a seção 5.3 expõe a proposta de derivação das construções não-marcadas em interação com a operação de passivização; 5.4 demonstra a proposta de derivação das construções não-marcadas em interação com a operação de marcação de objeto; a seção 5.5 exhibe a proposta de derivação das construções marcadas por focalização; por fim a seção 5.6 apresenta o resumo do capítulo.

5.1. DERIVANDO AS ESTRUTURAS APLICATIVAS

No intuito de desenvolver a proposta teórica, assumo doravante que (i) a língua Changana possui construções aplicativas não-marcadas assimétricas; (ii) essas construções dependem de estruturas sintáticas específicas em que os dois argumentos — objeto aplicado e objeto direto — estejam envolvidos; (iii) esse comportamento assimétrico pode ser alterado quando as construções são marcadas por focalização; (iv) e, por fim, adotarei a proposta conforme a qual as construções aplicativas transitivas analisadas apresentam a estrutura sintática abaixo:

(93) Estrutura do núcleo aplicativo alto fásico em construções transitivas



Fonte: Elaborada pela autora

Tendo em conta que o objeto aplicado recebe a interpretação semântica de BENEFICIÁRIO, ou seja, o objeto aplicado se beneficia por meio da ação descrita pelo verbo, interessa-nos agora explicar a razão por que essas construções são assimétricas no sentido de Bresnan e Moshi (1990). Começemos, então, a análise das sentenças transitiva não-derivadas.

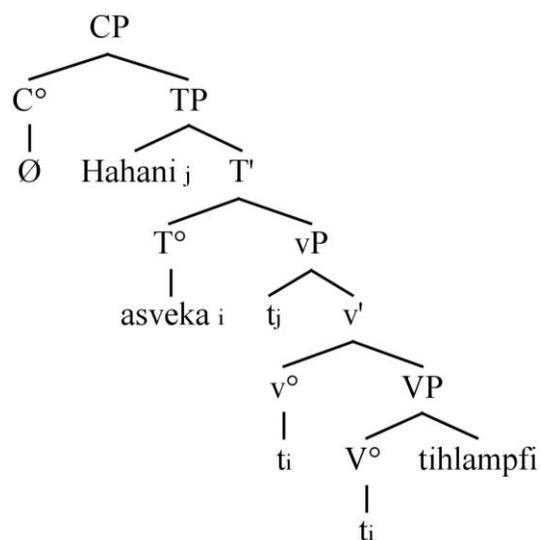
5.1.1. CONSTRUÇÕES TRANSITIVAS NÃO-DERIVADAS

Nessa seção examino o processo de derivação sintática das construções transitivas não-derivadas, ou seja, aquelas que não apresentam o morfema aplicativo. Para tanto tomemos a sentença transitiva com o verbo *kusveka* ‘cozinhar’, repetida abaixo:

- (94) Hahani asveka tihlampfi.
 Ø-Hahani a-svek-a ti-hlampfi
 1-tia 1MS-cozinhar-VF 10-peixe
 ‘Minha tia está cozinhando peixes.’
 (Chimbutane, 2002, adaptado)

Assumo que a derivação da sentença (94) acima procede da seguinte maneira: primeiramente, o núcleo V° junta-se ao seu complemento, *tihlampfi* ‘peixes’, formando o nível VP. Este último se junta ao núcleo v° que projeta em sua posição de especificador o argumento externo *Hahani* ‘tia’. Em seguida, a projeção máxima vP se junta ao núcleo T° e o traço EPP da sonda T° busca pelo argumento externo que se move para *Spec-TP*. A projeção máxima TP se junta ao núcleo C° , que não possui realização morfofonológica, formando o nível CP, encerrando, assim, a computação sintática da sentença após o *spell-out* de toda a estrutura já formada. Essa derivação é demonstrada pela representação a seguir:

(95) Construção transitiva não-derivada



Fonte: Elaborada pela autora

Na próxima seção analisaremos a derivação sintática de sentenças derivadas a partir do processo de aplicativização.

5.1.2. CONSTRUÇÕES DERIVADAS POR APLICATIVIZAÇÃO

Nesta seção examinaremos a construção transitiva complexa derivada por meio do processo de aplicativização. Este tipo de construção mantém uma leitura default, não-marcada, visto que não há saliência discursiva. Neste contexto observamos a inserção do núcleo aplicativo {-el-}, o qual projeta o objeto aplicado *vapfumba* ‘convidados’, como demonstra o dado a seguir:

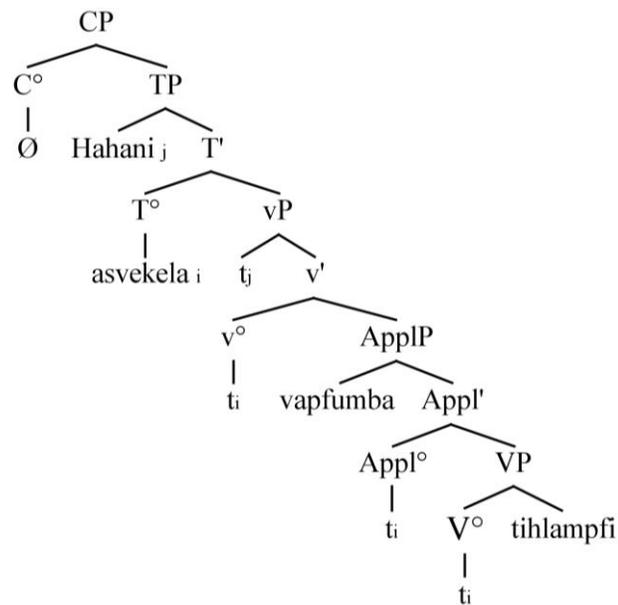
- (96) Hahani asvekela **vapfumba** tihlampfi
 Ø-Hahani a-svek-el-a va-pfumba ti-hlampfi
 1-tia 1MS-cozinhar-APPL-VF 2-convidado 10-peixe
 ‘Minha tia está cozinhando peixes para os convidados.’

(Chimbutane, 2002, adaptado)

Seguindo o mesmo raciocínio da derivação sintática proposta na seção anterior, proponho que a derivação sintática da sentença em (96) segue as seguintes etapas derivacionais: o núcleo aplicativo introduz o objeto aplicado *vapfumba* ‘convidados’. Após a projeção ApplP combinar-se com o núcleo v° , o domínio VP é então enviado a *spell-out*. Em seguida, o núcleo v° projeta o argumento externo *Hahani* ‘tia’ em *Spec-vP* e a projeção máxima vP se junta ao núcleo T° . Este núcleo sonda em seu domínio um argumento disponível para valorar o seu traço EPP. Por esta razão, o argumento externo se move para *Spec-*

TP. Nesse ponto da derivação o nível *vP* é enviado a *spell-out*. Por fim, a projeção máxima TP se junta ao núcleo C° , que não tem realização morfofonológica, finalizando a computação sintática com a formação da projeção CP, conforme o mapeamento sintático mostrado a seguir:

(97) Construção transitiva derivada por aplicativização



Fonte: Elaborada pela autora

Na próxima seção, investigamos a relação das propriedades do núcleo aplicativo alto fásico e a operação de focalização, com intuito de analisar o contexto sintático que gera construções com comportamento simétrico.

5.2. A ESTRUTURA DO NÚCLEO APLICATIVO E A FOCALIZAÇÃO EM CONSTRUÇÕES APLICATIVAS

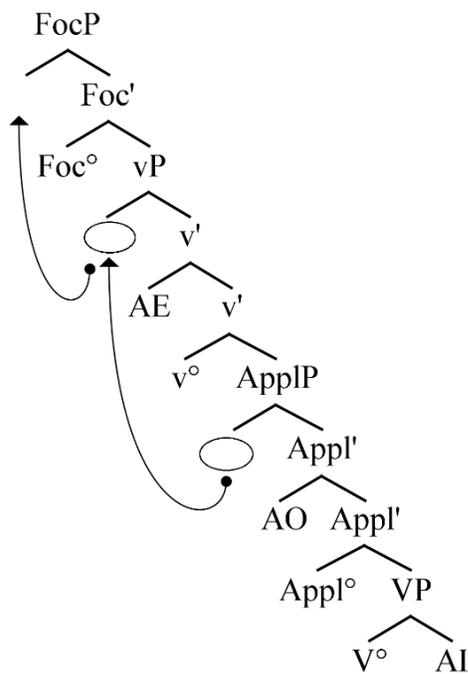
Com a finalidade de elucidar as propriedades do núcleo aplicativo alto e sua interação com a operação de focalização, tomo como base a proposta de derivação sintática do núcleo aplicativo alto de Pylkkänen (2008) e a proposta de McGinnis (2008), conforme a qual o núcleo aplicativo alto encabeça uma fase sintática, mais precisamente a fase AppP. Acompanhando essa linha de raciocínio, assumo doravante que o núcleo aplicativo em Changana encabeça uma fase sintática.

Conforme Chomsky (2001, 2012), um núcleo, por ser fásico, pode conter um traço EPP, e assim, projetar uma posição extra de especificador na borda da fase. Proponho que em Changana o acionamento do traço EPP do núcleo aplicativo alto fásico está diretamente associado ao traço ininterpretável FOC que está presente nas construções marcadas por focalização.

Sabe-se que nas línguas bantu um sintagma que recebe leitura de foco ocupa a posição imediatamente após o verbo (IAV). Neste ponto, assumirei o essencial da proposta de Duarte e Langa (2023), conforme a qual essa posição corresponde à posição de *Spec-FocP*, a qual é gerada acima de *vP* e abaixo de *TP*. Portanto, quando há um constituinte em foco na sentença, seja o objeto aplicado

ou o objeto direto, a estrutura sintática abstrata deve conter uma projeção de FocP acima da projeção vP. Esse constituinte deve ser, então, movido de sua posição de base para *Spec*-FocP, conforme indicado pela representação arbórea abaixo:

(98) Movimento cíclicos e sucessivos para *Spec*-FocP



Fonte: Elaborada pela autora

No mapeamento sintático acima, notamos que o movimento de um sintagma para a posição de *Spec*-AppIP, em seguida para *Spec*-vP e consequentemente para *Spec*-FocP, está diretamente associado à necessidade de valoração do traço ininterpretável FOC da sonda Foc°. Por conseguinte, o

argumento que entra na operação de *Agree* com a sonda Foc° é aquele que carrega o traço [μFOC], ou seja, aquele que possui interpretação discursiva de foco.

Em Changana, o argumento focalizado pode ser tanto o objeto aplicado quanto o objeto direto. Em conformidade com essa abordagem, esses argumentos precisam se mover para *Spec-FocP* para receberem a leitura de foco. Assumirei que o objeto aplicado se move de sua posição de base para a posição de *Spec-vP* e depois para *Spec-FocP*, enquanto o objeto direto se move primeiramente para borda da fase ApplP (*escape hatch*) e em seguida para a borda da fase vP e finalmente se move para *Spec-FocP*. Tendo por base essa abordagem, assumirei, doravante que Changana é uma língua híbrida, pois ora apresenta construções default de objeto assimétrico ora apresenta construções marcados de objeto simétrico.

Nas duas próximas seções, elaboro em detalhe essa propriedade sintática da língua. Para tal, proponho uma derivação sintática das construções aplicativas não-marcadas em interação com as operações de passivização e marcação de objeto a fim de exemplificar o estatuto dessas construções como sendo assimétricas em oposição às construções de foco que exibem um comportamento simétrico.

5.3. DERIVANDO AS CONSTRUÇÕES APLICATIVAS PASSIVIZADAS

Nesta seção, o objetivo é explicar a assimetria no comportamento dos objetos em sentenças passivas. Nessas construções, apenas o objeto aplicado pode ser passivizado, enquanto o objeto direto não pode ser movido para a posição de sujeito, *Spec-TP*. Comparem-se as sentenças abaixo:

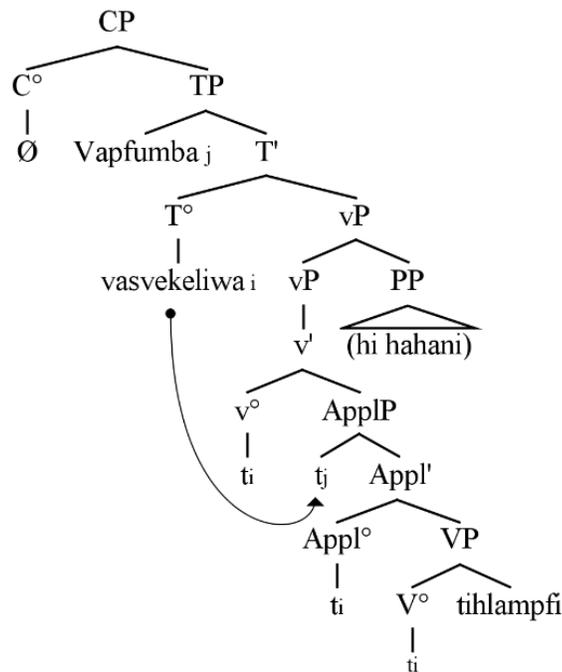
(99) Vapfumba vasvekeliwa tihlampfi (hi hahani).
 Va-pfumba va-svek-el-iw-a ti-hlampfi (hi hahani)
 2-convidado 2MS-cozinhar-APPL-PAS-VF 10-peixe por 1-tia
 ‘Os convidados são cozinhados alguns peixes (pela minha tia).’

(100) *Tihlampfi tisvekeliwa vapfumba (hi hahani).
 Ti-hlampfi ti-svek-el-iw-a va-pfumba (hi hahani)
 10-peixe 10MS-cozinhar-APPL-PAS-VF 2-convidado por 1-tia
 ‘Alguns peixes são cozinhados para os convidados (por minha tia).’

(Chimbutane, 2002, adaptado)

Uma maneira de explicarmos a agramaticalidade de (100) é postularmos que o objeto direto é enviado a *spell-out* ainda muito cedo na derivação sintática. Nesse sentido, a derivação da sentença (99) acima pressupõe que primeiramente o objeto direto se junta ao núcleo V° , formando o nível VP e depois o núcleo aplicativo se junta ao VP e introduz o objeto aplicado, gerando o nível ApplP. Em seguida, o nível ApplP se junta ao núcleo v° passivo, o qual não projeta um

argumento externo e por esse motivo não pode ser considerado um núcleo fásico. Neste momento da derivação, o nível VP, que é o domínio da fase ApplP, é enviado ao componente fonológico, permanecendo interno a esse domínio o objeto direto. Em seguida, adjunge ao nível ν P o agente da passiva. Logo depois, o nível ν P se junta ao núcleo T° e este último sonda em seu domínio por um argumento disponível para se mover para *Spec-TP* a fim de valorar o traço EPP da sonda T° . No domínio de T° , a saber ν P, apenas o núcleo aplicativo e sua posição de especificador permanecem disponíveis para operações sintáticas posteriores, haja vista que o VP, que constitui o domínio da fase ApplP, é enviado para *spell-out*. Sendo assim, o objeto aplicado em *Spec-AppIP* é o único argumento disponível para estabelecer a relação de *Agree* com a sonda T° . Logo, será então o objeto aplicado que se move para *Spec-TP* e, em seguida, a projeção CP é juntada a TP, produzindo a derivação sintática final, tal como formulado abaixo:

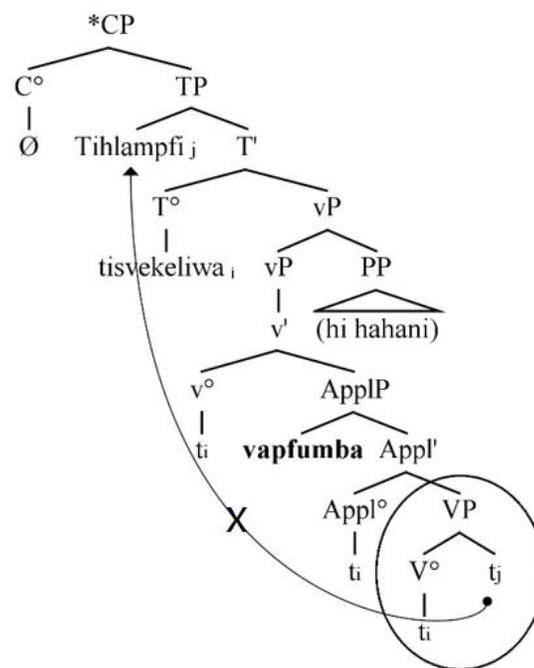
(101) Alçamento do objeto aplicado para *Spec-TP*

Fonte: Elaborada pela autora

A partir da proposta de derivação acima, assumo que apenas o objeto aplicado poder ser alçado para *Spec-TP*. Ademais o objeto direto não pode ser movido para *Spec-TP* em virtude do fato de já ter sido enviado muito cedo a Spell-Out e, portanto, não estar mais disponível para operações sintáticas posteriores. Essa é a razão por que a construção applicativa passivizada em (100) se torna agramatical. Mais precisamente o objeto direto *tihlampfi* 'peixes' não pode ser movido para *Spec-TP*, já que é enviado a *spell-out* logo que a projeção ApplP se

junta ao núcleo v° , conforme fica demonstrado pela derivação sintática da sentença (100) abaixo.

(102) Alçamento do objeto direto para Spec-TP em construções applicativas passivizadas não-marcadas



Domínio enviado para spell-out inacessível para operações sintáticas.

Fonte: Elaborada pela autora

Percebemos, portanto, por meio das derivações sintáticas apresentadas acima, que o comportamento dos objetos pós-verbais em construções applicativas passivizadas sem leitura marcada favorece a proposta, conforme a qual essas

construções apresentam comportamento assimétrico, já que apenas o objeto aplicado participa da operação de passivização, enquanto o objeto direto não está disponível para tal operação. Em vista disso, adoto a proposta de que nessas construções o núcleo aplicativo não aciona o traço EPP, fato que explica por que o objeto direto não pode escapar do domínio VP e cruzar borda da fase ApplP em direção à posição de Spec-TP.

Na próxima seção investigaremos o comportamento dos objetos aplicado e direto em construções aplicativas não-marcadas interagindo com a operação gramatical de marcação de objeto.

5.4. DERIVANDO AS CONSTRUÇÕES APLICATIVAS COM MARCA DE OBJETO

Nesta seção investigaremos a interação da operação de aplicativização e da marcação de objeto com o propósito de discutir a assimetria percebida em relação ao comportamento dos objetos aplicado e direto. Mantenho a premissa de que é a derivação sintática da construção aplicativa não-marcada com núcleo aplicativo alto fásico que explica tal comportamento. Nessas estruturas, o núcleo aplicativo alto não possui o traço de margem EPP, de modo que o objeto direto não consegue permanecer ativo na estrutura para engatilhar a operação de marcação de objeto.

Nas construções aplicativas com marcação de objeto notamos que há a introdução do morfema de classe, correferencial ao NP ao qual se liga, afixado imediatamente antes da raiz verbal, tal qual observamos nos dados de marcação de objeto retomados abaixo:

(103) Hahani avasvekela tihlampfi (vapfumba).

Ø-Hahani	a-va-svek-el-a	ti-hlampfi	(va-pfumba)
1-tia	1MS-2MO-cozinhar-APPL-VF	10-peixe	2-convidado

‘Minha tia está cozinhando peixes para eles, (os convidados).’

(Chimbutane, 2002, adaptado)

Contudo, a marcação do objeto no verbo não pode ocorrer para fazer referência ao objeto direto, conforme se vê pelos dados a seguir:

(104) *Hahani atisvekela vapfumba (tihlampfi).

Ø-Hahani	a-ti-svek-el-a	va-pfumba	(ti-hlampfi)
1-tia	1MS-2MO-cozinhar-APPL-VF	2-convidado	10-peixe

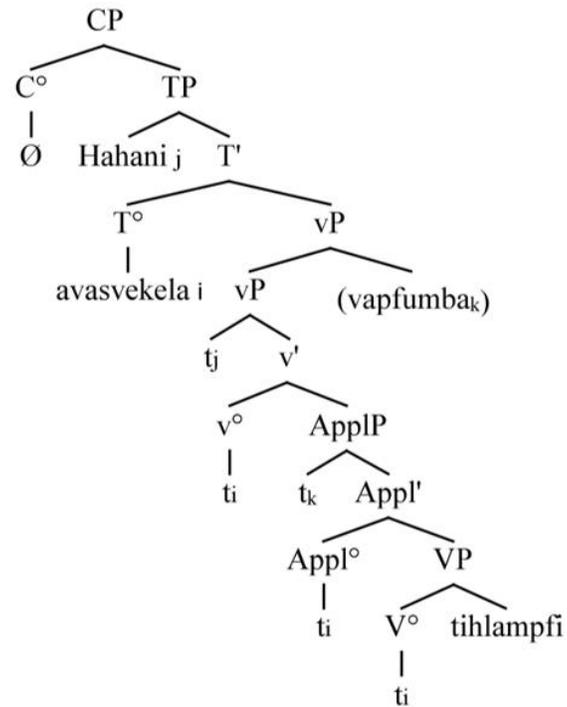
‘Minha tia está cozinhando os convidados para eles, (os peixes).’

(Chimbutane, 2002, adaptado)

A partir dos dados acima, observa-se que apenas o objeto aplicado *vapfumba* ‘convidados’ pode participar da operação de marcação de objeto. A motivação da restrição de o objeto direto não poder participar da operação de marcação de objeto se dá pelo fato de que, no processo de computação sintática

dessa construção, o núcleo aplicativo não aciona o traço EPP que seria necessário para possibilitar o movimento do objeto direto para fora do nível VP antes do envio deste para o componente fonológico. Por consequência, o objeto direto permanece inativo para figurar em operações em níveis hierárquicos mais altos e, portanto, não está apto a estabelecer a operação de *Agree* com o núcleo v° . Essa restrição fica mais evidente se assumirmos que a derivação sintática da sentença em (103) segue as seguintes etapas derivacionais: a sonda v° busca pelo NP mais próximo em seu domínio, a saber ApplP, para realizar a operação de *Agree*. Dentro do domínio de v° apenas o objeto aplicado e o núcleo aplicativo se encontram disponíveis. Tendo em vista que o domínio VP já foi enviado para *spell-out*, o objeto direto não pode estabelecer a operação *Agree* com a sonda v° , conforme mostra a representação sintática abaixo:

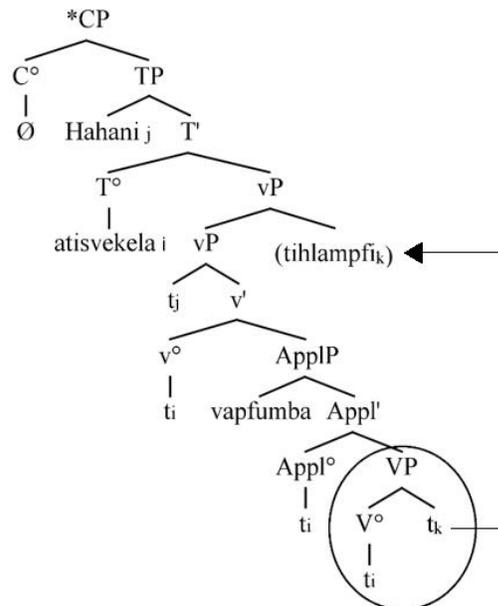
(105) Marcação do objeto aplicado na construção applicativa não-marcada



Fonte: Elaborada pela autora

A impossibilidade de movermos o objeto direto para a borda de ApplP explica a agramaticalidade da sentença em (104). A razão é simples: uma vez que o domínio VP já foi enviado a *spell-out*, o objeto direto não fica acessível para entrar em operação de *Agree* com a sonda v° , conforme se vê pela impossibilidade de movermos o objeto direto para a borda de ApplP na derivação sintática abaixo:

(106) Marcação do objeto direto na construção aplicativa não-marcada



Domínio enviado para spell-out inacessível para operações sintáticas.

Fonte: Elaborada pela autora

A partir da análise dos dados desta seção, reforçamos a proposta de que as construções aplicativas transitivas complexas com leitura não-marcada apresentam o comportamento assimétrico dos objetos pós-verbais, haja vista que apenas o objeto aplicado pode estabelecer uma operação *Agree* com o objeto.

Na próxima seção o objetivo é oferecer derivações sintáticas das construções aplicativas em que o foco de contraste recai sobre o objeto aplicado ou sobre o objeto tema, evidenciando o comportamento simétrico dos objetos pós-verbais nessas construções.

5.5. DERIVANDO CONSTRUÇÕES APLICATIVAS FOCALIZADAS

Nesta seção proponho a derivação de construções aplicativas em interação com a operação de focalização, que envolve a atribuição de uma leitura de foco a um argumento da estrutura sintática. Essa leitura de foco está relacionada ao traço FOC que o argumento carrega ao entrar na derivação. Tal fato, interfere no comportamento dos objetos pós-verbais e nas restrições sintática formuladas até então. Comparem-se os dados repetidos a seguir:

(107) Hahani asvekela VAPFUMBA tihlampfi, angali B'ava.

Ø-Hahani	a-svek-el-a	va-pfumba	ti-hlampfi
1-tia	1MS-cozinhar-APPL-VF	2-convidado	10-peixe
angali	Ø-B'ava		
NEG	1-papai		

'Minha tia está cozinhando peixes para OS CONVIDADOS e não para o papai.'

(108) Hahani asvekela TIHLAMPFI vapfumba, angali tihuku.

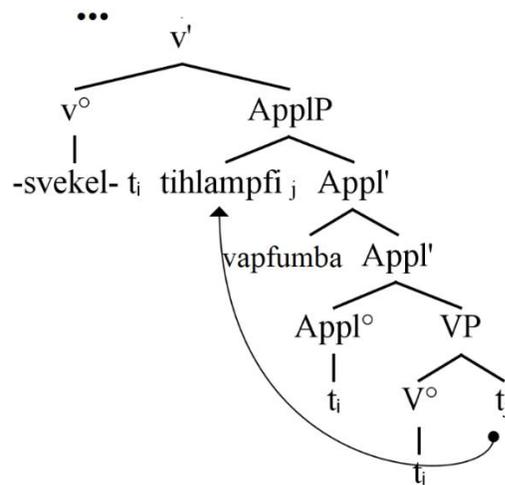
Ø-Hahani	a-svek-el-a	ti-hlampfi	va-pfumba
1-tia	1MS-cozinhar-APPL-VF	10-peixe	2-convidado
angali	ti-huku		
NEG	10-galinha		

'Minha tia está cozinhando PEIXES para os convidados e não galinhas.'

Nos dados acima, percebemos que os objetos imediatamente após o verbo recebem leitura de foco. Portanto, o leitor atento pode se perguntar como é possível que o objeto direto se mova para antes do objeto aplicado na sentença

(108). Uma maneira de explicarmos esse fato é propormos que o núcleo aplicativo aciona o traço de margem EPP, disponibilizando assim uma posição de especificador extra que funciona como *escape hatch* para que o objeto direto focalizado se mova primeiro para *Spec-AppIP*. Assim sendo, antes que o domínio de VP seja enviado para *spell-out*, o traço de margem do núcleo aplicativo atrai o objeto direto para a borda da fase, deixando-o disponível para participar de operações sintáticas no domínio C/T/vP, conforme a etapa derivacional mostrada a seguir:

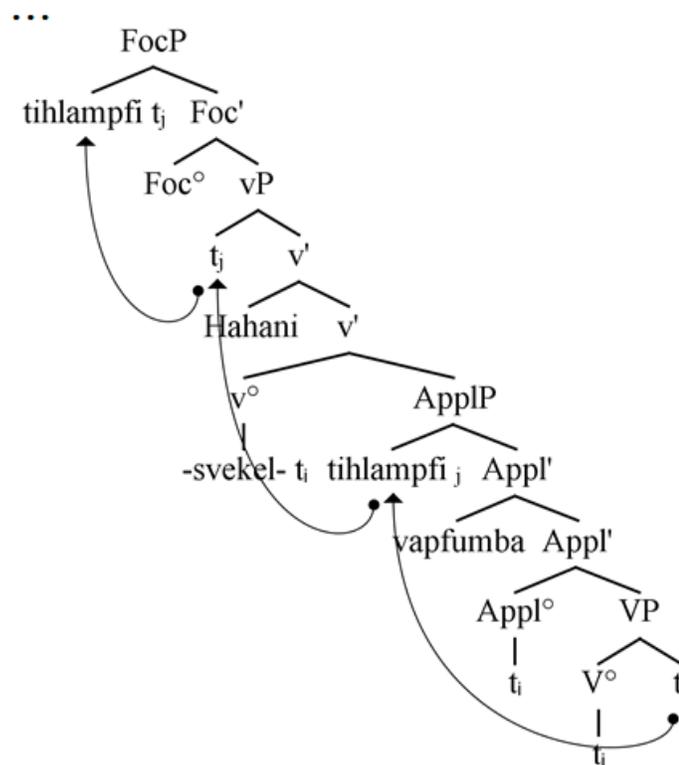
(109) Movimento de *escape hatch* do objeto direto para *Spec-AppIP*



Fonte: Elaborada pela autora

Em seguida, a partir da posição de margem em que o objeto direto se encontra, esse argumento é então movido para *Spec-vP* e em seguida para *Spec-FocP*, conforme a derivação sintática mostrada a seguir:

- (110) Movimentos cíclicos e sucessivos do objeto direto pelas bordas das fases até a posição de *Spec-FocP*



Fonte: Elaborada pela autora

A partir da derivação delineada acima, proponho que em construções aplicativas focalizadas, o núcleo aplicativo aciona o traço EPP, de modo a possibilitar que o objeto direto escape do nível VP e se mova para a posição de especificador externo no núcleo fásico aplicativo. Ao proceder a inserção de um traço EPP nesse núcleo, o objeto direto se move para *Spec-AppIP*, de tal sorte que fica disponível para operações sintáticas acima de VP, antes que esse domínio seja enviado para *spell-out*. Deste modo, quando o objeto direto carrega o traço FOC ele se move, inicialmente, para *Spec-AppIP* e, em seguida, para *Spec-vP* e, finalmente, se aloja em *Spec-FocP*, posição sintática onde tem seu traço de foco é valorado pelo núcleo *Foc^o*, conforme mostra a derivação em (110) acima.

Por outro lado, em contextos em que é o objeto aplicado que possui o traço FOC, será esse argumento que se move primeiro para *Spec-vP* e depois para *Spec-FocP*. Cabe salientar que, em tal contexto, não há o movimento do objeto aplicado para a margem da fase *AppIP* devido ao *Remerger Constraint*. Consoante essa restrição, um núcleo não pode se juntar a um constituinte ao qual já tenha se juntado, ou seja, o objeto aplicado é um argumento que é projetado pelo núcleo aplicativo e, portanto, não é elegível para se mover para a margem de *AppIP*.

A derivação sintática da sentença em que o objeto aplicado carrega o traço FOC pressupõe que o objeto aplicado se move por cima do objeto direto e do argumento externo e, depois, para *Spec-FocP* a fim de ter seu traço de foco

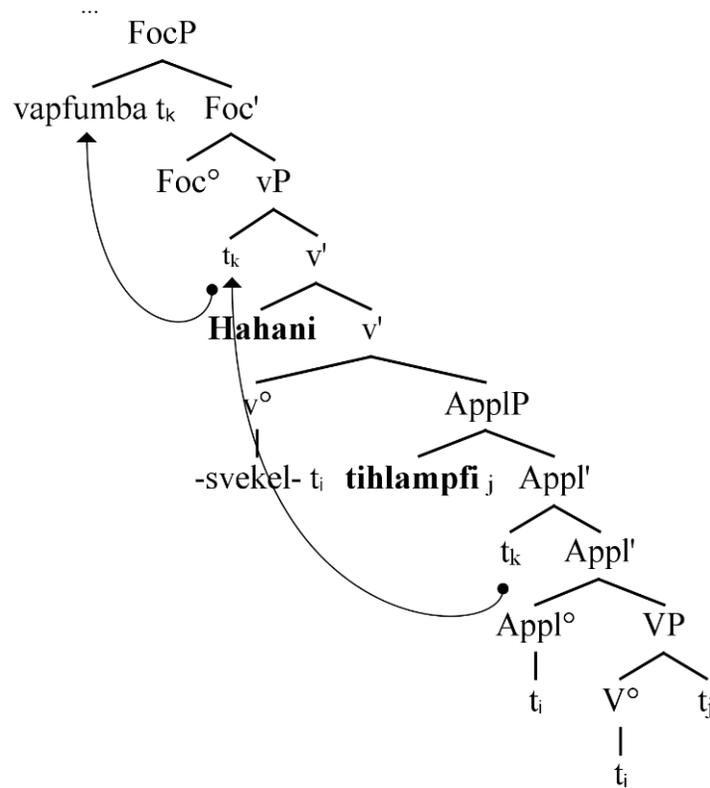
valorado pelo núcleo Foc°. O movimento do objeto aplicado por cima do objeto direto e do argumento externo não viola a *Minimal Link Condition*, uma vez que o objeto aplicado é o único argumento que carrega o traço de foco durante a derivação sintática. Sendo assim, o objeto direto e o argumento externo não são alvo elegíveis para o núcleo Foc°. Destarte, a derivação da sentença (107), repetida como (111), ocorre como indicado na estrutura em (112) abaixo:

(111) Hahani asvekela VAPFUMBA tihlampfi, angali B'ava.

Ø-Hahani	a-svek-el-a	va-pfumba	ti-hlampfi
1-tia	1MS-cozinhar-APPL-VF	2-convidado	10-peixe
angali	Ø-B'ava		
NEG	1-papai		

'Minha tia está cozinhando peixes para OS CONVIDADOS e não para o papai.'

(112) Movimentos cíclicos e sucessivos do objeto aplicado pelas bordas das fases até a posição de *Spec-FocP*



Fonte: Elaborada pela autora

Na próxima seção, analiso como se dá a operação de marcação de objeto em construções com foco de objeto.

5.5.1. DERIVANDO CONSTRUÇÕES APLICATIVAS FOCALIZADAS COM MARCA DE OBJETO

Nesta seção, analiso as construções marcadas por focalização em que há interação com a operação de marca de objeto. Nesse contexto gramatical, observamos que pode haver a marcação do objeto aplicado ou do objeto direto, situação que dependerá de qual objeto vier focalizado na estrutura. Para tal, comparem-se os dados abaixo:

(113) Hahani avasvekela TIHLAMPFI, angali tihuku.

Ø-Hahani	a-va-svek-el-a	ti-hlampfi
1-tia	1MS-2MO-cozinhar-APPL-VF	10-peixe
angali	ti-huku	
NEG	10-galinha	

'Minha tia está cozinhando PEIXES e não galinhas.'

(114) Hahani atisvekela VAPFUMBA, angali B'ava.

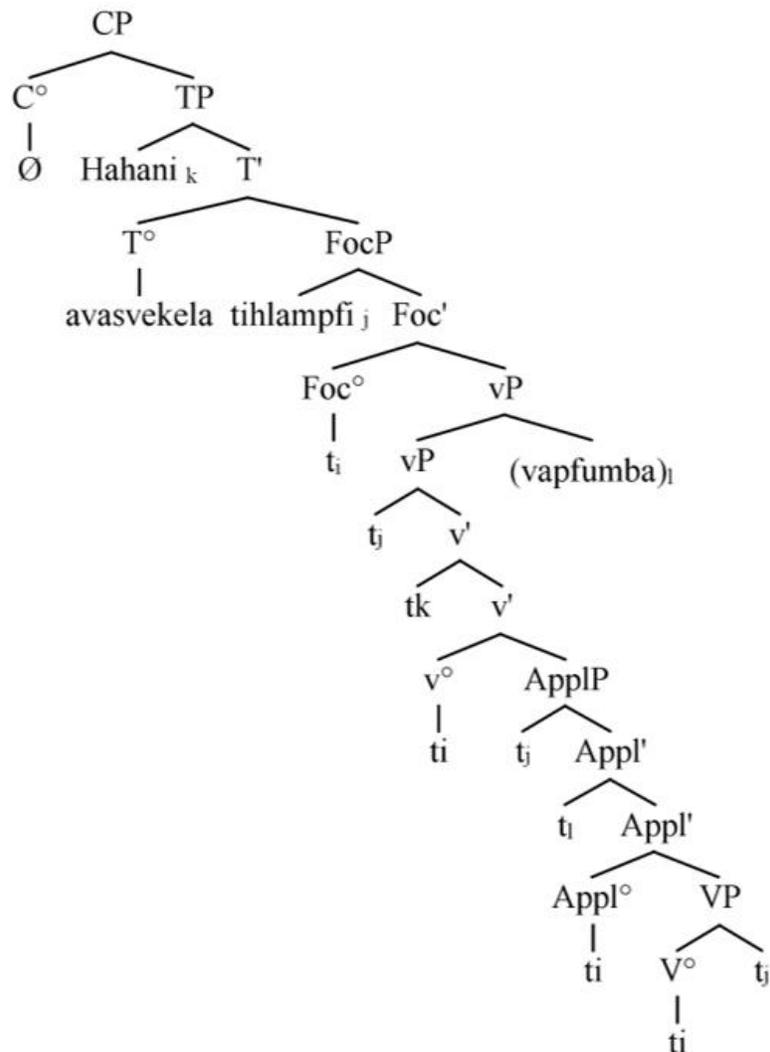
Ø-Hahani	a-ti-svek-el-a	va-pfumba
1-tia	1MS-10MO-cozinhar-APPL-VF	2-convidado
angali	Ø-B'ava	
NEG	1-papai	

'Minha tia está cozinhando para OS CONVIDADOS e não para o papai.'

Os dados acima demonstram que a posição IAV aloja o constituinte que recebe foco de contraste. Assumiremos que essa posição corresponde a *Spec-FocP*. Tendo em conta essas assunções, postularemos que a derivação da sentença (113) ocorre da seguinte maneira: o objeto direto, que carrega o traço de foco, tem de se mover da sua posição de base para borda da fase ApplP, antes que o

domínio VP seja enviado para *spell-out*. A partir dessa posição, move-se sucessivamente, primeiro, para *Spec-vP* e, em seguida, para *Spec-FocP*, a fim de ter seu traço de foco valorado pelo núcleo Foc° . Em tais contextos, o objeto aplicado estabelece a operação *Agree* com o núcleo v^0 , engatilhando o prefixo de objeto no verbo, e se adjunge à *vP*. Tendo por base essa análise, assumimos que a sentença (113) possui as etapas derivacionais mostradas na representação arbórea abaixo:

- (115) Construção applicativa com objeto direto focalizado e com o objeto aplicado marcado no verbo



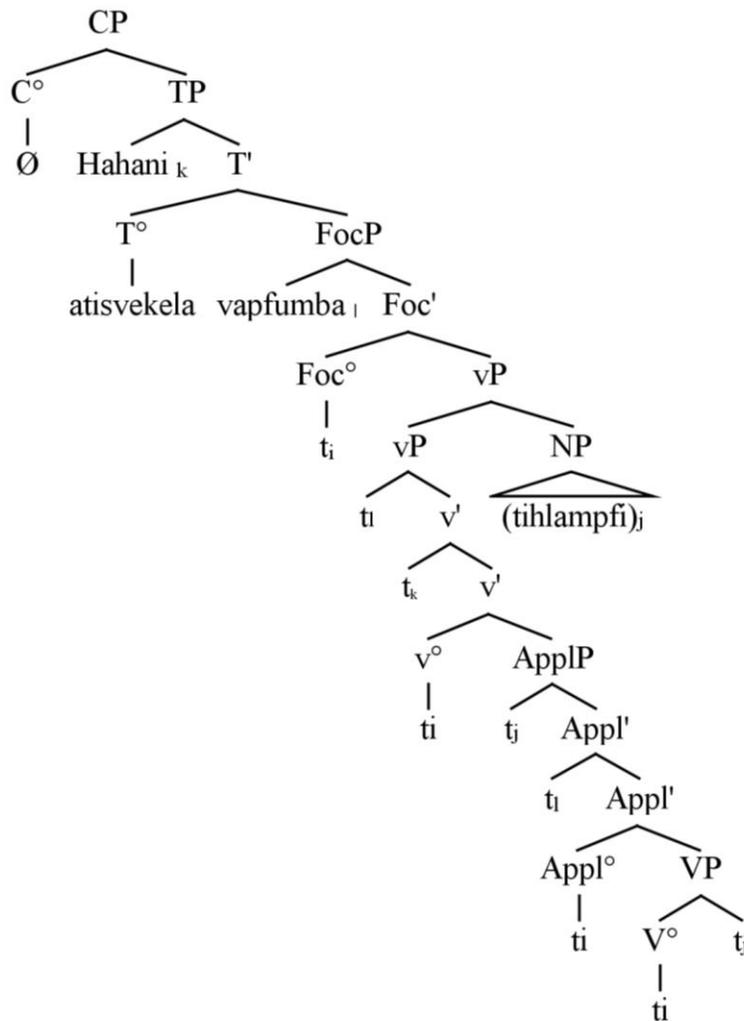
Fonte: Elaborada pela autora

Todavia, a derivação da sentença (114) deve pressupor que o objeto aplicado se move de sua posição de base para *Spec-vP* e, na sequência, se move

uma vez mais até *Spec-FocP*, de modo a ter seu traço de foco valorado. Já o objeto direto estabelece a relação de *Agree* com núcleo v^0 , de modo que o resultado dessa operação é a ocorrência do prefixo de objeto {-ti-} prefixado à raiz verbal. Assumiremos que esse argumento é juntado na posição de adjunção a vP . A derivação dessa sentença é indicada abaixo. Notem que o objeto aplicado recebe leitura de foco, enquanto o objeto direto recebe uma leitura de definitude⁶ e referencial, visto que marcado no verbo pelo prefixo de objeto, conforme mostra a derivação sintática abaixo:

⁶ Para mais detalhes sobre concordância de objeto e leitura de definitude, remeto o leitor ao artigo de Duarte (2011) e de Ngunda, Duarte e Camargos (2016).

- (116) Construção applicativa com objeto aplicado focalizado e o objeto direto marcado no verbo



Fonte: Elaborada pela autora

As propostas elaboradas acima evidenciam, portanto, que ora é o objeto aplicado engatilha o prefixo correfencial no verbo, ora é o objeto direto. Nessas construções, assumiremos que o Changana apresenta um comportamento de

língua simétrica, haja vista que tanto o objeto aplicado como o objeto direto podem ser marcados no verbo por meio da ocorrência do prefixo de objeto na raiz, uma ou outra situação dependerá, evidentemente, dos contextos sintático-pragmáticos em que os objetos pós-verbais estão envolvidos.

5.6. RESUMO DO CAPÍTULO

Dado o exposto, verificamos que em contextos de leitura default o núcleo aplicativo não aciona o traço EPP e, portanto, não projeta a posição de margem que serve como *escape hatch* para que o objeto direto se mova para posições acima do VP. Essa correlação explica, portanto, por que o objeto direto não se mantém acessível para as sondas T° e v° nas construções passivas e de marcação de objeto.

Já em contextos de focalização, assumimos que o núcleo aplicativo aciona o traço EPP, projetando uma posição extra de especificador que funciona como um ponto de fuga para o objeto direto. Este último, então, se move do domínio VP para *Spec-AppIP* antes que o nível VP seja enviado para *spell-out*, permitindo assim que o objeto direto possa interagir com operações gramaticais fora do domínio VP.

Em síntese, a proposta de análise deste trabalho para os fenômenos apresentados neste capítulo, é que as propriedades sintático-semânticas relacionadas ao comportamento dos objetos pós-verbais de construções

aplicativas não-marcadas e marcadas são: (i) o núcleo aplicativo alto é fásico e pode acionar o traço de margem; (ii) o traço EPP do núcleo aplicativo é acionado apenas nos contextos de focalização; (iii) o traço de foco é valorado pelo núcleo Foc^o; e, (iv) nas construções aplicativas não-marcadas os objetos pós-verbais apresentam um comportamento assimétrico; enquanto nas construções aplicativas marcadas os objetos pós-verbais exibem comportamento simétrico no sentido de que ambos podem engatilhar a operação de focalização ou de *Agree* com o verbo.

CAPÍTULO 6: CONSIDERAÇÕES FINAIS

Este capítulo tem por objetivo sumarizar as principais conclusões obtidas por meio das investigações desenvolvidas neste trabalho. A partir da análise de construções aplicativas, este trabalho assumiu o objetivo de identificar a tipologia do núcleo aplicativo que ocorre no conjunto de dados explorado. Tendo como base Pylkkänen (2008), e observando a gramaticalidade da afixação do morfema aplicativo {-el-} à diferentes bases verbais, principalmente às inergativas, averigui a realização tipológica do núcleo aplicativo alto nos dados de Changana, uma vez que o objeto aplicado não estabelece uma relação direta com o objeto direto (indivíduo-indivíduo), mas sim uma relação com o VP (indivíduo-evento).

Dada a natureza semântica da relação de tipo indivíduo-evento do núcleo aplicativo, e seguindo a proposta de McGinnis (2008), verifiquei que o núcleo aplicativo das sentenças analisadas encabeça a fase ApplP, que tem VP como seu domínio sintático. De acordo com Chomsky (2001), por ser um núcleo fásico, o núcleo aplicativo alto pode acionar o traço EPP, projetando uma posição de margem da fase. Nas construções aplicativas não marcadas o núcleo aplicativo alto não aciona o traço EPP, por outro lado nas construções aplicativas marcadas por focalização o traço EPP é acionado pelo núcleo aplicativo.

Seguindo a proposta de derivação por fase (CHOMSKY, 2001 e MCGINNIS, 2008) identifiquei que o objeto aplicado e o objeto direto se encontram em fases distintas: o objeto aplicado no domínio da fase vP — ApplP — e o objeto direto no domínio da fase ApplP — VP. Assumo, portanto, que essa característica é que gera a distinção do comportamento dos objetos pós-verbais, pois o envio domínio VP para o componente fonológico impossibilita o objeto direto de figurar nos mesmos contextos sintáticos que o objeto aplicado figura.

Por este motivo, proponho que as construções não-marcadas da língua Changana apresentam um perfil assimétrico no que diz respeito ao comportamento dos objetos pós-verbais, uma vez que o objeto aplicado é licenciado a mais contextos sintáticos que o objeto direto, a exemplo temos as operações de passivização e marcação de objeto.

Como propõe Duarte e Langa (no prelo) a posição imediatamente após o verbo corresponde a posição de *Spec-FocP*, do ponto estrutural. É nessa posição que o constituinte recebe a leitura de foco. A atribuição da interpretação discursiva de foco parece estar atrelada ao traço previamente apresentado pelo constituinte a ser focalizado, a saber o traço FOC. Isso faz com que em algumas construções o constituinte focalizado seja o objeto aplicado e em outras construções seja o objeto direto.

À vista disso, proponho que nas construções marcadas por focalização o objeto direto sai do domínio VP, motivado pelo traço EPP do núcleo aplicativo, e se move para *Spec-AppIP*. Nessa posição de *escape-hatch*, o objeto direto se encontra disponível para ser alvo dos núcleos Foc° e v° , para figurar nas operações de focalização e marcação de objeto, nessa ordem.

Em trabalhos futuros pretendo investigar se o objeto direto focalizado também pode ser alvo da sonda T° e alçar para *Spec-TP* em construções aplicativos passivizadas. A hipótese é que, seguindo a proposta da *Minimal Link Condition*, nesse contexto o objeto direto será o argumento disponível para se tornar sujeito das construções aplicativos passivizadas, dado que ele é o argumento elegível mais próximo da sonda T° por estar em *Spec-FocP*.

Os dados analisados demonstraram a interessante relação entre a operação de focalização e a operação de marcação de objeto que podem ou não ocorrer simultaneamente. Desse modo, quando não há a coocorrência da focalização e da marcação de objeto, percebemos que o NP focalizado se move para *Spec-FocP*, enquanto o NP não focalizado permanece in situ. Todavia, quando há a interação das operações, notamos que o NP focalizado se move para *Spec-FocP* ao passo que o NP não focalizado marcado no verbo ocorre em uma posição de adjunção fora do vP.

Destarte em Changana há uma fusão das propostas de van Der Val (2006) e a proposta de Cheng e Downing (2012). De modo que a proposta de movimento do NP focalizado de van Der Val (2006) se aplica nos contextos de construções aplicativas focalizadas com ou sem marcação de objeto, enquanto a proposta de movimento do NP não focalizado de Cheng e Downing (2012) se aplica a construções aplicativas focalizadas com marcação de objeto, nas quais o objeto marcado no verbo ocupa a posição de adjunção a vP.

CAPÍTULO 7: REFERÊNCIAS

BAKER, M.C. **Incorporation**. A theory of grammatical function changing. Chicago, IL: University of Chicago Press, 1988

BELLETTI, A. Aspects of the low IP area, in L. Rizzi (ed.) **The structure of CP and IP**. The Carthography of Syntactic Structures vol. 2, Oxford University Press, 2004, pp.16-51.

BRESNAN, Joan; MOSHI, Lioba. **Object Asymmetries in Comparative Bantu Syntax**. The MIT Press. Vol. 21, No. 2, 1990, pp. 147-185

CÂMARA, Crisófia da. As Implicações Sintáticas da Co-ocorrência das extensões Causativa e Aplicativa em Cinyungwe à luz do Princípio de Espelho. In. NGUNGA, A. (ed.). **Elementos de Linguística Teórica e Descritiva das Línguas Bantu**. Coleção: As Nossas Línguas XIV. Maputo: Centro de Estudos Africanos (CEA)-UEM, 2015.

CANÇADO, Marcia.; AMARAL. Luana. **Introdução à Semântica Lexical**: papéis temáticos; aspecto lexical e decomposição de predicados. Petrópolis: Vozes, 2016.

CAÇADO, Marcia. **Manual de semântica**: noções básicas e exercícios. 2 ed. 1ª reimpressão. São Paulo: Contexto, 2018

CHIMBUTANE, Feliciano. **Grammatical functions in Changana**: types, properties and function alternations. Tese de mestrado não publicada. The Australian National University. 2002.

CHOMSKY, Noan. Derivation by Phase. In: M. Kenstowicz (Ed.), **Ken Hale: A Life in Language**. Cambridge, MA: MIT Press, 2001, pp. 1-52

CHOMSKY, Noan. In: Graff, Peter & van Urk Coppe (Eds). **Chomsky's linguistics**. MIT Working Papers in Linguistics, 2012.

DUARTE, Fábio Bonfim. Caso, função sintática e papéis temáticos. In: **Revista Duc In Altum**, Muriaé, Faculdade Santa Marcelina, v. 6, n. 1, 2006

Duarte, Fábio Bonfim. Tense encoding, agreement patterns, definiteness and relativization strategies in Changana. In Bokamba, Eyamba G. (ed.), **Selected Proceedings of the 40th Annual Conference on African Linguistics**. Somerville: Cascadilla Proceedings Project. 2011, pp. 80-94

DUARTE, Fábio Bonfim.; LANGA, David. **Disjoint/conjoint alternation and the focus position in Xichangana**. (2023, no prelo)

- GUTHRIE, M. **Comparative Bantu**. Vols I-IV. Claredon. Oxford. University Press. 1967-1971
- KATAMBA, Francis. Bantu nominal morphology. In. NURSE, Derek; PHILIPPSON, Gérard (Eds.). **The Bantu Languages**. London: Routledge, 2003
- LANGA, David. Morfologia do Verbo em Changana. In. _____. **Morfofonologiado verbo em Changana**. Maputo: CEA, 2013.
- MCGINNIS, Martha. **Applicatives**. University of Calgary: Language and Linguistics Compass 2/6. 2008, pp. 1225–1245
- MCHOMBO, Sam. **The Syntax of Chichewa**. Cambridge: University Press, 2004
- NGONYANI, Deo; GITHINJI, Peter. **The asymmetric nature of Bantu applicative constructions**. *Lingua*. 2006, pp. 31–63
- NGUNGA, Armindo. **Introdução à linguística bantu**. Moçambique. Imprensa Universitária, 2004
- NGUNGA, Armindo; SIMBINE, Madalena Citia. **Gramática Descritiva da Língua Changana**. Coleção: As nossas línguas. Maputo: Centro de Estudos Africanos (CEA)-UEM, 2012.
- NGUNGA, Armindo, DUARTE, Fábio B. e CAMARGOS, Quesler. Differential object marking in Mozambican languages. In Doris L. Payne, Sara Pacchiarotti & Mokaya Bosire (eds.), **Diversity in African language**. Berlin: Language Science Press. 2016, pp. 333–354
- PYLKKÄNEN, L. **Introducing arguments**. PhD dissertation, Massachusetts: MIT. 2002. Republished: The MIT Press, 2008.
- RADFORD, Andrew. **Minimalist Syntax: Exploring the Structure of English**. Cambridge: University Press, 2004
- RIZZI, L. The fine structure of the left periphery, in L. Haegeman (ed.), **Elements of Grammar**, Dordrecht, Kluwer, 1997.
- PATEL, Samima; MAJUISSE, Atanásio; TEMBE, Félix. **Manual de Línguas Moçambicanas Formação de Professores do Ensino Primário e Educação de Adultos**. Maputo: Progresso, 2018

PAULA, Ronaldo Rodrigues de; DUARTE, Fábio Bonfim. Diversidade linguística em Moçambique. In: **Kadila: culturas e ambientes - Diálogos Brasil-Angola**. São Paulo: Blucher, 2016.

SELVANATHAN, Naga. A case based account of Bantu IAV-focus. In Emily Clem, Peter Jenks & Hannah Sande (eds.), **Theory and description in African Linguistics: Selected papers from the 47th Annual Conference on African Linguistics**. Berlin: Language Science Press, 2019, 623–645

SCHADEBERG, Thilo C. Derivation. In. NURSE, Derek; PHILIPPSON, Gérard (Eds.). **The Bantu Languages**. London: Routledge, 2003

WHALEY, Lindsay J. Valence. In. _____. **Introduction to Typology: The Unity and Diversity of Language**, London: SAGE Publications, 1996.

	() Sim. Se sim, especifique qual(quais):
A12	Com qual idade aprendeu o Português?

Avalie as frases abaixo em Changana e em Português, considerando os critérios de compreensão e produtividade. **Siga** a escala apresentada abaixo:

- 1 – Incompreensível, eu e outras pessoas não produzimos frases como essa.
- 2 – Compreendo muito pouco, eu não ouço outras pessoas produzindo frases como essa.
- 3 – Compreendo pouco, mas já ouvi em alguns contextos pessoas produzindo frases como essa.
- 4 – Compreendo bem, porém não produzo frases como essa.
- 5 – Compreendo muito bem, eu e outras pessoas produzimos frases como essa.

Observação: O uso de parênteses sugere que a palavra/expressão pode ser apagada da frase sem que haja alteração.

GRUPO B		
B1	Hahani asvekela vapfumba tihlampfi 'Minha tia está cozinhando peixes para os convidados.'	Nota:
B2	Hahani asvekela vapfumba tihlampfi, angali B'ava. 'Minha tia está cozinhando peixes para os convidados e não para o pai.'	Nota:
B3	Hahani asvekela vapfumba tihlampfi , angali tihuku. 'Minha tia está cozinhando peixes para os convidados e não galinhas.'	Nota:

GRUPO C		
C1	Hahani asvekela tihlampfi vapfumba. 'Minha tia está cozinhando peixes para os convidados.'	Nota:
C2	Hahani asvekela tihlampfi vapfumba , angali B'ava. 'Minha tia está cozinhando peixes para os convidados e não para o pai.'	Nota:
C3	Hahani asvekela tihlampfi vapfumba, angali tihuku. 'Minha tia está cozinhando peixes para os convidados e não galinhas.'	Nota:

GRUPO D		
D1	Hahani avasvekela tihlampfi (vapfumba). 'Minha tia está cozinhando peixes para eles, (os convidados).'	Nota:
D2	Hahani avasvekela tihlampfi (vapfumba), angali B'ava. 'Minha tia está cozinhando peixes para eles, (os convidados) e não para o pai.'	Nota:
D3	Hahani avasvekela tihlampfi (vapfumba), angali tihuku. 'Minha tia está cozinhando peixes para eles, (os convidados) e não galinhas.'	Nota:
D4	Hahani avasvekela (vapfumba) tihlampfi , angali tihuku.	Nota:

	'Minha tia está cozinhando peixes para eles, (os convidados) e não galinhas.	
--	--	--

GRUPO E		
E1	Hahani atisvekela vapfumba (tihlampfi). 'Minha tia está cozinhando (peixes) para os convidados.'	Nota:
E2	Hahani atisvekela vapfumba (tihlampfi), angali B'ava 'Minha tia está cozinhando (peixes) para os convidados e não para o pai.'	Nota:
E3	Hahani atisvekela vapfumba (tihlampfi), angali tihuku. 'Minha tia está cozinhando (peixes) para os convidados e não galinhas.	Nota:
E4	Hahani atisvekela (tihlampfi) vapfumba , angali B'ava 'Minha tia está cozinhando (peixes) para os convidados e não para o pai.'	Nota: